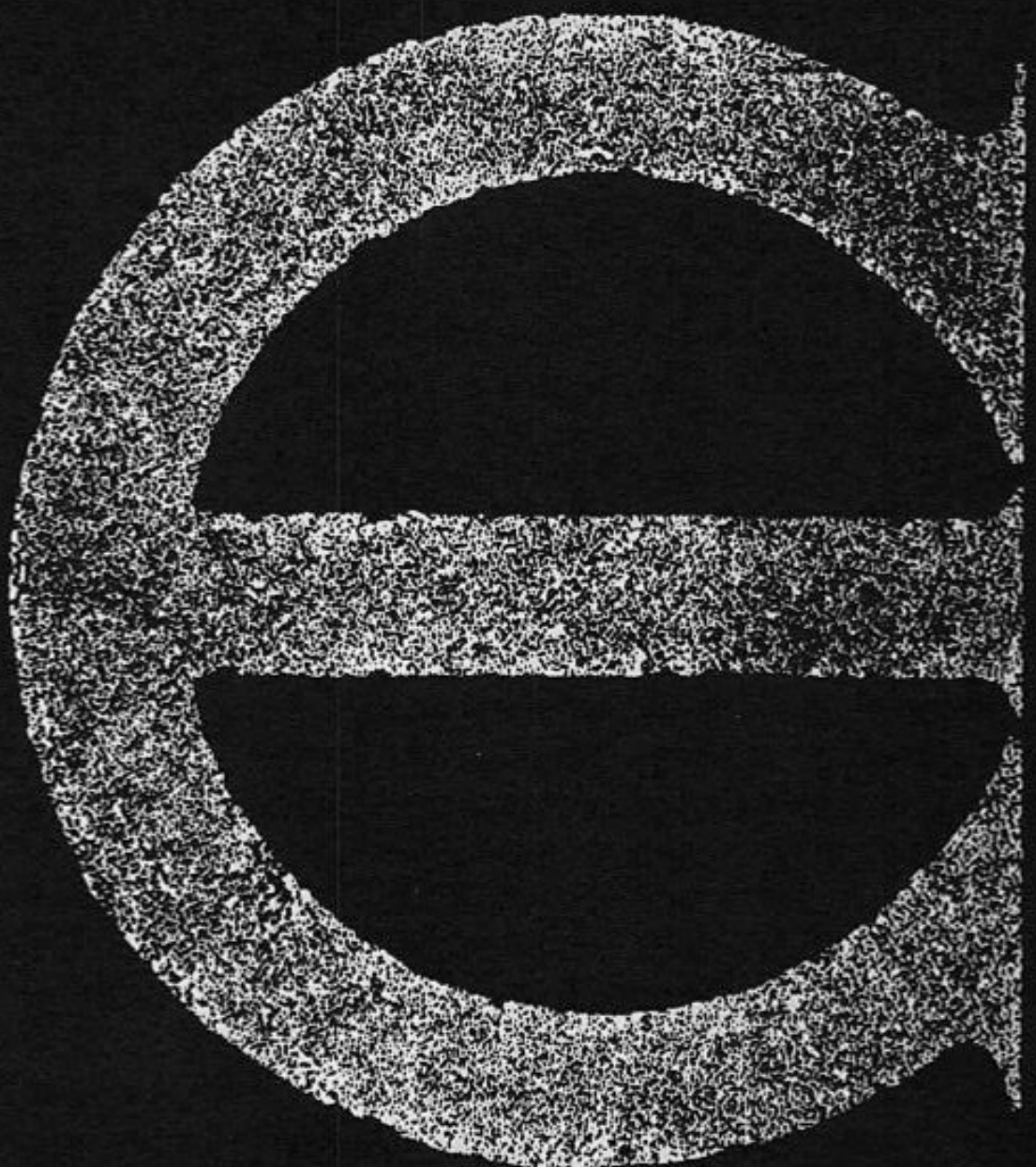
PAPUS

O OCULTISMO

COLECÇÃO ESFINGE

edições 70



21,45

Os domínios do mistério
prometem
as mais belas experiências

EINSTEIN

TecnArt
LIVRARIA E PAPELARIA
SHOPPING IGUATEMI TEL (019) 255.0163
GALLERIA SHOPPING TEL (019) 207.3310
R.BARRETO LEME, 1210 TEL (019) 232.0422

COLECÇÃO ESFINGE

1 – HISTÓRIA DA ASTROLOGIA, por Serge Hutin
2 – OS EXTRATERRESTRES NA HISTÓRIA, por Jacques Bergier
3 – O OURO DOS ALQUIMISTAS, por Jacques Sadoul
4 – O MISTÉRIO DAS CATEDRAIS, por Fulcanelli
5/6 – HISTÓRIA DA MAGIA, por Kurt Seligmann
7 – O LIVRO DOS MUNDOS ESQUECIDOS, por Robert Charroux
8 – OS ENIGMAS DA SOBREVIVÊNCIA, por Jacques Alexander
9 – O OCULTISMO, por Papus
10 – OS DOMINGOS DA PARAPSICOLOGIA, por H. Larcher e P. Revignan
11 – STONEHENGE – TEMPLO MISTERIOSO DA PRÉ-HISTÓRIA, por Fernand Niel
12 – ESTAMOS SÓS NO COSMOS?, por A. Pontmann, J. Illies e outros
14 – TRATADO DA PEDRA FILOSOFAL seguido de O PILOTO DA ONDA VIVA, por Lambsprink e M. Eyquem du Martineau
15 – AS MANSÕES FILOSOFAIS, por Fulcanelli
16 – O GRANDE E O PEQUENO ALBERTO
17 – OS 13 PANTÁCULOS DA FELICIDADE, por Kersaint
18 – MANUAL PRÁTICO DE ASTROLOGIA, por Joëlle de Gravelaine
19 – CARTAS E DESTINO, por Hadès
20 – A ARQUEOLOGIA MISTERIOSA, por Michael-Claude Touchard
21 – OS GRANDES LIVROS MISTERIOSOS, por Guy Bechtel
22 – SETE, O NÚMERO DA CRIAÇÃO, por Desmond Varley
23 – AS MEDICINAS TRADICIONAIS SAGRADAS, por Claudine Brelet-Rueff
24 – A CIÊNCIA PERANTE O DESCONHECIDO, por F. L. Boschke
25 – A CHAVE DA TEOSOFIA, por H. P. Blavatsky
26 – A TRADIÇÃO HERMÉTICA, por Julius Evola
27 – TRATADO DA REINTEGRAÇÃO DOS SERES CRIADOS, por Martinets de Pasquallys
28 – A CABALA E A TRADIÇÃO JUDAICA, por R. de Tryon-Montalembert e K. Hruby
29 – OS ROSAS-CRUZES, por J.-P. Bayard e P. Montloin
30 – A MAGIA DOS NÚMEROS, por Jorg Sabellicus
31 – A HISTÓRIA DA PARAPSICOLOGIA, por Massimo Inardi
32 – A TELEPATIA, por Vicenzo Nestler
33 – A SINARQUIA, por Jean Saunier
34 – A LEVITAÇÃO, por Anna Maria Turi
35 – OS CÁTAROS, por René Nelli
36 – O ESPIRITISMO, por Jacques Lantier
37 – ALQUIMIA E OCULTISMO, por Hermes, Zózimo e outros
38 – INICIAÇÃO À ASTROLOGIA, por Leonardo Oliveira
39 – O SUFISMO, por William Stoddart
40 – CIVILIZAÇÕES SUPERIORES DA ANTIGUIDADE
41 – OS GRANDES ENIGMAS DA ARQUEOLOGIA
42 – AS PEDRAS E A ESCRITA
43 – O SIMBOLISMO DO TEMPLO CRISTÃO, por Jean Hani
44 – A CIÊNCIA DOS SÍMBOLOS, por René Alleau
45 – AS CIVILIZAÇÕES DO MISTÉRIO, por Sabatino Moscati
46 – O REI DO MUNDO, por René Guénon
47 – NOS CONFINS DO MUNDO, por C. Finzi
48 – HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCULTA, por Alexandrian
49 – O SEXO, OS ASTROS E NÓS, por Huguette Hirsig

O OCULTISMO

Título original: *L'OCCULTISME*

© *Éditions Robert Laffont, S. A., 1975*

Tradução de *António Last*

Capa de Edições 70

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa
por Edições 70, L.da, Lisboa — PORTUGAL

EDIÇÕES 70, LDA., Av. Duque de Ávila, 69-r/c Esq. — 1000 LISBOA
Telef. 57 83 65 / 55 68 98 / 57 20 01
Telegramas: SETENTA
Telex: 64489 TEXTOS P

Delegação do Norte: Rua da Fábrica, 38-2.º, Sala 25 — 4000 PORTO
Telef. 38 22 68

Distribuidor no Brasil: LIVRARIA MARTINS FONTES
Rua Conselheiro Ramalho, 330-340 — São Paulo

Esta obra está protegida pela Lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor, será passível
de procedimento judicial.

PAPUS

O OCULTISMO

edições 70

PAPUS

O OCULTISMO

É um mago. Chama-se Papus. A avaliar pelo nome e pelos trabalhos, eu fazia-o velho e encanecido, cabeça enfiada no barrete de veludo negro do Dr. Fausto, e

les années,
Pendant comme une barbe à ses tempes veinées.[1]

Enfim, um Mateus Laensberg ou um Thomas Nostradamus. Ora, a imagem era bastante falsa. Vi-o: é muito jovem, de olhar vivo, tez fresca, maçãs do rosto redondas, barba fina. Tem mais o ar de um estudante de medicina do que de um mago. Além disso, fez recentemente magníficos estudos médicos. E o nosso feiticeiro é um fisiologista. Quis ter a gentileza de me oferecer um exemplar do seu *Traité Élémentaire de Magie*, que li com curiosidade e do qual com muito gosto vos direi algumas palavras. O Sr. Berthelot, que é um químico, publicou os textos gregos dos velhos alquimistas e não nos ficava bem ser mais desdenhoso do que ele. Escusado dizer que, na opinião do nosso jovem ocultista, a magia é a ciência das ciências, ou, melhor e numa palavra: A CIÊNCIA. Ele não se chamaria Papus, caso falasse de outra maneira. Ensina, no seu *Tratado*, que A CIÊNCIA é antiga, remonta à fabulosa antiguidade do Egipto e da Caldeia, e que o seu segredo era guardado nos templos. Papus procede neste ponto por simples afirmações e deixa-

---

1 os anos,
Pendentes, como barba, das têmporas venadas.

-nos o pesado encargo de verificá-las. Apoia-se em Dutens e em Fabre d'Olivet. Mas Dutens, que morreu em Londres em 1812, e Fabre d'Olivet, que lhe sobreviveu uma quinzena de anos, escreviam numa época em que só se conhecia o Oriente através dos amáveis contos de Heródoto e de Dioro. Ainda não se liam os hieróglifos nem os cuneiformes. Fabre d'Olivet julgou, é certo, haver encontrado a chave dos hieróglifos. Sabe-se, hoje, que a sua chave nada abria e que a sua egiptologia era tão fantasista como as suas óperas. Porque ele era poeta e escrevia para o Teatro. Dutens possuía mais erudição do que crítica. Em resumo: estamos perante duas autoridades contestáveis. É verdade que Papus vai também buscar certas coisas ao recente livro de Saint-Yves d'Alveydre, sobre a *Mission des Juifs*. Confesso não conhecer d'Alveydre nem a sua obra. Mas era demasiado acaso encontrar-se ali a prova de tudo quanto afirma Papus: que os antigos conheciam as leis de gravitação, o movimento da Terra em volta do Sol, o telescópio, o microscópio, a refracção da luz, o isocronismo das vibrações do pêndulo, as armas de fogo, a tracção a vapor, o pára-raios, o telégrafo eléctrico, a fotografia, a circulação do sangue. Custa bastante a crer. Sem discutirmos quanto à fotografia e ao resto, visto Papus ser médico, eu pedia-lhe que se lembrasse disto: a Alexandre ensinaram que as artérias estão cheias de ar. Além disso, a geografia de Estrabão e o sistema de Ptolomeu determinam o limite dos conhecimentos científicos dos antigos.

Papus responderá:

— Eu falo da *Ciência* e não das ciências. *A CIÊNCIA* foi desde sempre *encoberta, o encoberto, e encobridora, SCIENCIA OCCULTA, OCCULTATI, OCCULTANS.* Ptomoleu e Estrabão eram sábios; não eram magos.

— Se a vossa ciência alguma vez existiu, ó Papus, do que tenho mil razões para duvidar, como se conservou ela?

— Conservaram-se, apenas, destroços informes e obscuros monumentos.

— Como a conheceis, então?

— Reconstituímo-la sobre alguns vestígios esparsos, como Cuvier reconstituiu o dinotério.

— Quais são esses vestígios?

— A tábua de Porfírio e geralmente os textos herméticos.

— São apócrifos.

— São antigos.

— Mediocremente antigos e não mediocremente apócrifos.

— Tão apócrifos quanto lhe apetecer. Admiro, realmente, o desdém da ciência moderna pelos apócrifos!

— Tem razão, Papus. Mas os textos de que fala são de ontem, não são mais antigos do que o neoplatonismo e a gnose.

— A gnose é uma parte da *CIÊNCIA!* No pouco que nos resta dos escritos dos gnósticos fazemos preciosas descobertas. De resto, a tradição não foi tão quebrada que não restem alguns elos nas sociedades secretas. Tive bastante sorte ao interpretar alguns signos, algumas práticas, conservados nos nossos dias pelos rosas-cruzes e pelos franco-mações, mas dos quais os próprios iniciados haviam perdido completamente o sentido.

Neste pequeno diálogo, deixei a última palavra ao meu contraditor. Pura cortesia; e declaro que ele não me convenceu.

Creio que o ocultismo tal como Papus o concebe é muito moderno, e não tomou a forma e os caracteres de que hoje se reveste senão no final do século passado. Esta opinião é, sem dúvida, extrema; mas a de Papus também era extrema. A atracção dos contrários é uma lei do espírito. Um terceiro termo surge e é o que em ciência oculta se chama o ternário. Exemplo:

Homem, mulher, criança.
Sólido, fluido, gás.

Um quarto termo reconduz o ternário à unidade. Exemplo:

Homem Mulher Criança	Família		Sólido Fluido Gás	Corpo

Não consigo fugir a achar, no vosso ternário, certo ar de família com um velhote anguloso e seco que conheci nos bancos do colégio, um tal mestre Ferulus que só tinha três cabelos e três dentes, nariz de pássaro, crânio de ovo a aguçar-se, perneta e de muleta, cujo verdadeiro nome era o Silogismo. Deus me perdoe! E assim também me favoreçam Hermes e Zoroastro! Mas creio que o ternário e o silogismo se assemelham um ao outro como dois irmãos e que ambos parecem escapados dos joelhos de São Tomás de Aquino.

De resto, a magia é de um vasto sincretismo. A escolástica reconheceria nela os seus métodos de raciocínio; Hegel, a sua tese da identidade da ideia do ser; Kant, o seu imperativo categórico; Schopenhauer, a sua teoria da vontade, mas virada e dirigida para um optimismo absoluto. Não falo de Platão, visto que a magia é uma espécie de neoplatonismo que distende a doutrina da realidade das ideias até sustentar que uma ideia pode passear nas avenidas de bengala na mão, fumar um cigarro, ou chegar de noite, enquanto dormimos, retirar-nos delicadamente o coração e substituí-lo por uma esponja. O nosso Papus, pelo seu lado, é platónico como o era Apuleio, quer dizer, com muitos diablemas. E já que falámos em Apuleio confesso haver conversado frequentemente com este africano místico e sensual. Pois bem, depois de uma conversa com Papus, exclamei involuntariamente: — É Apuleio!

Os mesmos contrastes de saúde forte e compleição espiritualista; o mesmo ardor de linguagem (Apuleio era um grande conferencista); a mesma imaginação escaldante; o mesmo gosto pela ciência, um pouco pedante e de misticismo bizarro; enfim, o mesmo homem. Por pouco que alguém acredite na metempsicose, acaba por convencer-se de que Apuleio e Papus são um único ser, embora Apuleio escrevesse num latim de África, aromatizado e apimentado, de um gosto mais mordaz do que o estilo, muito adequado, aliás, do *Traité Élémentaire de Science Oculte*.

Este tratado ensina-nos que toda a magia é baseada na analogia, quer dizer, na consideração das semelhanças que ligam entre si as diferentes coisas. Não vejo nisso inconveniente. É o processo instintivo e natural dos poetas,

que são, afinal, os primeiros filósofos do Mundo, quando não são os últimos dos humanos. De resto, todas as vias do espírito conduzem à verdade e ao erro.

— Tudo é analogia — dizem os magos; a lei que rege os mundos rege a vida do insecto. O homem é um pequeno mundo no Mundo, um microcosmos no macrocosmos.

E isto leva-nos à ideia de Hegel de que as leis do pensamento são as leis do Mundo, e mesmo, se se quiser, à doutrina do nosso Renouvier, que subordina o Universo à lei da moral.

Em boa verdade, há um pouco de kantismo e muito hegeleanismo na filosofia do oculto. O Sr. Vera, que tanto gostava da metafísica, admitiria esta preposição de Papus: os opostos não passam da concepção em graus diferentes de uma coisa única.

Sem querer entrar numa exposição metódica da ciência mágica, digamos que ela resulta na divinização da vontade. «O Thelema de toda a gente é a vontade», diz o mago. Este Thelema comanda a natureza física e moral, e cria a alma imortal. Atingimos aqui o ponto mais original da doutrina. Nele se diz: a alma não é congénita ao ser humano. É uma resultante; é o produto da vontade bem dirigida; o efeito cuja causa está em nós. A vida é dada ao homem para que ele a transforme numa força mais alta: a alma.

Vítor Hugo costumava dizer que a alma é facultativa e que só se é imortal quando se quer sê-lo.

E exprimindo-se em parábolas: «Um poeta — dizia ele — depois de escrever dois versos, deixou a sua mesa de trabalho. Na sua ausência, um dos versos diz ao outro: 'Sinto-me imortal.' E o outro responde: 'Por mim, receio não durar muito.' O poeta, regressado ao seu gabinete, suprimiu o verso que tinha duvidado da sua eternidade gloriosa.» Esta fábula é puro magismo. Louis Lucas disse expressamente: «A alma é uma criação original, de nossa própria pertença.»

É preciso querer. «Daí o uso de alguns objectos, de alguns caracteres para fixar a vontade nas operações mágicas.»

Terão estas operações como efeito produzir fenómenos contrários à ordem da natureza? De modo algum! Nunca se

sai da natureza, e a própria ideia do milagre é absurda. Mas o mago, como o Próspero de Shakespeare, tem o poder de comandar a natureza. É um físico transcendente; age sobre o mundo invisível, que é o duplo do nosso mundo visível. E temos de saber que o mundo invisível está povoado de Espíritos elementares ou Elementais, de Larvas e de Ideias, agindo como seres reais. Ideias, Larvas, Elementais, estão submetidos à vontade do mago. Que desgraça não ser mago! Deve ser bem interessante. Mas não o é quem lhe apetece. A maior parte dos seres só têm uma vontade fraca e estéril: o *Karma* carrega sobre eles. Este Karma é uma pesada necessidade constituída pela acumulação das nossas acções pretéritas. Trazemos connosco um Karma sobrecarregado com o crime das nossas existências anteriores. Certa culpa, praticada por nós, numa caverna pré-histórica ou na cabana de troncos de uma cidade lacustre, pesa sobre nós e oprime-nos ainda. É o Karma. Nós só seremos magos numa existência ulterior, se porventura alguma vez o viermos a ser; mas um ou outro dentre nós irá lamentavelmente mudar-se em larva ou em vampiro. E nunca vi que a magia ensinasse a doutrina da Redenção final dos seres.

Se conversámos deste modo acerca da magia e interrogámos Papus, foi para satisfazer uma natural e perversa curiosidade. E, depois, um certo conhecimento das ciências ocultas torna-se necessário à compreensão de grande número de obras literárias desta época. A magia ocupa um largo espaço na imaginação dos nossos poetas e dos nossos romancistas. A vertigem do invisível colhe-os, a ideia do desconhecido obsidia-os, e voltaram os tempos de Apuleio e de Phlégon de Tralles. Gilbert Augustin-Thierry, que os leitores deste jornal apreciam no seu justo valor, construiu sobre a ideia do mundo mágico, dramas de uma nova poesia e de um pujante interesse, e tentou nobremente extrair desses espantos e desses mistérios uma nova moral e uma filosofia nova.

A biblioteca mágica aumenta de dia para dia. Ao *Palimpseste* e à *Presse d'Or*, de M. G. A.-Thierry, acrescentam-se as *Histoires Incroyables* e o *Manuscrit à Brûler*, de Jules Lermina, o *Horla*, de Guy de Maupassant, *Un Caractère*, de

Léon Hennique, as obras de dois deliciosos poetas, Stanislas de Guaita e Henri Jouny, e, enfim, as Etopeias do «sar» Joséphin Peladan.

Que significa isto, senão que o espírito do homem é sempre atormentado pela grande curiosidade, que o abismo o atrai e que ele se debruça com delicioso horror sobre as margens brumosas do Incognoscível?

Anatole France

Introdução

À primeira vista, parece que é precisa a coragem do desespero para vir ainda falar de filosofia espiritualista, na nossa época de ciência positiva e no momento em que a psicofisiologia parece ir abarcar no seu domínio de experiências tudo ou quase tudo o que, até aqui, pertencia à filosofia clássica.

O que fornece esta coragem, é havermos nós mesmo passado por esta fase de positivismo materialista e havermos saído dela, como dela sairão, segundo cremos, todos quantos acharão na própria ciência as respostas às primeiras objecções erguidas pelos estudos científicos contra a vaga metafísica e as afirmações sem provas que constituem a filosofia espiritualista clássica de Cousin e dos seus sucessores.

Aquela via que nos conduziu às nossas concepções actuais a respeito do homem, do Universo e de Deus está muito longe de ser nova, porque se liga às ideias ensinadas nos templos do Egipto desde 2600 antes de Jesus Cristo e que constituíram mais tarde o platonismo e, em grande parte, o neoplatonismo.

Ora, perante as dificuldades que o positivismo materialista atravessa para dar uma explicação de factos psicológicos que se multiplicam nos dias de hoje, como sejam os que se ligam à intuição, à telepatia, aos sonhos proféticos e às transformações da matéria sob a influência desta força emanada do homem e chamada psíquica, perante essas dificuldades, os pesquisadores de boa-fé viram-se obrigados a

procurar outra coisa sem ser as injúrias, as negações ou as invocações de coincidências ou de alucinações, que escondem um despeito mal dissimulado.

Bom número desses pesquisadores dirigiram-se àquela antiga filosofia dos patriarcas, dos iniciadores egípcios de Moisés, dos gnósticos e dos iluminados cristãos, dos alquimistas e dos rosas-cruzes, que jamais variou nos seus ensinamentos através dos séculos e que explica hoje tão facilmente os factos do espiritismo e da hipnose profunda quanto explicava nos tempos da XVIII.ª Dinastia Egípcia as relações de *Kha* e do *Khu*, do corpo físico e do corpo luminoso na sua acção sobre o *Baï*, sobre o Espírito inteligente. Esta filosofia é conhecida actualmente sob o nome de ocultismo; e a sua maneira de encarar o espiritualismo é aquela que iremos resumir, o melhor que soubermos, nas páginas seguintes.

Mas uma coisa nos assusta: é um tratado ou, melhor, uma exposição de filosofia que teremos de fazer, e somos um bem pobre filósofo, como os críticos reflectidos não deixarão de sublinhar.

Os estudos de medicina tal como andam entendidos na hora actual raramente fazem clínicos, vagos anatomistas, alguns fisiologistas, mas nada de filósofos no sentido elevado do termo.

Não falaremos do liceu que obriga os aspirantes a bacharéis a fazerem alguns meses de história da filosofia empenachados de metafísica infantil; como tudo o que se faz no liceu, teremos de refazê-lo, mais tarde, se quisermos tirar dele real proveito.

Restam os estudos teológicos, os seminários e os altos estudos laicos da Sorbona e do Colégio de França. Os alunos de São Tomás de Aquino e os de Renan.

É entre estes e os fisiologistas que se trava o combate do pensamento contemporâneo. Pela nossa parte, não temos de tomar partido, nem por uns nem por outros.

Ao invés de muitos criadores de sistemas filosóficos, que começam o seu tratado pela demolição sistemática dos seus predecessores e pela afirmação de que trazem enfim a verdade integral, até sofrerem a sorte dos tais ditos pre-

decessores, nós vimos declarar logo de entrada que nada criámos de original e que o nosso papel consiste em resumir, adaptando-a à nossa época, uma filosofia muito antiga.

Se a nossa fraca pena trai, às vezes, a Sabedoria que ela está encarregada de traduzir, rogamos aos pesquisadores que recorram aos originais e que não atribuam os erros senão à nossa ignorância e à nossa falta de eloquência. É esta a única que nos dá a coragem de levar até final uma tarefa que se nos afigura acima das nossas forças.

Se algumas páginas que se seguem levarem certos espíritos a ler de mais perto os mestres de que somos apenas obscuros discípulos, se os pesquisadores importantes se derem conta de que o ocultismo é mais do que um conjunto de ideias vagas e obscuras sob as quais os seus adversários buscam abatê-los, se, enfim, houver o pressentimento da unidade que esta filosofia inspiradora, pelos centros iniciáticos, de Spinosa, de Goethe, de Leibniz e de tantos outros, traz à querela da Ciência e da Crença, então o nosso modesto ensaio terá vastamente atingido o seu fim.

CAPÍTULO I

PSICOLOGIA

Situação da Filosofia dos Ocultistas perante o Materialismo e a Teologia

Características do Ocultismo em Filosofia

A Psicologia do Ocultismo

O Corpo Astral Mostrando a Passagem do Espírito (Eu) ao Corpo (não-Eu)

Análise dos Princípios e Adaptação Psicológica e Anatómica

Constituição do Ser Humano e Análise dos Outros Princípios

O Corpo Físico

O Corpo Astral

O Ser Psíquico

O Espírito Consciente

A filosofia espiritualista, tal como os clássicos a entendem, foi sempre caracterizada por um extremo desdém pelo facto anatómico e pela lei fisiológica.

A pretexto de que o Espírito é o único formador da matéria e de que só teremos de lhe ditar as suas leis, sem nos sujeitar a elas, um axioma, de base silogística ou não, era considerado como bem mais provatório do que uma experiência, qualquer que fosse. Daí as subtilezas da escolástica, os entraves que a Teologia trouxe a todos os sistemas filosóficos e a dificuldade sentida pelo espírito humano em sair dos seus limites e retomar a liberdade no meio de todos estes obstáculos criados, desde o século XV, pela não compreensão da *Ars Magna*, de Raimundo Lúlio, que regera os Espíritos durante perto de três séculos, o que é bela coisa para um sistema filosófico dobrado de um instrumento de raciocínio mecânico.

Rompendo com a base experimental que os hermetistas e os alquimistas possuíam, os teólogos afogaram o Espírito humano sob dilúvios de uma metafísica igualmente oca e pretensiosa, que, hoje, em toda a sua grandeza, só se encontra nos seminários, onde afasta os cérebros dos futuros padres da observação real das leis da Natureza.

Se Descartes foi mais um falso pitagórico do que um iniciado quando empreendeu reconduzir a filosofia ao estudo dos factos, exaltando o método derivado da experiência em vez do axioma metafísico, pelo menos tentou salvar o cérebro tirando-o para fora da rotina teológica. As obras do abade de Villars e especialmente as suas dissertações enunciadas pelo conde de Gabalis mostram a desconfiança com que os rosas-

-cruzes da época estudavam a revolução filosófica tentada por Descartes.

Devemos, pois, antes de tudo, não confundir o Espiritualismo dos ocultistas contemporâneos com essas ideias puramente metafísicas. Os ocultistas podem, entrando nos hábitos dos místicos, enunciar afirmações que, aos contemporâneos, parecerão loucas ou muito hipotéticas; mas, ao menos, estas afirmações serão apoiadas pelo estudo de um facto, de onde as deduções serão tiradas pelo método analógico. Assim, haverá coisa mais estranha, para um astrónomo, do que ouvir dizer que os astros são seres organizados, possuindo a sua inteligência e as suas faculdades fisiológicas? Eis no entanto uma afirmação dos ocultistas deduzida, por analogia, da observação atenta dos factos astronómicos e meteorológicos.

Se não podemos colocar a filosofia oculta na secção do idealismo puro, por causa das suas tendências primordiais para deduzir o invisível do visível, também não se pode ligá-la ao realismo, ou ao positivismo, por causa dos seus impulsos puramente místicos.

Após haver seguido Spencer, até ao ponto onde um vidro separa o cognoscível do incognoscível, o ocultista quebra o vidro e, graças ao seu método analógico, lança-se ousadamente no domínio do desconhecido aos sentidos físicos do homem comum.

Eis o que torna difícil ao crítico assinalar em filosofia o lugar para o ocultismo. É evidente um platonismo, porque estão ligados a Platão especialmente os filósofos cristãos iniciados, gnósticos e outros, os alquimistas e certos cabalistas cristãos; mas o platonismo dos ocultistas adapta-se à ciência positiva e ao carácter de cada época com tal destreza que a crítica torna-se hesitante. É a mesma filosofia geral, com a sua característica da busca da Trindade no Homem, na Natureza e em Deus, com o seu horror tanto ao materialismo como ao panteísmo, que nós veremos surgir no *Livro dos Mortos no Egipto*, nas narrações de Sócrates divinizadas por Platão, como nas epístolas de São Paulo, no Evangelho de São João, nos escritos dos gnósticos e nos comentários de Maimónida e dos cabalistas judeus e cristãos. É esta filosofia

que voltaremos a encontrar sob as tintas do hermetismo nos alquimistas e adaptada à astrologia por Agrippa, à fisiologia humana e natural por Paracelso e à química por Louis Lucas, em 1860.

Quando o espiritualismo puro, de tendência exclusivamente idealista, se encontrar vencido pelo experimentalismo, é à filosofia oculta que regressarão os pesquisadores independentes.

Em compensação, quando o positivismo experimental, de tendência exclusivamente materialista, tropeça bruscamente nos factos de telepatia, de aparição fotografável, de sugestão mental e de psicométrica, após um primeiro período de negação absoluta, de violenta revolta invocando a loucura, a alucinação, a fraude e a estupidez humana, forçoso é render-se à evidência. São factos que se tornam tanto mais certos quanto os aparelhos de registo mecânico se aperfeiçoam e substituem a fragilidade dos sentidos humanos, e a brutalidade do facto é soberana para o experimentador que não tem lugar para se defender, mesmo contra a verdade. É também então que os pesquisadores independentes voltam à filosofia oculta.

Escreveu-se muitas vezes que o ocultismo floresce nas épocas de perturbação política ou filosófica.

Realmente, é pelo ocultismo que os filósofos pagãos passam ao cristianismo nascente em Alexandria, é o ocultismo que ocupa Roma quando se dá a invasão dos bárbaros, assim como ocupa Bizâncio quando se dá o dilúvio muçulmano; é ainda o ocultismo que, através de Raimundo Lúlio, conduz a Universidade nascente à filosofia clássica e é, mais perto de nós, o oculto que, através de Mesmer, Cagliostro, Martinez de Pasqually e Louis-Claude de Saint-Martin, ocupa os espíritos nos termos da Revolução e inspira a filosofia das sociedades secretas de iluminados em qualquer época.

Singular carreira esta, prosseguida ao longo das idades pela tradição ocultista, que permanece de pé no meio das invasões, das revoluções e das catástrofes e que, quando o fio do pensamento humano parece cortado, vem de repente

refazer a cadeia, vitalizando de novo a sua velha inimiga: a Filosofia.

Deve-se confessar, realmente: a filosofia, assim como a teologia, nunca foi amável para os ocultistas.

Este «sistema» que renasce quando se supõe que está enterrado sob um silogismo vencedor, esta «mística» que atrai, com o seu estranho encanto, espíritos com o valor de Espinosa, Newton, Goethe e Augusto Comte nos fins da vida (quando os seus discípulos o declaram «louco»), sem contar os mestres da especialidade como Cazotte e Louis-Claude de Sain-Martin, esta mística que permanece fechada à crítica, desdenhosamente relegada para a antecâmara da filosofia ordinária, este «sistema», esta «mística», não era feita para atrair as simpatias ardentes da Universidade.

Por outro lado, a teologia desconfia igualmente destes singulares filósofos que misturam a prece com as experiências de química e que convertem os incréus mediante aparições ou curas miraculosas. Para o teólogo, há ali Diabo escondido. E multiplicam-se esforços para os prejudicar ainda mais, com algumas boas calúnias, quando já se não consegue queimá-los graças à Santa Inquisição. Eles são panteístas, eles negam a Personalidade Divina e confundem-na com a Natureza inteira, e outras patranhas, absolutamente falsas. Não há maiores defensores da Unidade da Personalidade Divina, fora da Natureza e fora do Homem, do que os ocultistas, mas, em vez de relegar a Divindade para uma esfera metafísica, eles esforçam-se por senti-la agente e viva na criação como na natureza, sem confundir jamais a sua personalidade e as suas virtudes exteriores.

A filosofia ocultista não é, pois, materialista, nem panteísta, nem puramente mística: ela é espiritualista no sentido de que procura determinar a preponderância, em todos os planos, do espírito sobre a matéria, mas sem negar tanto a matéria com o espírito. Tal é o seu carácter geral que o seu método vem tornar ainda mais notório.

O método do ocultismo permite, mais acima do que as teorias gerais, reconhecer os seus adeptos, sem confusão possível, através das épocas mais diversas.

Um filósofo ligado ao ocultismo, por iniciação ou por estudo, reconhece-se nas seguintes características:

1.ª Admite entre o eu e o não-eu, entre o Espírito e o corpo, a existência de um ou vários princípios intermediários.

Em geral, a Trindade domina todas as divisões secundárias, e nós vemos ensinar a existência de três pessoas em Deus (ou de três modalidades divinas), de três princípios no homem, de três planos na natureza, sintetizados em uma unidade total abrangendo-os todos, daí o nome de Triunidade posto a esta doutrina.

2.ª Ele emprega nos seus raciocínios um método que, só por si, caracteriza o ocultismo, é a analogia. Este método determina a existência de correspondências analógicas que representam um papel nesta filosofia.

3.ª Ela dá, em todos os seus estudos, uma importância muito particular ao plano ou mundo invisível e às suas relações com o plano físico ou visível. Daí a sua tolerância absoluta em relação a todas as formas religiosas.

Intermediário ou intermediários entre o Espírito e o corpo, método analógico, estudo do mundo invisível, são as características de qualquer escritor que estudou nos centros ocultistas. Alguns fixam-se num destes estudos, são os discípulos que adaptaram o ocultismo a uma ciência, a uma arte, a determinada época; outros ostentam, sem restrição, os três modos de estudo do oculto, são os mestres e os clássicos. Cada filósofo é livre de adaptar estes ensinamentos gerais a pormenores pessoais. Daí a originalidade e a liberdade deixadas a cada escritor, daí as escolas diversas e a extensão do campo a decifrar, para os recém-chegados.

Abordemos agora com certos pormenores o estudo de cada característica do ocultismo.

A passagem do ser ao objecto, do eu ao não-eu ou do subjectivo ao objectivo, do espírito ao corpo, etc., por meio de um intermediário, é conhecido em filosofia, pelo menos na sua adaptação ao homem, sob o nome de teoria do mediador plástico. Os tratados clássicos dizem, para refutar esta opinião: «Admitir um intermediário é afastar a dificuldade em vez de a resolver.» E passa-se à frente.

Todo o esforço dos ocultistas contemporâneos exerceu-se sobre a solução fisiológica a dar a este problema para mostrar que se estava errado ao passar adiante sem ligar importância e que este intermediário entre o Espírito imortal e o corpo físico tinha não só uma existência própria mas também órgãos e faculdades absolutamente características. É pela fisiologia que os ocultistas contemporâneos tendem a resolver este problema da constituição do homem, que forma um dos estudos mais apaixonantes da psicologia, e o terreno que eles escolheram parece suficientemente sólido, pois conseguiu resistir aos ataques dos teólogos e aos dos médicos materialistas.

Realmente, os teólogos, ensinando que o Homem é composto de dois elementos apenas: o Espírito imortal e o corpo, sentem-se extremamente constrangidos para explicar bastantes factos fisiológicos nos quais o Espírito nada tem a fazer, assim como ficam igualmente constrangidos para responder às interrogações dos materialistas que perguntam onde está o Espírito durante o desmaio, a febre tifóide, o amolecimento ou a loucura.

Por outro lado, os materialistas, dando, por uma sorte de prestidigitação, as faculdades da medula ao cérebro e querendo transformar o ser humano numa mecânica, ficam também muito constrangidos para explicar a passagem do influxo nervoso em neurones que não se comunicam entre si, assim como para dar conta dos factos da telepatia, da visão à distância ou dos sonhos proféticos e outros semelhantes. Eles erguem, a tal propósito, hipóteses tão divertidas como as dos teólogos, inventando para os neurones faculdades de prolongamento impossíveis de verificar, e dando os factos incomodativos à conta de alucinação ou vagas coincidências. Compreende-se também o encarniçamento dos teólogos em querer refutar, por silogismos ou argumentos metafísicos, a existência de um intermediário provado por factos fisiológicos e admitidos por São Paulo *(Corpus, Anima et Spiritus)*, por São Denis Areopagita e por São Tomás. Compreende-se também a diligência dos materialistas em negar tudo o que pode demonstrar a existência de outros planos além do

plano físico e outros estados de existência para o homem sem ser a vida física.

Vamos também resolver, o melhor que pudermos, esta importante questão do ponto de vista dos ocultistas[1].

Segundo o ponto de vista psicológico, o primeiro e o mais importante problema que se apresenta é o das relações do princípio espiritual com o princípio material ou dos meios de união entre a alma e o corpo. Isto leva-nos à definição da constituição do Homem tal como a compreendem os ocultistas, e sobre a qual eles nunca variaram os seus ensinamentos em época alguma, tanto que os Egípcios da XV.ª Dinastia descreviam as propriedades e os caracteres do «Ka» ou Duplo luminoso exactamente como Paracelso descreve esse «corpo astral» no século XVI da nossa era e como Eliphas Lévi estuda o «Duplo fluido», em 1863. Para os ocultistas, o Homem é constituído por três princípios, tonalizados numa unidade geral. Estes princípios são:

1.º O corpo físico, considerado apenas como o produto e o suporte dos elementos;

2.º O Corpo astral, duplamente polarizado, e que une o inferior, físico, ao superior espiritual;

3.º O Espírito imortal.

Destes elementos diversos, só um é particular aos ocultistas: é o segundo ou corpo astral, sendo os dois outros estudados cuidadosamente, pelos anatomistas e pelos fisiologistas, o primeiro, pelos psicólogos e pelos filósofos o terceiro. Esta constituição do homem em três princípios é tão característica do ocultismo tradicional que basta para determinar os seus representantes em qualquer época, e permite distinguir, dentro do próprio ocultismo, as escolas realmente tradicionais das contrafacções ou compilações desajeitadas feitas em diversas épocas a coberto do oculto. A respeito do ser humano, o ensinamento pode resumir-se nestas proposições:

I — O Homem é constituído por três princípios sintetizados numa Unidade, ou doutrina da Triunidade.

---

[1] Segundo a *Science des Mages* e *Qu'est-ce que l'Occultisme?*

II — O Homem é análogo (mas não idêntico) ao Universo, ou doutrina do Microcosmos ou Pequeno Mundo (o Homem) e dos Macrocosmos ou Grande Mundo (o Universo).

III — Há correspondência estrita entre cada elemento do Homem e o seu análogo no Universo. É a doutrina das correspondências sobre a qual se baseia a Magia e da qual voltaremos a falar a propósito da prática.

Em tudo isto, o que interessa, por agora, é o Corpo astral, esse Mediador plástico que os filósofos clássicos condenaram sem muitas vezes se dar ao trabalho de estudá-lo atentamente, e que reaparece em todas as épocas, sob nomes às vezes diferentes, mas com caracteres idênticos, nas obras dos ocultistas. Conhecer bem o corpo astral é possuir a mais importante das chaves da doutrina que nos ocupa: detenhamo-nos, pois, um instante sobre as razões dadas pelos ocultistas em apoio das suas afirmações. O manejo da analogia permite fazer uso de comparações, não para demonstrar, mas sim para esclarecer uma questão.

Comecemos por estabelecer uma comparação destinada a projectar alguma luz sob o assunto.

O Homem é comparado a uma equipagem cuja carruagem representa o corpo físico, o cavalo o corpo astral, e o cocheiro o Espírito. Esta imagem permite bem alcançar o papel de cada princípio. A carrugem é inerte em si mesma e corresponde ao corpo físico, tal como o ocultista o considera. O cocheiro comanda a direcção por meio das rédeas, sem participar na tracção directa, eis o papel do Espírito. Enfim, o cavalo, unido pelos varais à carruagem e pelas rédeas ao cocheiro, move o sistema completo, sem se ocupar da direcção.

Esta imagem indica-nos perfeitamente o carácter do Corpo astral, verdadeiro cavalo do organismo, ao qual move e não dirige. Resta-nos ver se esta comparação corresponde a uma entidade real e se existe paralelamente a nós um Princípio motor, distinto do Princípio director. Foi para a fisiologia e para a anatomia que os ocultistas contemporâneos se voltaram, com a finalidade de provar as afirmações dos seus antecessores a este respeito.

Existe em nós um sistema nervoso da vida orgânica, colocado sob a alçada quase exclusiva do Nervo Grande Simpático e agindo sobre os órgãos de constituição especial (órgãos de Fibras lisas). Este sistema move tudo no organismo, desde a mais fina artéria, até ao intestino durante o sono. Em estado de vigília, os músculos de fibras estriadas vêm juntar a esta acção a do cérebro, sede do Espírito, e assim o Cocheiro do organismo vem demonstrar que o seu papel é bem distinto do do cavalo que representa o Grande Simpático servido pelos seus plexus e seus múltiplos nervos vaso-motores. Logo que adormecemos, as funções cerebrais cessam e, sozinho, o sistema da vida orgânica prossegue a sua acção: digere os alimentos, fabricando o quilo e a linfa, faz circular o sangue e distribui por todos os lados a Força e a Matéria, faz até mais, porque é ele que preside à defesa do Organismo, lançando leucócitos no ponto atacado e tornando a fechar as feridazinhas abertas por uma imprudência ou um acidente. Ora aqui está aquele princípio que Paracelso chamava «o Operário escondido», e o seu domínio é bem separado do do Espírito, que tem outras tarefas a desempenhar sem ser presidir às doçuras da quilificação e da excreção. Tais são os ensinamentos dos ocultistas a respeito das relações entre o corpo astral e o corpo físico; vejamos o que eles dizem para explicar as suas relações com o Espírito.

O corpo astral, sendo a governanta do ser humano, preside à elaboração de todas as forças orgânicas. Entre estas, há uma que nos interessa do ponto de vista das acções cerebrais: é a força nervosa. A força que circula nos nervos foi estudada do ponto de vista da sua rapidez, sendo nitidamente diferenciada da electricidade e das outras forças físicas. Como todas as fabricações orgânicas, é tirada do sangue, como o provam as perturbações cerebrais causadas, quer pela anemia, quer pela hiperemia, e, aqui ainda, o corpo astral preside a esta elaboração. A força nervosa age, em comparação ao Espírito, como a electricidade em comparação ao telegrafista, o cérebro material representando o telégrafo. Os ocultistas refutam os argumentos dos materialistas, afirmando que estes últimos confundiram o telegrafista e a

força nervosa, ou Espírito, com o seu único meio de comunicação, com o organismo. Tirem a electricidade ao telegrafista e este parecerá não existir para o seu correspondente, porque será incapaz de enviar o menor despacho. É assim que no sono normal ou provocado, nas doenças graves, no desmaio, há deslocamento da força nervosa ou cessação da produção habitual, e, à míngua do seu indispensável meio de acção, o Espírito torna-se tão incapaz de manifestar a sua presença como o empregado de enviar um despacho sem electricidade.

Escolhemos exemplos tirados das ciências contemporâneas para expor as doutrinas do ocultismo de uma forma clara e evitando o recurso a um montão de velhos termos técnicos que só viriam obscurecer o nosso propósito. Vê-se agora que esse mediador plástico é muito diferente de uma pura concepção filosófica, e que esta ideia parece corresponder a uma realidade fisiológica. Continuemos na nossa análise do corpo astral. É nesta altura que faremos apelo àqueles experimentadores que, nestes últimos anos, quiseram dar-se conta, de um modo positivo, das possibilidades de verificação que apresentavam estes antigos e sempre idênticos ensinamentos.

Os ocultistas pretendem, com efeito, que o sistema nervoso da vida orgânica não é senão o suporte temporário do Princípio que constitui o Mediador plástico, e que este princípio é luminoso, quando visto independentemente dos órgãos materiais, quer dizer, este princípio pode irradiar em volta do corpo no qual normalmente está encerrado. Esta «saída do corpo astral», segundo a expressão técnica, pode ser incompleta, isto é, parcial, ou total. No primeiro caso, assiste-se a certos fenómenos estudados pelos Magnetizadores e pelos Espíritas e dos quais voltaremos a falar a propósito da Prática; no segundo caso, o desdobramento do indivíduo pode ser verificado à distância por vários testemunhos, é o caso de vários Santos do cristianismo, e é assim que os ocultistas explicam a maior parte dos factos chamados «telepáticos» e os fenómenos espíritas das materializações na maioria das experiências sérias e não devidas à fraude. [...]

... ...

Este corpo astral tem, pois, diferentes papéis:

1.º Une, por uma dupla polarização, o corpo físico ao espírito;

2.º É o operário escondido realizando as funções da vida vegetativa, conservando ao corpo material, que ele mantém e repara incessantemente, a sua forma, apesar da morte contínua das células físicas, e a sua harmonia funcional, apesar da doença e das imprudências;

3.º Enfim, pode irradiar em volta do indíviduo, formando uma espécie de atmosfera invisível chamada «Aura astral», e pode mesmo exteriorizar-se totalmente. Graças a estas diversas propriedades do corpo astral, os ocultistas dão conta de visões e acções à distância, de pressentimentos, do êxtase profético, dos sonhos, da loucura, e dos outros fenómenos classificados pelos filósofos na psicologia especial e no capítulo das coincidências ou das alucinações.

Nunca será de mais insistir no lado fisiológico da demonstração da existência do corpo astral; por isso, vamos alongar-nos sobre este importante objecto.

Geralmente, todos os órgãos que constituem o ser humano aparecem-nos em pleno período de acção. Tudo isto funciona, agita-se, manifesta-se-nos sob mil aspectos e só com a maior dificuldade conseguimos determinar as causas pouco numerosas através da multiplicidade dos efeitos.

Mas eis que chega a noite: os membros enfraquecem, os olhos fecham-se, o mundo exterior já não tem acção sobre o ser humano, e este já não tem acção sobre o mundo exterior: dorme. Aproveitamos este sono para começar o nosso estudo.

O homem dorme, e no entanto as suas artérias pulsam, o coração funciona, e o sangue circula; os órgãos digestivos continuam o seu trabalho e os pulmões aspiram ritmicamente o ar vivificante. Durante este sono, aquilo que chamamos o homem não é capaz de movimento, nem de sensação, nem de pensamento; não pode amar, nem odiar, nem ser feliz, nem sofrer; os seus membros repousam inertes,

a sua face está imóvel, e no entanto o seu organismo funciona como se nada de novo tivesse acontecido[1].

Somos, portanto, levados forçosamente a considerar no homem:

1.º Uma parte maquinal continuando a sua acção tanto durante o sono como durante a vigília; é o organismo propriamente dito;

2.º Uma outra parte, esta intelectual, aparecendo apenas no estado vigília; é o que chamamos a Consciência, o Espírito.

O domínio do organismo parece, pois, tão bem delimitado como o do Espírito. Mas que se passa neste organismo?

Tudo o que depende do Espírito, os membros, a face e os seus órgãos, a voz, a própria sensibilidade geral, tudo isso repousa, como vimos, mas tudo isso rodeia o ser humano, tudo isso é periférico. É no interior do tronco, nos três segmentos que o constituem: ventre, peito ou cabeça, que se passam os fenómenos produtores da marcha automática da máquina humana.

Como todas as espécies de máquinas, o organismo humano possui órgãos regulados, uma força motora e um centro de manutenção e de renovação desta força motora.

Assim, tomando um exemplo muito material, se considerarmos uma locomotiva, acharemos nela órgãos de aço movidos pelo vapor, e a renovação deste vapor é mantida por uma libertação contínua de calor.

Igualmente, no organismo humano, encontramos órgãos de constituição particular (órgãos de fibras lisas), artérias, veias, órgãos digestivos, etc., regulados pela força nervosa transportada pela rede do grande simpático. Esta força, assim como a vida particular de cada uma das células constituindo os órgãos, é mantida pela corrente sanguínea arterial. Portanto, órgãos, centros de acção das forças diversas, força motora nervosa, e força animadora sanguínea,

---

[1] O fenómeno do sonho vem apenas perturbar esse repouso e lembrar a existência do princípio superior.

tais são os princípios essenciais que constituem a máquina humana em acção.

Mas o homem desperta. Algo mais vem juntar-se às forças precedentes. Os membros, que repousavam, agitam-se; o rosto anima-se e os olhos abrem-se; o ser humano, que estava deitado, ergue-se e fala. Uma vida nova vai começar, enquanto a vida orgânica prosseguirá mecanicamente a sua acção.

O princípio que acaba de aparecer difere essencialmente dos princípios precedentes: tem no corpo os seus órgãos de acção particulares (órgãos de fibras estriadas); tem um sistema nervoso especial, serve-se do corpo como um operário se serve de um utensílio, como o mecânico se serve da locomotiva: governa todos os seus centros e todos os seus órgãos periféricos que ainda há pouco repousavam. A este princípio damos o nome de Espírito consciente.

Se resumirmos a exposição precedente encontramos no homem três princípios: aquele que é suporte de tudo, o corpo físico; aquele que anima e aquele que move tudo, formando ambos os dois pólos de um mesmo princípio, a alma; enfim, aquele que governa o ser interior, o Espírito.

O corpo físico, a alma ou mediador plástico duplamente polarizado, o espírito consciente, tais são os três princípios gerais que constituem o ser humano.

Se prestarmos atenção a que o mediador plástico é duplo, podemos dizer que o homem é composto de três princípios orgânicos: aquele que serve de suporte, aquele que anima, aquele que move, o corpo, o corpo astral e o ser psíquico sintetizados, e levados à unidade de acção por um princípio consciente: aquele que governa, o espírito.

Eis um exemplo do que se chama a Trindade na unidade ou a Triunidade em ocultismo.

Depois da fisiologia, deve-se apelar para a anatomia, com o fim de mostrar bem a base positiva que os ocultistas se esforçam por dar às suas afirmações teóricas sobre a constituição do homem.

O corpo humano apresenta-nos três grandes centros: o ventre, o peito e a cabeça, a cada um dos quais está ligado um par de membros.

Ao ventre estão ligados os membros abdominais (coxas, pernas e pés); ao peito, os membros torácicos (braços, antebraços e mãos); à cabeça, os membros cefálicos (maxilar inferior).

Cada um destes centros tem uma função fisiológica bem caracterizada: o ventre transforma o alimento vindo do exterior em substância humana ou quilo, o peito transforma o quilo em sangue, e a cabeça extrai do sangue a força nervosa que move toda a máquina humana. Além disso, cada um dos três grandes centros é representado nos dois outros. Assim, o ventre envia os seus vasos quilíferos e os seus vasos linfáticos a todo o ser humano; o peito envia o sangue, dinamizado pela respiração, aos outros grandes centros também, e enfim a cabeça põe em movimento, pelas suas dependências, todos os órgãos sem excepção.

O que existe de curioso e interessante para nós é que todo este trabalho orgânico das fábricas abdominal, torácica ou cefálica se faz absolutamente fora da intervenção da consciência e da vontade do ser humano. É o Homem-Animal que trabalha sozinho, e o Homem-Espírito tem as suas funções e órgãos próprios, bem distintos dos precedentes.

O Homem-Animal é accionado por um sistema nervoso especial, constituído quase exclusivamente pelo nervo grande simpático, pelos seus plexos e suas dependências. É ele que faz bater o nosso coração, que contrai e dilata todas as nossas artérias e todas as nossas veias; que faz andar o fígado, o estômago, os intestinos, os pulmões, mesmo sem se inquietar em saber se o Homem-Espírito está acordado ou adormecido, porque todos os órgãos funcionam tão bem durante o sono como quando estamos despertos. É ele, ainda, que repara as células usadas e as substitui, que come, por meio das células embrionárias e dos glóbulos brancos, os micróbios vindos do exterior, que cura as feridas superficiais da pele e que, enfim, se ocupa de toda a cozinha orgânica. O Homem-Espírito nada tem a ver com isso. Quem é, pois, que dirige todo este sistema nervoso especial?

Porque, já dissemos isso, um sistema de órgãos não passa de suporte de alguma coisa: os órgãos suportam a função,

mas não a criam, dado que as suas células morrem à medida que a função é realizada.

Este princípio que dirige todo o trabalho do corpo físico recebeu bastantes nomes diferentes através das idades, pois foi conhecido desde a mais alta antiguidade. Os Egípcios chamavam-no o corpo luminoso (Khâ), os Pitagóricos o carro da alma, os Latinos o princípio animador (Anima) como São Paulo, os filósofos hermetistas designavam-no com os nomes de Mediador plástico e de Mercúrio universal; Paracelso e a sua escola, assim como nos discípulos de L.-C. de Saint-Martin, o filósofo desconhecido, chamaram-no o corpo astral porque ele retira o seu princípio da substância interplanetária ou astral.

Seja qual for o nome que se lhe dê, devemos fixar bem que este princípio tem no nosso ser órgãos próprios, um sistema nervoso próprio, funções próprias; e que a sua existência é tão real para o ocultista como para o fisiologista. Nós chamar-lhe-emos o *corpo astral*.

É o escondido operário do ser humano, é o cavalo do organismo, cujo corpo físico é a carrugam e cujo ser consciente é o cocheiro.

O cavalo é mais forte do que o cocheiro; é ele quem puxa a carruagem; e, no entanto, é o cocheiro, menos forte mas mais inteligente, quem dirige o cavalo e, por via disso, a carruagem.

De igual maneira, no ser humano, o Homem-Animal é mais forte do que o Espírito, é ele quem move a máquina humana, e no entanto é o Homem-Espírito, menos forte, mas mais inteligente, quem dirige na vida exterior o Homem--Animal e, por via disso, a máquina humana inteira.

Para bem compreender isto, retomemos o estudo do corpo.

O corpo tem três centros: o ventre, o peito e a cabeça; mas, por esta palavra cabeça, entendemos o crânio e o seu conteúdo, quer dizer, toda a parte *horizontal* dos centros superiores. Diante do crânio e *verticalmente* está colocada uma série de órgãos constituindo a *face*, e esses órgãos têm a particularidade de não funcionarem, a maior parte deles, senão enquanto estamos despertos, quer dizer, enquanto o

Homem-Espírito está em acção sobre o exterior (o que os filósofos chamam o não-eu).

Logo que adormecemos, os nossos olhos fecham-se, as orelhas cessam a sua função, a boca fecha-se, o olfacto pára e só a respiração vem agitar as narinas. Os órgãos da face pertencem pois ao Homem-Espírito e não ao Homem--Animal, e cada um deles tem por fim estabelecer uma fiscalização sobre cada um dos centros deste Homem--Animal.

Assim, a boca (que apresenta uma única abertura porque o estômago é simples e não duplo) é a porta de entrada do ventre com um porteiro fiel, o gosto, com o encargo de só deixar entrar as coisas que agradam ao Homem-Espírito. Por isso, tudo o que se passar no ventre virá pintar-se na boca e seus anexos (língua carregada dos embaraços gástricos, língua seca e queimada das inflamações intestinais, lábios descolorados das peritonites, etc.).

As narinas têm duas aberturas porque os órgãos pulmonares são duplos; elas são a porta de entrada do peito, com um porteiro fiel que é o olfacto encarregado de prevenir o Homem-Espírito dos sítios onde a respiração é perigosa para o organismo. Tudo o que se passa no peito vem pintar-se nas narinas ou seus anexos (fácies abatido do cardíaco, maçãs do rosto incendiadas da pneumonia, etc.).

As orelhas são a porta de entrada do sistema nervoso cefálico, e os olhos ligam-se especialmente ao Homem--Espírito. Por isso, a congestão e a anemia de cérebro pintar--se-ão nas orelhas, enquanto a loucura e as perturbações psíquicas pintar-se-ão nas pupilas e no olhar.

O Homem-Espírito é, pois, realmente, o cocheiro do organismo: pelo gosto e pela boca, ele preside à escolha dos alimentos que vão ser transformados pelo ventre e vão reparar a matéria do ser humano inteiro.

Pelo olfacto, ele preside à escolha do meio respirável e pelo nervo pneumogástrico ao ritmo respiratório, e por conseguinte à distribuição da vida, do calor e da força em todo o organismo.

Enfim, pelo olhar e pelo ouvido, ele preside à entrada das sensações já filtradas pelo tacto e, através disso, ao alimento das suas mais latas faculdades.

Terminemos este estudo do corpo dizendo que o ventre é o quartel-general do corpo físico; o peito o quartel-general do corpo astral; enfim, a cabeça serve de centro, por um lado, à parte intelectual do corpo astral, que denominaremos ser psíquico, e, por outro lado, ao próprio Homem-Espírito.

Nota-se a multidão de aspectos sob os quais se apresenta o corpo astral e até que ponto todos estes aspectos concordam, quer se trate do filósofo, do fisiologista ou do anatomista.

A psicologia do ocultismo deve, com efeito, ficar adequada ao método geral empregado sempre e em todas as coisas, e vê-se como a analogia e aí correntemente empregue.

Este estudo particular do Corpo astral conduz-nos à constituição geral do Ser Humano em três princípios e à análise um pouco mais pormenorizada dos princípios, que deixámos de lado até aqui. Assim, completaremos a adaptação das teorias ocultistas à psicologia.

Platão espantou bastantes filósofos ao dizer que o homem tinha três almas. Ora, sendo cada um destes princípios representado nos outros todos (porque a Natureza não separa as suas criações em fatias isoladas), segue-se daí que não há razão para cada centro do homem não possuir a sua manifestação intelectual, o seu raio de espírito mais ou menos obscurecido, tal como possui quilo, sangue e força nervosa.

A anatomia indica-nos já este facto, mostrando-nos que a espinal medula entumesce ao nível dos três grandes centros, com um entumescimento suplementar para a reprodução. Mas onde este facto se torna ainda mais claro é quando vemos que o nervo grande simpático, que é o verdadeiro suporte físico do corpo astral, apresenta também três grandes plexos: um cervical, para o centro cefálico; outro cardíaco, para o peito; outro, enfim, abdominal (ou solar), para o ventre, com um anexo para a reprodução.

Se deixarmos o domínio físico para nos dirigirmos às observações, não dos filósofos, mas do «Senhor Toda-a-

-Gente», verificaremos que, quando nos acontece um grande desgosto, uma grande alegria ou uma notícia inesperada, não é na cabeça, mas sim no peito e ao nível do coração que nós *recebemos um baque*, usando a linguagem do povo. Eis a reacção vulgar da inteligência deste centro.

Quando, apesar da coragem comandada pelo espírito, se produz uma reacção física, quer no momento de um exame, quer no campo de batalha, não é na cabeça mas sim no centro abdominal que a sensação se produz, com consequências bem conhecidas dos pobres soldados. Mais uma vez precisamos de nos negar às argúcias dos filósofos.

Somos, pois, levados a ver que Platão tinha razão ao lembrar o ensinamento secreto dos Templos egípcios e que, assim como três princípios habitam estes três centros, também três géneros de manifestações intelectuais manifestam estes três Princípios.

Deste modo, o centro físico manifestará o *instinto* com a *sensação* como meio de reacção e o prazer ou a dor como resultados do movimento produzido.

O centro astral manifestará a *intuição* com o *sentimento* como meio de reacção, e o amor ou o ódio como resultados da emoção produzida.

O centro psíquico manifestará a *ideia* com a *inteligência* como meio de reacção e a verdade ou o erro como resultados da atracção produzida.

Assim, o mundo dos instintos, o das paixões, o das atracções intelectuais, caracterizam-se pelo vinho o primeiro, pelas mulheres o segundo, pelo jogo o terceiro, e a Vontade deve conseguir sustar os seus impulsos.

Mas para tanto devemos habituar os órgãos que servem o Espírito às suas funções de reguladores e de chefes e não os deixar adormecer e enferrujar na inacção. Daí a magia, na qual falaremos adiante.

Não podemos deixar a psicologia sem dizer uma palavra acerca das doutrinas do ocultismo sobre o princípio feminino, nos diversos planos e especialmente no plano humano. O feminino, para o ocultista, é o complementar necessário de todo o princípio activo. A mulher não é, portanto, superior nem inferior ao homem, é complementar, tanto psicologi-

camente como anatomicamente. A mulher é a materialização, na Humanidade, da faculdade plástica universal, simbolizada pela pomba. Ela desenvolve e completa as formas que o Homem cria; eis por que ela deve desenvolver as suas faculdades anímicas, enquanto o homem deve insistir no desenvolvimento das suas faculdades intelectuais. Querer demonstrar que a mulher é inferior ou superior ao homem é procurar se o pólo zinco é superior, porque é activo, ao pólo carvão, que continua passivo na pilha. Ambos são indispensáveis à produção de corrente e, se saírem do seu papel respectivo, a corrente deixa de passar. Esta dupla polaridade existe, não só nos sexos diferentes, mas também em cada indivíduo. O coração é sempre complementar do cérebro e, por conseguinte, ele é positivo na mulher e negativo no homem. Por coração deve entender-se os sentimentos e as faculdades anímicas que os ocultistas localizam no plexo cardíaco, como ponto de origem, e o cérebro, neste caso, só serve como centro de devolução.

CAPÍTULO II

LÓGICA

O Método ou Lógica do Ocultismo
A Analogia e os Quadros Analógicos
Constituição do Universo
O Macrocosmos ou a Natureza

Este longo estudo sobre o Corpo astral era indispensável para fazer compreender a longa pesquisa do ocultismo, que tende com toda a sua força a determinar os intermediários que podem unir dois princípios aparentemente contrários.

Assim, o óleo e a água são considerados como impossíveis de misturar intimamente. Só se consegue fazer com eles uma emulsão, na qual as moléculas se justapõem sem se mesclar (unir). E, no entanto, basta um pouco de carbonato de sódio para transformar estes dois contrários num sabão perfeitamente homogéneo. Eis o papel do Corpo astral em relação ao óleo espiritual e à água material, com os quais ele faz um sabão vital. (Pedimos ao leitor que nos desculpe esta imagem técnica.)

Semelhante é também o papel do método característico do Ocultismo: a analogia, intermediária entre a dedução e a indução, apoiando-se alternadamente em cada uma delas, sem se restringir às regras especiais de uma ou de outra. A analogia está tão ligada ao ocultismo como método quanto a pele está ligada ao corpo.

Mas o emprego deste método requer uma perícia muito especial para não cair nos excessos da imaginação, e uma verificação a todo o momento para produzir resultados sérios. É aqui que os números prestarão sérios serviços, e grande erro foi não conceder aos livros de Euclides sobre os números a mesma glória ligada aos seus livros sobre a geometria.

A melhor maneira de mostrar o que é este método analógico ainda será empregá-lo em abundantes exemplos,

discutindo os resultados obtidos; eis o que vamos esforçar-nos por fazer.

A lei geral da analogia foi assim definida, na *Tábua de Esmeralda*, pelo Trimegista (que é, quanto a nós, o nome colectivo da Universidade do Egipto):

«O que está em cima.....
« é como .....
« o que está em baixo
«Para cumprir o milagre da Unidade.»

Note-se bem que o autor da *Tábua de Esmeralda* distingue absolutamente, e desde início, entre analogia e similitude, o que é um erro difícil de evitar nos principiantes. Uma coisa análoga a outra quase nunca é similar. A analogia da constituição do homem em três princípios: espírito, alma e corpo; e a da constituição de uma equipagem em cocheiro, cavalo, carruagem, são suficientemente nítidas para permitir resolver curiosos problemas, e Deus sabe como há pouca similitude entre as duas coisas.

Assim, diz o Trimegista: «O que está cima é como o que está em baixo.» E não diz: «O que está em cima é o que está em baixo.»

Portanto, ele protesta com antecedência contra a acusação de Panteísmo, que os teólogos sempre se esforçaram por erguer contra os ocultistas e que é uma acusação injusta.

O primeiro ensinamento da *Tábua de Esmeralda* é, pois, a analogia dos contrários: o cimo e o fundo, o lá de cima e o lá de baixo, que possuem um elemento comum, cujo carácter fica determinado pela continuação do texto hermético.

O segundo ensinamento é o retorno à unidade destes contrários, ou a síntese unindo em si todas as antíteses inferiores, e é este o princípio da *Lei Universal*, de Hoene Wronski.

Aqui temos a primeira base teórica; vejamos agora as aplicações.

Em primeiro lugar é preferível subir-se do conhecido físico ao desconhecido metafísico ou, melhor, do visível, para estabelecer uma analogia. Isto parece uma ingenuidade.

Mas, em ocultismo, o invisível é tão determinado como o visível, e podemos, à escolha, procurar as formas dadas ao corpo pelo espírito segundo a fórmula astrológica do mesmo espírito (o que é proceder do invisível para o visível) ou procurar o carácter astrológico do espírito através das formas do corpo (o que é proceder do visível para o invisível).

Este último método é o que L.-C. de Saint-Martin preconiza, quando diz: «Devemos estudar a natureza através da constituição do homem e não o homem através da natureza.» Realmente, segundo a analogia e a sua lei fundamental, o Homem, a Natureza e Deus são análogos (mas não similares), e os princípios de um reencontram-se analogicamente no outro, o que levou a dizer que o Homem era um pequeno mundo ou, melhor, um mundo em pequeno (Microcosmos) e que a Natureza era um grande mundo ou um homem em grande e que ambos reproduziam a lei da constituição divina: «Deus fez o homem à sua imagem.» Eis a analogia formulada na Bíblia, e eis o ponto de partida de todas as analogias entre o Criador e a Criatura, sem que nunca se possa confundir um com o outro.

Ponhamos agora um problema que vamos tratar de resolver por diversos métodos:

Qual é a relação dos três segmentos do organismo: ventre, peito e cabeça, entre eles?

O sábio positivista, procedendo por indução experimental, estudará os tecidos, os humores, os grupos nervosos existentes em cada centro, e desse estudo induzirá uma resposta mais ou menos completa.

O filósofo, procedendo por dedução pura, determinará que laço hierárquico existe entre os três elementos estudados, e daí deduzirá considerações mais ou menos gerais.

Estes métodos são conhecidos e não vale a pena pormenorizá-los. Vejamos agora como procederá o analogista.

Em primeiro lugar, colocará estes três elementos de estudo segundo a hierarquia brutal dos mesmos:

Ao alto:	A cabeça
Ao meio:	O peito
Em baixo:	O ventre

Feito isto, buscará imediatamente qual é a representação de cada um destes elementos nos dois outros, visto a analogia necessitar de um ou vários termos idênticos em cada um dos segmentos, termos que se trata aqui de descobrir. Então, ele dirá:

No ventre, deve haver um elemento característico do ventre, o qual deve, por sua vez, encontrar-se representado nos dois outros segmentos. Assentaremos, portanto:

Ventre:

1) Elemento próprio do ventre;
2) Representação do ventre no peito;
3) Representação do ventre na cabeça.

A mesma coisa para o segundo elemento, o peito, que deve ter um elemento próprio e a representação deste elemento em cada um dos outros dois segmentos.

Isto leva-nos a constituir um quadro analógico de pesquisas, escrevendo numa primeira coluna vertical:

CABEÇA
PEITO
VENTRE

E numa segunda coluna horizontal:

VENTRE PEITO CABEÇA

É uma espécie de Tábua de Pitágoras, onde os elementos de estudo fazem o papel dos números, e era este o verdadeiro aspecto da Tábua de Pitágoras tal como a empregavam os iniciados. Temos, pois, um quadro assim constituído:

CABEÇA			
PEITO			
VENTRE			
	CABEÇA	PEITO	VENTRE

A analogia vai permitir-nos preencher os espaços vazios e que representam os elementos a descobrir — e isto de modo muito simples. Basta reunir em cada casa vazia os dois nomes de que esta casa é intersecção. (Processo da Tábua de Pitágoras para os números.)

A primeira coluna vertical será assim preenchida:

CABEÇA	Cabeça na Cabeça		
PEITO	Cabeça no Peito		
VENTRE	Cabeça no Ventre		
	CABEÇA	PEITO	VENTRE

Procedendo de igual maneira para os outros dois segmentos, obtém-se o quadro definitivo seguinte:

CABEÇA	Cabeça na Cabeça	Peito na Cabeça	Ventre na Cabeça
PEITO	Cabeça no Peito	Peito no Peito	Ventre no Peito
VENTRE	Cabeça no Ventre	Peito no Ventre	Ventre no Ventre
	CABEÇA	PEITO	VENTRE

Resta agora dirigirmo-nos à fisiologia e à anatomia para substituir pelos nomes dos órgãos o seu carácter fornecido

pelo quadro e, assim, teremos determinado a analogia entre os contrários, quer dizer:

A cabeça no ventre e o ventre na cabeça;
A cabeça no peito e o peito na cabeça;
O peito no ventre e o ventre no peito.

Os nomes científicos vão esclarecer estas analogias de um modo curioso e mostrar o rigor do método de pesquisas que nós adaptamos à incerteza da analogia quando esta analogia não é assim determinada pelas intersecções de vários elementos.

Para sermos completos nos nossos relatórios, chamaremos à lembrança que o rosto é a unidade que resume os diversos aspectos da trindade precedente, e então obteremos o seguinte quadro, no qual os termos

Inferior substitui a palavra Ventre ou Abdómen;
Médio substitui a palavra Peito ou Tórax;
Superior substitui a palavra Cabeça;

e onde a face sintetiza o todo.

A cabeça no ventre ou o superior no inferior é o plexo solar; enquanto que o ventre na cabeça ou o inferior no superior são os vasos e os gânglios linfáticos da cabeça.

Reencontramos assim aquela analogia entre os gânglios simpáticos e os gânglios linfáticos, os primeiros agindo para a força nervosa, como os segundos agem para as essências materiais.

Podíamos achar de igual modo outras curiosas analogias que servirão de tipo de pesquisa a quem as queira estudar.

Se desenvolvermos, como exemplo, o quadro referente ao homem, foi para mostrar que o método analógico é aplicável às nossas ciências mais técnicas, como a fisiologia. As aplicações mais gerais podem ser feitas, mas não seriam tão demonstrativas como aquela que escolhemos.

	COLUNA DO MUNDO INFERIOR **VENTRE**	COLUNA DO MUNDO MÉDIO **TÓRAX**	COLUNA DO MUNDO SUPERIOR **CABEÇA**	COLUNA DO MUNDO SINTÉTICO **FACE**
FACE	*Inferior no Sintético* Boca (e gosto)	*Médio no Sintético* Nariz (e olfacto)	*Superior no Sintético* Olhos sensitivos (vista) Orelhas (ouvido)	CENTRO DO MUNDO SINTÉTICO Rosto Tacto
CABEÇA	*Inferior no Superior* Vasos e Gânglios linfáticos da cabeça	*Médio no Superior* Carótidas e artérias cerebrais	CENTRO DO MUNDO SUPERIOR Cérebro e anexos	*Sintético no Superior* Fronte Músculos motores dos olhos Membros cefálicos ou maxilar superior Laringe (Cabelo e barba)
TÓRAX	*Inferior no Médio* Canal torácico Vasos linfáticos	CENTRO DO MUNDO MÉDIO Coração Pulmões	*Superior no Médio* Plexo cardíaco	*Sintético ou Médio* Membros torácicos Nervo pneumogástrico Seios
ABDÓMEN	CENTRO DO MUNDO INFERIOR Estômago Intestinos, Fígado, Baço (e anexos)	*Médio no Inferior* Aorta abdominal Rins	*Superior no Inferior* Plexo solar	*Sintético no Inferior* Membros abdominais Nervo pneumogástrico Órgãos genitais

Vamos dar um quadro dos três grandes princípios estudados por Louis-Claude de Saint-Martin: Deus, Homem e o Universo:

	DEUS	O HOMEM	O UNIVERSO
DEUS	Deus em Deus ele mesmo	O Homem em Deus	O Universo em Deus
O HOMEM	Deus no Homem	O Homem em si mesmo	O Universo no Homem
O UNIVERSO	Deus no Universo	O Homem no Universo	O Universo em si mesmo

Cada uma destas secções constituiria o objecto de um estudo particular. Observemos apenas que o ocultismo ensina a Unidade de Deus em Si mesmo e a sua Personalidade própria para além do Universo e do Homem.

Assim, é refutada desde já a acusação de panteísmo erguida pelos teólogos contra o ocultismo.

O ocultismo estuda, de facto, sucessivamente o materialismo, o panteísmo, o deísmo, para constituir a síntese deles todos, determinando o termo superior que pode uni-los na matese absoluta.

Quando comparámos, nas nossas aplicações de um quadro analógico, a constituição do homem em espírito, alma e corpo, à constituição de uma equipagem em cocheiro, cavalo e carruagem, objectaram-nos que esta comparação deixaria de ser válida a propósito de qualquer outro aparelho motor, como a locomotiva, por exemplo. [...]

... ...

Para responder a esta objecção e às outras do mesmo género, tomaremos a liberdade de dar três quadros aparentemente fúteis: a equipagem, a locomotiva e a bicicleta.

Os ocultistas um pouco avançados poderão aplicar estes quadros a analogias muito interessantes e de ordem muito diferente.

Nós insistimos na constituição dos quadros analógicos para evitar aos estudantes muitos enganos e dissabores, porque a descoberta do Termo científico exacto, correspondendo, por um lado, ao seu lugar no quadro no cruzamento dos dois termos geradores, e, por outro lado, sendo analógico do seu contrário, requer pesquisas completamente pessoais e deixa pouco espaço à invenção puramente imaginativa.

Após haver traçado os quadros de vários princípios, pode passar-se a um exercício ainda mais interessante: é o confronto de cada um dos princípios com todos os seus análogos nos outros quadros.

Assim, pode confrontar-se da seguinte maneira todos os quadros de três termos que demos até aqui:

Equipagem	COCHEIRO	CAVALO	CARRUAGEM
COCHEIRO	Cocheiro ele mesmo *Cabeça Tórax Ventre*	União do Cavalo e do Cocheiro Freio Cabeça do Cavalo	União da Carruagem e do Cocheiro Lugar do Cocheiro ou Cabeça da Carruagem
CAVALO	União do Cocheiro e do Cavalo Rédeas e Braço do Cocheiro	Cavalo ele mesmo *Patas Corpo Cabeça*	União da Carruagem e do Cavalo ou Corpo da Carruagem
CARRUAGEM	União do Cocheiro e da Carruagem Assento ou Boleia, Pernas e Freios	União do Cavalo e da Carruagem Varais e Corpo	Carruagem ela mesma Guarnição (armação guarda-lamas) Varais Rodas

LOCOMOTIVA	MECÂNICO	MOTOR	CARRUAGEM
MECÂNICO	Mecânico ele mesmo	União do Motor e do Mecânico Manómetros e válvulas Torneira de acção	União da Carruagem e do Mecânico Lugar do Mecânico
MOTOR	União do Mecânico e do Motor Comando do Vapor	Motor ele mesmo Caldeira Pistão e Bielas	União da Carruagem e do Motor Lugar do Motor
CARRUAGEM	União do Mecânico e da Carruagem Freios e chave dos freios	União do Motor e da Carruagem Bielas agindo sobre as Rodas	Carruagem ela mesma Armação Lugar do Motor Rodas

PRINCÍPIOS	DEUS	HOMEM	UNIVERSO
HOMEM	ESPÍRITO	ALMA	CORPO
CORPO HUMANO	CABEÇA	TÓRAX	ABDÓMEN

EQUIPAGEM	COCHEIRO	CAVALO	CARRUAGEM
LOCOMOTIVA	MECÂNICO	MOTOR	CARRUAGEM
BICICLETA	CICLISTA	MOTOR	BICICLETA

Determina-se deste modo a chave real dos quadros analógicos de dois, três, quatro, cinco, sete e doze termos dados por Agrippa na sua *Philosophia Occulta*. Cada um destes

termos pode, só por si, ocasionar um quadro analógico, e todos os termos colocados na mesma casa dos diversos quadros são estritamente análogos entre si.

Assim, a analogia vem apoiar a dedução e a indução em todas as obras ocultistas. A grande dificuldade no emprego deste método é, como já dissemos, não confundir a analogia com a similitude e não crer que duas coisas análogas são forçosamente similares: assim, o cérebro e o coração são análogos em ocultismo, e estão muito longe de ser similares. Isto relaciona-se com a doutrina das correspondências, a que já aludimos. São as coisas colocadas na mesma coluna de correspondência que são análogas, e o carácter da analogia estabelece-se pelo sentido geral da coluna inteira.

Deste modo, segundo a *Anatomia Filosófica*, de Malfatti de Montereggio, o estômago, o coração e o cérebro desempenham o papel de embriões, respectivamente, em cada um dos três centros: abdominal, torácico e cefálico, nos quais estão contidos. Esses órgãos são análogos entre si, conforme esta função. Mas a sua analogia pode estabelecer-se segundo outros elementos de apreciação. Realmente, se considerarmos estes três órgãos do ponto de vista da sua função geral, verificaremos que o primeiro recebe alimentos directamente do mundo exterior; o segundo recebe ar atmosférico, e o terceiro recebe sensações. Há, pois, analogia do ponto de vista da recepção directa de um contributo externo, e esta analogia dos três elementos de contributo: os alimentos, o ar e as sensações, existe igualmente entre eles, porque a analogia de duas coisas entre si determina a analogia de todos os constituintes dessas duas coisas. Nota-se a considerável elasticidade deste método, que, sob a sua simplicidade aparente, é muito difícil de manejar com sagacidade e precisão.

A analogia é o método teórico que os ocultistas reservam para as suas pesquisas respeitantes ao plano físico e ao mundo das leis.

Ela apenas permite obter luzes de segunda mão sobre o mundo dos princípios e sobre as causas primeiras. Para penetrar neste plano, os ocultistas avançados na prática possuem um método de visão directa no mundo invisível,

outrora cultivado com todos os cuidados nas escolas dos profetas, depois utilizado pelos extáticos e pelos místicos e conservando em nossos dias só por alguns raros adeptos das sociedades chinesas, das fraternidades bramânicas ou por enviados dos planos superiores. Ainda aqui, o ocultismo, que nos surgia quase como um simples sistema filosófico, escapa bruscamente ao método geral, para fazer apelo às práticas misteriosas às quais deve o seu nome e também bastantes calúnias ridículas, espalhadas à sua conta pelos ignorantes e pelos sectários. Este segundo método foi quase exclusivamente utilizado para as pesquisas respeitantes à alma e às suas transformações depois da morte, assim como aos seres espirituais que povoam os diversos planos invisíveis do Universo. Apollonius de Tyane, Jacob Boehm, Swedenborg, são, com Louis-Claude de Saint-Martin e o seu mestre Martinez de Pasqually, os mais conhecidos filósofos que empregaram este método, o que os fez classificar entre os místicos.

A união da analogia e da visão directa deu nascimento ao emprego dos Números e dos Símbolos tal como o praticam os ocultistas. Efectivamente, para evitar os erros a que podia prestar-se o emprego da analogia fora de propósito, veio a cabala dar um precioso instrumento de verificação nos números e na sua concepção simbólica. Cada número corresponde, realmente, a uma ideia e a um hieróglifo característico, de modo tal que as leis de combinação dos números verificam a combinação dos símbolos e das ideias. Nas obras dos Pitagóricos e nos livros de Euclides consagrados aos números[1], que se dedicaram particularmente a este género de aplicações, encontram-se interessantes informações a este respeito. Plutarco resumiu algumas no seu *Tratado d'Ísis e de Osíris*. Por este tratado é que temos noção dos números triangulares e losânguicos admitidos pelos ocultistas a título igual que os números quadrados e cúbicos.

---

[1] Tradução Peyrard em 3 vols., in-4.º, vol. I.

O mesmo se passa quanto às operações matemáticas correntes, às quais os ocultistas acrescentam:

1.º A adição teosófica, que consiste, sendo dado um número qualquer de 1 a 9, em adicionar todos os números, desde a unidade até ao número considerado. Seja, por exemplo, o número 5; para obter a sua adição teosófica, adicionaremos 1, 2, 3, 4 e 5, quer dizer, todos os números desde 1 ao número considerado, 5. Isto dará 15. O número 4 dará, pelo mesmo processo, 10;

2.º A redução teosófica, que consiste em reduzir os números compostos de dois ou vários algarismos a números de um único algarismo, pela adição sucessiva de todos os algarismo constituintes do número, até restar um só algarismo. Exemplo: o número 25 reduz-se a 2+5=7; o número 34224 reduz-se sucessivamente do modo seguinte: 3+4+2+2+4=15; 15=1+5=6; portanto, 34224 iguala 6 em última redução.

Louis-Claude de Saint-Martin, no seu livro sobre os números, chama raiz essencial ao resultado da adição teosófica, e faz dela (considera-a) o complemento das raízes quadradas e das raízes cúbicas.

Para terminar este rápido apanhado sobre os Números, resta-nos lembrar o sentido daqueles que os ocultistas mais correntemente utilizam, do ponto de vista simbólico.

1. O princípio positivo. — 2. O princípio negativo. — 3. O primeiro termo equilibrado, resultante da acção dos dois princípios precedentes. — 4. A primeira forma material. — 5. Acção do princípio activo (1) sobre a forma (4), a vida. — 6. O equilíbrio das forças, as duas correntes involutiva e evolutiva da natureza, figuradas hieroglificamente pelos selo de Salomão. (Dois triângulos entrelaçados e de vértices opostos.) — 7. Acção de força equilibrante (3) sobre a forma (4), primeiro termo perfeito. — 8. Equilíbrio das formas, justiça. — 9. Triplo ternário, símbolo dos três planos materiais. — 10. Acção do princípio activo sobre o nada (0). Primeira criação completa, imagem e modelo de todas as outras.

Interrompemos aqui estes exemplos, que podiam ser consideravelmene desenvolvidos. Cada número tem, realmente, pelo menos, três sentidos com adaptações diversas aos diversos planos. Os Cabalistas trabalharam especialmente nesta questão...

CAPÍTULO III

METAFÍSICA

A Metafísica do Ocultismo
Origem das Ideias
Passagem do Subjectivo ao Objectivo
O Mundo Invisível e o Plano Astral
A Magia e as Faculdades Ocultas do Ser Humano
Os Espíritos e as Forças Ocultas do Universo

1 — ORIGEM DAS IDEIAS
PAPEL DOS INTERMEDIÁRIOS

Em todos os sistemas filosóficos encontraremos concepções particulares sobre o Mundo e a sua constituição, sobre o homem e o seu destino, mas em parte alguma, a não ser nas obras dos adeptos da filosofia ocultista, encontraremos estudos tão pormenorizados sobre os Intermediários, os Mediadores, que permitam passar do plano da concepção espiritual ao plano material da criação.

Este termo de plano da existência ou de plano, simplesmente, designa um estado, bem mais do que um lugar, porque um homem que dorme e que vê em sonho uma chapa fotográfica de acontecimentos proféticos existe, como lugar, no plano físico e, como estado, no plano astral, onde a sua alma recebe esta força que o sábio místico Boucart chama o «fluido formativo». Impõe-se um estudo particular sobre este plano astral, que representa um tão importante papel na filosofia ocultista.

Se a psicologia nos oferecia, no problema da união da alma e do corpo, o ensejo de precisar as teorias muito especiais do ocultismo a tal respeito, a metafísica vai mostrar-nos ainda aplicações pessoais da filosofia oculta à solução do mais importante dos problemas da metafísica, a passagem do ser à realidade ou do subjectivo ao objectivo. Quando os ocultistas afirmaram que a solução deste género de problema residia na existência de um intermediário duplamente polarizado, cuidou-se que eles faziam recuar a

dificuldade em vez de resolvê-la. E, no entanto, o corpo astral é uma realidade orgânica e não uma concepção filosófica, o mesmo acontecendo com o «plano astral» ou plano intermediário entre o ser e a realidade física, graças ao qual o ocultista pretende resolver este importante problema.

Para dar uma primeira ideia do funcionamento deste plano astral, vamos outra vez tomar de empréstimo alguns exemplos necessários a uma das nossas aplicações científicas contemporâneas, a fotografia. Teoricamente, a passagem do objecto a produzir à prova, ou imagem fotográfica desse objecto, devia fazer-se directamente e sem intermediário. Um filósofo da escola clássica não deixaria de dizer que esse intermediário é uma invenção inútil, e podia citar o exemplo do pintor ou do desenhador, que reproduzem directamente o objecto sobre a tela ou sobre o papel, sem necessidade de qualquer intermediário. E, no entanto, o fotógrafo obtém primeiro uma chapa negativa, quer dizer, onde todos os laivos são ao inverso dos da natureza física, é só fazendo operar pela própria luz uma inversão do primeiro resultado por ela fornecido que o artista consegue a prova positiva semelhante ao modelo.

Aquela chapa ou cliché que, teoricamente, podia ser considerada inútil desempenha, pelo contrário, um papel muito importante, porque permite obter uma série indefinida de imagens positivas. Ora, o plano astral não é, para o ocultista, senão o plano dos clichés negativos ou moldes de que todos os objectos físicos não passam de provas, cada uma delas tirada em maior ou menor número de exemplares, por agentes espirituais especiais. A passagem do subjectivo ao objectivo é assim justificada.

E esta doutrina dos intermediários desempenha um papel de tal ordem no ocultismo que a voltaremos a encontrar a propósito da questão da origem da ideia. O pensamento é considerado, na tradição oculta, como uma das força mais poderosas e mais efectivas em acção no Universo. As ideias são agentes activos de felicidade ou de desgraça, conforme a intensidade desta emissão. O problema da sua origem primeira, problema inteiramente metafísico, é resolvido por L.-C. de Saint-Martin, o grande filósofo

ocultista, ao mostrar que só o gérmen das ideias é inato em nós, como o carvalho está só em gérmen na glande. A sensação vem desenvolver e fazer frutificar alguns destes gérmenes de ideias, como o calor e a água desenvolvem o carvalho. À teoria materialista das ideias derivadas unicamente das sensações, o ocultismo vem demonstrar o ponto comum de união revelando o carácter e o modo de desenvolvimento das ideias-gérmenes e o seu papel de intermediários entre os diversos planos.

Também é bastante difícil classificar realmente o ocultismo num sistema metafísico bem definido. O ocultismo pretende, com efeito, desempenhar o papel de conciliador universal entre todos os sistemas. Ensina que o dualismo e o materialismo são verdadeiros se restringirmos a sua aplicação ao plano físico; mas que caímos no erro quando queremos estender essa aplicação a outros planos. Igualmente o panteísmo é o sistema que melhor dá conta da vida e das suas leis no plano astral, assim como o puro espiritualismo, avançando mesmo até ao misticismo, é o único que pode dar efectivamente conta das leis do plano divino da Criação. Mas o ocultista nega-se à permanência exclusiva em cada um destes planos, tal como se nega à adopção exclusiva de cada um destes sistemas metafísicos. Ele visa a conciliação da tese, da antítese e da síntese, numa união estreita e universal que intitula «a Matese».

Idealizando o materialismo e materializando o misticismo, o ocultismo nega-se absolutamente a ser um sistema panteísta e, se tivéssemos de classificá-lo, precisaríamos de criar uma divisão nova e catalogá-lo como um idealismo sincrético ou integral.

Na Antiguidade, cada ciência, mesmo a dos números, tinha uma secção física e uma secção metafísica. Mais tarde, a secção física, sozinha, foi objecto de pesquisas contínuas da parte da escola clássica, o que resultou nas maravilhosas conquistas da ciência experimental, desdenhando, mais e mais, das digressões metafísicas. Isso foi o domínio abandonado ao ocultismo, e ele conservou sempre o estudo metafísico de cada ciência, de modo tal e tanto que, na hora de hoje, os seus adeptos sustentam que só a alquimia

conserva a metafísica da química actual, assim como só a astrologia poderá fornecer uma filosofia da astronomia, e só a magia dará uma chave das causas reais das forças cujos efeitos mais materiais a física verifica. Igualmente, um ocultista iniciado seja em que escola iniciática for, olhará como para um vulgar profano para quem disser que a alquimia, a astrologia e a magia foram, apenas, a primeira e mais primitiva forma da química, da astronomia e da física.

O quadro da nossa exposição não permite que nos alonguemos sobre a metafísica de cada ciência, e somos obrigados a escolher apenas um pequeno número de aplicações. Em história natural, o ocultismo dá teorias muito interessantes sobre a evolução e a organização das espécies e dos indivíduos. Para o ocultista, realmente, é o corpo astral que fabrica o corpo físico, no útero da mãe (para as espécies superiores), ou no ovo, conforme os casos. A evolução de um tipo para o tipo imediatamente superior só tem, portanto, lugar no plano astral. O molde do corpo de um cão, por exemplo, torna-se depois dos sofrimentos de uma incarnação terreste (ou física, num planeta qualquer) no molde ou corpo astral de um futuro corpo de macaco. Eis o motivo que impediu até agora os experimentadores de verificar sobre a Terra a passagem directa de uma espécie a outra, embora essa passagem seja evidente tanto para o anatomista como para aquele que observa o embrião. A corrente descendente ou involutiva é que vem regular a espiral da evolução em todos os planos do universo[1].

Além dos fluidos, fluidos criadores do arquétipo, e fluidos conservadores, do astral, existem agentes particulares accionando os fluidos.

Na comparação com a fotografia, os dedos do operador, as células que mantêm o movimento e a vida desses dedos, representam os agentes de que falamos.

---

[1] Em *La Science des Mages* e em *La Magie et l'Hypnose,* podem encontrar-se desenvolvimentos a respeito deste plano astral e do seu estudo pelos Antigos.

Comparando as analogias do plano astral e da fotografia, devemos notar o curioso paralelo que faz com que certos corpos químicos ajam da mesma maneira sobre a imagem fotográfica e sobre a imagem cerebral, tais como: o brometo de potássio, a morfina (placa Mercier), os alcalis, etc. Aí temos uma via completamente nova em medicina experimental.

Dado que tudo o que é visível é a manifestação e a realização de uma ideia invisível, o ocultismo ensina que existe na natureza uma hierarquia de seres psíquicos, tal como existe no homem, desde a célula óssea, até à célula nervosa, passando pela hematia, uma verdadeira hierarquia de elementos figurados.

Os seres psíquicos que povoam a região na qual agem as forças psicoquímicas receberam o nome de *elementais* ou espíritos dos elementos. São análogos aos glóbulos sanguíneos e especialmente aos leucócitos do homem. São os elementais que agem nas camadas inferiores do plano astral em relação imediata com o plano físico. Esta questão dos elementais, que obedecem à vontade boa ou má que os dirige, que, embora inteligentes, são irresponsáveis pelos seus actos, levantou curiosas polémicas nos últimos tempos. As citações de autores antigos, que adiante fornecemos, provarão que o ocultismo reconheceu e ensina, desde longa idade, a existência das entidades astrais[1].

Além disso, basta lembrarmo-nos de que, no nosso plano físico, um animal muito inteligente, o cão, desempenha o mesmo papel. O cão de um salteador não atacará um homem

---

[1] Talvez revolte muita gente contra mim se disser que existem criaturas nos quatro elementos que não são puros animais, nem homens, embora destes possuam a figura e o arrazoado sem deles ter a alma racional. Paracelso refere-se-lhes claramente, assim como Pórfiro.

Há quem pretenda que estas criaturas extraordinárias são duma natureza espiritual; não duma espiritualidade que exclua toda a matéria; mas duma espiritualidade que só admite como fundamento substancial uma certa matéria infinitamente diluída e tão imperceptível como o ar? — *Grimoire du XVI^e siècle (Petit Albert,* pp. 99 e 123).

de bem, se o dono mandar, e o cão do rendeiro não se atirará ao ladrão que tente entrar na quinta? Em ambos os casos, o cão ignora se se trata de um homem de bem ou de um bandido; ele é irresponsável pelas suas acções e contenta-se em obedecer ao dono, que é o único responsável. Assim é o papel dos elementos do astral[1].

Dominar elementários só pode ser comparado à acção da disciplina militar. O chefe de exército soube agrupar à sua volta, pela dedicação ou pelo temor, seres conscientes e responsáveis que resolveram submeter a sua vontade à do chefe ou foram forçados a fazê-lo. Esta segunda acção é bem mais difícil do que a acção sobre o cão. O mesmo acontece no astral, onde o elementário só obedece por dedicação ou por temor, mas permanece livre de resistir à vontade do Necromante.

Os elemantais andam em circulação quase contínua nos fluidos do astral. Além destas entidades, outras existem, segundo a opinião de todos os videntes. Trata-se das inteligências directoras formadas pelos espíritos dos homens que sofreram uma evolução considerável. Tais seres, análogos às células nervosas dos centros simpáticos do homem, receberam nomes muito diversos em todas as cosmogonias dos Antigos. Contentamo-nos com assinalar a sua existência. Segundo o ensinamento da Cabala, encontram-se ainda, no plano astral, entidades dotadas de consciência; trata-se dos restos dos homens que acabam de morrer e cuja ainda não sofreu todas as suas evoluções. Essas entidades correspondem ao que os espíritos chamam «espíritos», ao que o ocultista chama «elementários»[2].

---

1 Eles habitam num lugar perto da Terra; e mais, estão nas entranhas da Terra; não há malvadez que não tenham a audácia de levar a cabo; possuem assim o humor violento e insolente, e é o que faz com que maquinem, frequentemente, e montem armadilhas e ciladas das mais violentas e inesperadas, e quando fazem as suas sortidas de vezo, em parte vão às ocultas, e em parte praticam violências, regalam-se, onde quer que reinem a injustiça e a discórdia. — PÓRFIRO (século III).

2 Quando se tiver sólidas razões para crer que são espíritos de homens defuntos que guardam os tesouros, é bom ter

Os elementários são, pois, entidades humanas evoluídas, enquanto os elementais ainda não passaram pela humanidade; ponto muito importante que se deve fixar[1].

A teoria das «imagens astrais» é um das mais particulares entre as que são expostas pelo ocultismo, para a explicação dos fenómenos mais estranhos; por isso, cumpre-nos resumi-la o melhor que pudermos.

O exemplo do artista e da estatueta mostra que uma das funções do «plano astral» era conservar os tipos das formas físicas e reproduzi-los, à semelhança do molde que conserva e reproduz as formas da nossa estatueta.

Esta propriedade provém de que o plano astral pode ser considerado como um espelho do mundo divino, que reproduz em negativo as ideias-princípios, origem das formas físicas futuras.

Mas o ocultismo ensina que, assim como cada coisa ou cada ser projecta uma sombra no plano físico, também tudo projecta um reflexo no plano astral.

Quando uma coisa ou um ser desaparece, o seu reflexo no astral persiste e reproduz a imagem dessa coisa ou desse ser, tal como a imagem era no exacto momento da desaparição. Cada homem deixa, pois, «em astral» um reflexo, uma imagem característica. Quando morre, o ser humano sofre uma mudança de estado caracterizada pela destruição da coesão que mantinha unidos princípios de origem e de tendência muito diferentes.

O corpo físico ou invólucro carnal regressa à terra, ao mundo físico, donde viera.

---

círios bentos em vez de candeias vulgares. — *Grimoire du XVI^e siècle (Petit Albert)*.

[1] A reintegração há-de ser universal; renovará a natureza e acabará por purificar até o princípio do mal. No entanto, para esta obra, os seres inferiores têm necessidade da assistência desses espíritos que povoam o intermundo entre céu e terra. Precisamos, pois, de entrar em comércio com eles; estabelecer comunicações por grau até chegar aos mais poderosos. — MARTINEZ DE PASCUALLY (século XVIII).

O corpo astral e o ser psíquico, esclarecidos pela memória, pela inteligência e pela vontade, das lembranças e das acções terrestres, passam ao plano astral, especialmente às regiões mais elevadas, onde constituem um elementário ou um «espírito».

A súmula das aspirações mais nobres do ser humano libertado da memória das coisas terrestres, tal como o sonâmbulo está livre das recordações do estado de vigília, em resumo o ideal que o ser humano criou durante a vida, torna-se uma entidade dinâmica que nada tem a ver com o eu actual desse indivíduo e que passa ao mundo divino.

É este ideal mais ou menos elevado que será a fonte das futuras existências e que lhe determinará o carácter.

Entrando em relação com estas «imagens astrais», é que o vidente reencontra toda a história das civilizações esgotadas, e dos seres desaparecidos. Uma descoberta muito recente, a da psicometria, veio mostrar que estas afirmações do ocultismo, que se podia julgar serem pura metafísica, correspondem a realidades absolutas.

Suponha que o seu reflexo ou imagem num espelho persiste, depois da sua partida, com a sua dor, as suas expressões e todas as suas aparências de realidade, e terá assim uma ideia do que se pode entender pela «imagem astral de um ser humano».

Os Antigos conheciam perfeitamene estes dados e chamavam sombra à imagem astral que evoluía nas regiões mais inferiores do plano astral, mesmo a entidade pessoal, o eu, que evoluía nas regiões superiores do astral; e enfim o espírito propriamente dito, o ideal superior do ser.

Que os incrédulos ou aqueles que supõem que o ocultismo é uma invenção moderna escutem Ovídio[1] !

---

[1] Há quatro coisas a considerar no homem: os manes, a carne, o espírito e a sombra; estas quatro coisas são colocadas cada uma em seu lugar, a Terra cobre a carne, a sombra volteia em roda do túmulo, os manes moram nos infernos, e o espírito sobe ao céu. — OVÍDIO.

Ao evocar um ser defunto, deveremos pois tomar muita cautela a verificar se se trata da sua «imagem astral» ou do seu eu verdadeiro.

No primeiro caso, o ser evocado conduzir-se-á como um reflexo num espelho. Será visível, poderá fazer alguns gestos, será fotografável; mas não falará. Assim é o fantasma de Banco no *Macbeth*, fantasma visível só para o rei e que não profere palavra alguma.

No segundo caso, o ser evocado falará, e vários mortais poderão vê-lo ao mesmo tempo. É o caso do fantasma posto em acção por Shakespeare no *Hamlet*.

Os fenómenos espiritistas chamados «materialização» eram conhecidos desde todos os tempos. Agrippa, no século XVI, fornece deles uma teoria completa, segundo o ocultismo, na sua *Philosophia Occulta*. Se, no entanto, o século XVI ainda parecer muito próximo, o leitor pode consultar frutuosamente todos os pormenores de uma evocação conforme ao ocultismo em *Homero* (*Odysseia*, Canto XI), onde a imagem astral se chama εἴδωλον[1].

Em resumo, o plano astral, intermediário entre o plano físico e o mundo divino, contém:

1.º Entidades directoras presidindo à marcha de tudo o que evolui em astral. Estas entidades psíquicas são constituídas pelos homens superiores das humanidades anteriores, evoluídos por sua própria iniciativa (Espíritos

---

[1] Aqui fica, aliás, o título de curiosidade, a descrição de uma conversa «por pancadas», em 1528:

«Aconteceu uns dias depois que Antonieta ouviu qualquer coisa à roda dela a fazer um barulho, e a modos que umas pancadinhas debaixo dos pés dela, como quem batesse com a ponta de um pau de baixo de um patamar ou de um degrau. E parecia mesmo que o que fazia este som e assim batia estava lá fundo dentro da terra; mas o som que se fazia era ouvido por quase quatro «doys» em terra, sempre debaixo dos pés da dita donzela. Eu ouvi-o muitas vezes, e ao responder-me sobre o que lhe perguntava batia tantas pancadas quantas eu pedia.» — ADRIANO DE MONTALEMBERT, 1528.

Segue-se toda uma conversa entre a alma da morta e as monjas, comunicação inteiramente obtida por pancadas.

directores da Cabala), ou por seres especiais do plano divino (Anjos e Recebedores de luz);

2.º Fluidos particulares formados de uma substância análoga à electricidade, mas dotados de propriedades psíquicas: a luz astral;

3.º Nestes fluidos circulam seres diversos, susceptíveis de sofrer a influência da vontade humana: os elementais;

4.º Além destes princípios próprios do plano astral, encontramos aí ainda as formas do futuro prontas a manifestar-se no plano físico, formas constituídas pelo reflexo em negativo das ideias criadoras do mundo divino;

5.º As «imagens astrais» dos seres e das coisas, reflexos em negativo do plano físico e base dos «auras astrais»;

6.º Fluidos emanados da vontade humana ou do mundo divino e accionando o astral;

7.º Corpos astrais de seres sobrecarregados de materialidade (suicidas), seres em vias de evolução (elementários), e entidades humanas atravessando o astral, quer para se encarnarem (nascimento), quer depois de se desencarnarem (morte). Pode também encontrar-se ali os corpos astrais de adeptos e de feiticeiras em período de experimentação;

8.º As ideias forças geradas, quer por indivíduos, quer por colectividades, e dinamizadas ou não pelos elementais que constituem os clichés astrais individuais ou colectivos;

9.º Os agrégoras, ou imagens astrais de forma específica, sustentados pelas aspirações das colectividades e formando uma extensão da classe precedente.

2 — OS AURAS DO SER HUMANO O REGISTO DAS IDEIAS NO INVISÍVEL

Uma série de experiências muito curiosas, levadas a cabo por um sábio americano, chamado Buchanan, vieram mostrar que cada objecto pode narrar uma parte dos factos a que assistiu. A ciência derivada desta prática denomina-se *psicometria* ou medida ou descrição por meio da lama, porque consiste em colocar o objecto a estudar na fronte de um ser humano trazido para o efeito. A alma vê então directamente

uma série de imagens que se relacionam com os factos mais importantes em que o objecto andou misturado.

Tomemos um exemplo para sermos mais bem compreendidos. Um dia, numa reunião a que assistiam vários sábios e literatos, eu levava um dos nossos amigos que desenvolveram em si esta faculdade da psicometria: M. Planeg[1]. Um assistente deu-lhe a estudar um velho relógio que trazia consigo. O meu amigo viu:

1.º A princípio, uma corte (género Luís XV), nobres e duelos;

2.º Uma cena da Revolução Francesa, onde uma velha dama subia ao cadafalso e era guilhotinada;

3.º Uma cena de operação cirúrgica num hospital moderno.

A pessoa que tinha entregado o relógio estava estupefacta:

1º. Este relógio pertencera a um dos seus antepassados, no reinado de Luís XV;

2.º A uma avó guilhotinada no tempo da Revolução;

3.º Posto de parte, fora retirado e levado no dia de uma operação feitaà mulher do assistente.

Cito um facto pessoal de psicometria; mas encontram-se outros às centenas nos livros especiais.

O que resulta de todos estes fenómenos é que cada objecto pode trazer a sua história escrita invisivelmente à volta dele.

O mesmo acontece com o ser humano. Cada um de nós traz à sua volta uma irradiação ou reflexo invisível aos olhos da carne, mas perceptíveis pela alma exercitada.

Nesta irradiação estão inscritos, sob a forma de imagem, os resultados mais importantes dos nossos pensamentos e das nossas acções. Esta irradiação chama-se, segundo a tradição, *Aura*, e há uma aura para cada princípio. Há, pois, uma aura do corpo físico muito pouco exterior, uma irradiação ou aura do corpo astral, enfim uma irradiação ou aura do espírito.

---

[1] Pseudónimo de Georges DESCORNIERS.

Esta última, conhecida das tradições religiosas, é que rodeou de auréolas as cabeças dos santos e das divindades para a simbolizar.

Graças a esta irradiação dos princípios do ser humano explicam-se bastantes fenómenos aparentemente estranhos, como as simpatias e as antipatias súbitas, quando se dá o primeiro encontro de um ser, como as instituições e as previsões ditas inconscientes, etc.

O ocultista exercitado, quer dizer, que desenvolveu em si as faculdades de percepção do invisível, apercebe-se à primeira vista do valor real de um ser humano, não pelos seus trajes, não pelo seu aspecto exterior, mas pela sua irradiação invisível.

O homem que se considera bom, ou poderoso, ou superior aos outros homens, aquele que crê evitar os sofrimentos pelo isolamento, em vez de partilhar dos seus semelhantes, todos esses povoam a atmosfera invisível de torpes imagens, que o vidente e mesmo o sonâmbulo distinguirão perfeitamente.

Pelo contrário, as boas acções, a certeza de que se não é melhor do que os outros e que só as circunstâncias vos permitiram não fazer o mal que se acusa os outros de haverem feito, as humilhações livremente consentidas e suportadas sem fraqueza, o exercício da verdadeira caridade não só física, mas especialmente moral; tudo isso povoa a atmosfera invisível de belas representações simpáticas, de imagens luminosas, que nos círculos de iniciados se chamam: clichés.

Cada um dos objectos, dos indivíduos, das nações e dos astros têm os seus clichés, bons ou maus, e era ao seu lado que se dedicavam os antigos colégios de profetas.

Esta existência das emanações invisíveis do homem leva-nos a resumir a magia ou o exercício das faculdades ocultas do ser humano. Este resumo é necessário para evitar bastantes usurpações e erros produzidos por este termo «Magia».

Tal como o ocultismo, a Magia exige dos seus alunos aptidões morais além de conhecimentos intelectuais. Também ela submete os seus discípulos a um treino particular,

respeitante ao regime alimentar e respiração, e destinado a assumir o comando da vontade sobre o organismo, em todos os seus planos. Só depois deste treino preliminar é o que o ocultista adquire consciência das forças latentes encerradas na natureza e no homem, e ainda não descobertas pela ciência normal, se bem que esta cada vez mais se vá daí aproximando, e só então o ocultista pode compreender tudo o que se esconde de verdade e de erros sob o termo magia. Antes, portanto, de abordar as diversas magias: humana, natural, infernal divina, vamos ocupar-nos desse treino e dos seus resultados.

O mais elevado produto gerado pelo organismo humano, na sua parte puramente maquinal, é a força nervosa, e toda a actividade do principiante vai ser consagrada a obter esta força nervosa tão pura e tão delicada quanto possível, e depois a concentrar essa força, tão depurada, tão activa quanto ele o possa conseguir, sobre um ponto bem limitado do organismo, do cérebro, ou mesmo do exterior, porque esta força pode ser projectada à distância. Ora, a produção da força nervosa está directamente ligada ao regime alimentar, e a depuração à própria pureza deste regime, apoiado em exercícios de respiração apropriados.

O regime mais próprio para agir eficazmente sobre a força nervosa é aquele em que entram menos substâncias animais e, a tal propósito, o regime pitagórico é o mais favorável. Mas esse regime, como o jejum de bastantes religiões modernas, só era praticado durante certo tempo: quarenta dias, no máximo, em todo o seu rigor. Depois, o estudante regressava ao regime misto atenuado, ou continuava exclusivamente vegetariano, conforme o seu temperamento, ou os seus gostos, ou conforme a região onde habitava.

O principal era evitar a introdução no organismo daquilo que Descartes chamava «os espíritos animais». Além disso, como todos os animais deviam servir para alimentos dos sacerdotes, eram abatidos segundo um rito especial, e não assassinados, que é o que se faz nos nossos dias; os excitantes eram absolutamente proscritos e só o

incenso, a mirra, e algumas plantas agindo directamente sobre o espírito, eram utilizados.

Os exercícios respiratórios tinham por fim aumentar ou diminuir à vontade a quantidade de ácido carbónico do sangue, e isto retardando ou activando a expiração. Várias seitas budistas e algumas fraternidades do Islão praticam ainda os exercícios respiratórios. Por meio deste treino, o estudante entrava mais intimamente em relação com a natureza invisível, o mundo dos sonhos abria-se a ele primeiro, depois a visão directa e a intuição desenvolviam-se progressivamente, e os primeiros passos tornavam-se firmes na via dos mistérios.

Abordemos agora as diversas magias.

A *magia humana*, ou do microcosmos, contém todas as acções directas dos seres humanos uns sobre os outros, e especialmente a acção do homem exercitado sobre o homem não exercitado. A sua chave é a utilização do corpo astral, e a sua direcção consciente, o que a diferencia desde logo da mediumnidade.

Eis onde o treino progressivo pelo regime e pela respiração representa um papel principal. A prática a atingir consiste, com efeito, em obter a saída consciente e progressiva do «duplo astral» fora do corpo físico. Este desdobramento, esta exteriorização, como diziam os experimentadores modernos, forma uma das mais interessantes aplicações para a galeria, mas as realmente menos utilizadas pelos verdadeiros práticos da alta ciência. Só os principiantes e os ignorantes podem crer que o desdobramento não se reduz a uma prática da ginástica psíquica. Este desdobramento do ser humano, conhecido de toda a Antiguidade, começa a apresentar-se aos experimentadores contemporâneos disfarçado ainda sob os factos de telepatia, de mediumnidade espírita e de hipnose profunda. Todos estes factos estão ligados à saída, não consciente mas inconsciente, do corpo astral, e esta última obtém-se com muito mais facilidade do que a primeira. Neste género de experiências, o sujeito é adormecido, ou por um assistente, ou por outra influência qualquer, e produz, à distância, deslocações de objectos sem contacto e em boas condições de controlo. O ocultismo afirma que não se trata

de acções de espíritos (como pretende a maior parte dos espíritas), mas só de uma acção à distância do corpo astral do médium. As experiências de verificação levadas a cabo pelo Sr. De Rochas e outros em França e na Inglaterra vieram confirmar ponto por ponto as afirmações tradicionais do ocultismo, mostrando que existia uma estreita relação entre os movimentos do músculo do médium e as acções produzidas à distância e sem fraude.

Outra série de fenómenos, devidos à saída do corpo astral, são os factos de visão à distância, obtidos conscientemente por Santo António de Pádua, por Swedenborg e, anteriormente ainda, por Apollonius de Tyane, e inconscientemente por alguns bons pacientes dos magnetizadores do começo do século XIX. Por esse processo de visão directa verificam-se as afirmações das diversas revelações religiosas, respeitantes ao estado e às transformações de o espírito após a morte física. Neste caso, como os ocultistas trazem outros elementos de demonstração diferentes dos raciocínios filosóficos, será útil demorarmo-nos um pouco sobre este ponto.

Resta-nos falar da *magia inversiva*, *magia negra* ou *feitiçaria*. Stanilas de Guaita definiu-a bastante bem: o emprego, para o mal, das forças ocultas da natureza. Enquanto que o magista desenvolve todos os seus esforços para ajudar a evolução das forças naturais, o feiticeiro emprega todas as suas forças para paralisar a livre expansão das forças evolutivas em benefício das forças de morte e de involução. Na maior parte dos casos, aquele que se julga dotado de um poder maléfico é um pobre ignorante que só possui um segredo pueril de magnetismo e que, então, utiliza o melhor que pode o seu saber para aterrorizar os vizinhos e para lhes subtrair dinheiro. Porque existe ainda um distinção característica das escolas ocultistas que é a absoluta proibição de pedir ou receber presentes ou dinheiro para as suas necessidades pessoais, em recompensa de uma assistência por meios mágicos. Assim, os talismãs, que são, em geral, simples fixadores de forças magnéticas, devem ser feitos pessoalmente por aquele que quer utilizá-los e nunca devem ser vendidos, nem comprados, sob pena de os prevaricadores serem banidos das escolas sérias de ocultismo. O feiticeiro que entra

francamente em luta com todas as forças divinas do invisível é, na maior parte dos casos, um monomaníaco do orgulho ou um alienado. Seria erro julgar que as luzes projectadas sobre todas as coisas pela ciência do século XIX fizeram desaparecer esse tipo de grande revoltado contra Deus. Uma das obras de Stanilas de Guaita dá-nos uma enorme quantidade de documentos autênticos sobre o abade B..., sacerdote despadrado que se dizia discípulo de Vintras e que estabelecera em Lião a sede das suas operações. Ora, um inquérito sobre a vida anterior deste autoproclamado feiticeiro terrível revelou várias condenações, tanto eclesiásticas como correccionais, que não deixam qualquer dúvida a respeito do estado mental desse pretenso sequaz do inferno.

O enfeitiçamento, ou acção à distância por meio de um objecto em relações magnéticas com o maleficado, objecto chamado: *Volt* ou *Vult*, foi muito sagazmente ligado à hipnose profunda e à exteriorização da sensibilidade por De Rochas, numa série de curiosas experiências. Uma das mais características consiste em fazer agarrar um bocado de cera sensibilizado longe do sujeito e em picar esse bocado com um alfinete; o sujeito experimenta a sensação da picadela, como se lha fizessem directamente. Uma prova fotográfica, cujo cliché foi tirado em estado de exteriorização do sujeito, apresenta relações análogas mesmo à distância e sem contacto. Estas experiências e outras do mesmo género foram verificadas pelo Dr. Luys e por mim mesmo no Hospital de la Charité; mas são em número demasiado reduzido para constituir algo mais do que indicações, de que o futuro se encarregará de precisar o carácter exacto.

Os pactos que o feiticeiro assinava com o seu sangue e entregava ao Diabo entram na categoria das conjuras e das suas consequências cerebrais. O mesmo acontece com a missa negra e outras práticas de igual género, que se ligam à Goetia.

A magia dos campos, com as suas fórmulas ingénuas, não é feitiçaria, mas sim, a maior parte das vezes, magnetismo místico fundado em velhas tradições cristãs. Assim, a fórmula para impedir as queimaduras de fazerem mal: *Fogo de Deus, perde o teu calor, como Judas perdeu a sua cor, quando traiu Nosso*

Senhor no Jardim das Oliveiras, é um encantamento dos elementos, como quase todas as fórmulas empregadas nos campos, e nada tem a ver com a Goetia. Pelo contrário, recitar o *Pater* ao contrário, para fazer azedar o leite, é uma prática de feitiçaria.

A *teurgia* só age por meio da prece e do sacrifício. É, pois, completamente o contrário da magia, e falaremos nela aqui porque certos autores citaram-na como sendo a magia divina. O teurgo, efectivamente, só possui os poderes que constituem a sua qualidade mediante graças adquiridas, quer pela reincarnação voluntária, quer por outra causa do mesmo género. À sua voz, e especialmente à sua prece, a doença, a morte, mesmo, recuam e param, os cérebros humanos modificam-se, e até os clichés astrais podem ser mudados ou afastados. Estes clichés são aqueles que os profetas vêem formar-se no plano astral, e qualquer profecia pode ser anulada pela acção do teurgo. Tais poderes não são dados ao orgulho nem à ambição e, para evitar desvios, a lei manda que o teurgo não possua nada, por meios místicos, sobre os seus e sobre si próprio. Assim, se o plano físico lhe está submetido, os seus filhos, se ele se casa para suportar integralmente todos os pesos sociais, os seus parentes, na outra eventualidade, são presas do destino. Conheço pessoalmente em França um ser humano dotado desses poderes. Vi, na companhia de outros confrades médicos, desaparecerem «males de Pott» em poucos minutos, tíbias voltarem a erguer-se, para só falar em factos médicos. A cura é tanto mais fulminante quanto mais os parentes (quando se trata de filhos) ou os rogadores sofreram ou espalharam bem anónimo à sua volta. Muitas vezes está proibido ao teurgo curar o filho de milionários egoístas, enquanto um pobre comerciante da rua verá o seu pequenino instantaneamente arrancado à morte. O tempo e a distância não existem para as obras de teurgia, e o operador verá e agirá tanto de Lião para Paris como de uma rua para outra. É proibido revelar directamente quem são os que possuem tais poderes e o silêncio é o que lhes procuram acima de tudo. Hão-de perdoar-me que me conforme a esta regra, tanto mais que tínhamos simplesmente de marcar aqui a diferença entre

teurgia e magia. Digamos, a finalizar, que a teurgia lança vivas luzes sobre o cristianismo e que o culto de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Virgem é inerente a estas práticas de alta teurgia, apesar disso tão ignoradas e receadas pela Igreja, que confunde teurgos e feiticeiros num mesmo temor supersticioso.

Resumamos portanto o que acabámos de dizer estabelecendo algumas referências históricas.

A ciência oculta, ensinada nos santuários antigos, dividia-se em quatro secções:

O estudo e manejo dos seres e das forças elementares ou alquimia.

O estudo e o manejo das forças astrais ou magia.

O estudo e o manejo das força ocultas do homem ou psicurgia.

Enfim, o estudo das forças de empíreo e das suas relações ou teurgia.

Cada uma destas secções compreendia subdivisões especiais.

Nos nossos dias, restos destes ensinamentos práticos foram reencontrados e empregues por profanos sob os nomes de magnetismo, hipnotismo, espiritismo, telepsiquia, telepatia, psicometria e feitiçaria. Vamos, no entanto, passar em revista as relações destes estudos, todos eles modernos, com os ensinamentos do ocultismo.

O homem, por um treino especial da respiração, pode acumular nele o dinamismo nervoso.

Pela prece, espiritualiza esta força acumulada; pelo verbo, concretiza-a, e, pela acção e pela vontade, dirige-a para fora de si mesmo[1].

O abalo nervoso determinado por esta série de treinos produz um estado especial, estado em que parte do corpo astral se exterioriza e pode agir à distância.

---

[1] A alma purificada pela prece cai sobre os corpos como o raio; expulsa as trevas que os envolvem e penetra-os intimamente. — PARACELSO (século XVI).

Esta acção é então consciente e corresponde ao Faquirismo dos Hindus ou à magia dos Antigos.

Mas, na maior parte dos casos actuais, esta acção é semiconsciente (experiências de Horácio Pellettier) ou completamente inconsciente (experiências dos médiuns) e os objectos poderão ser movidos à distância e sem contacto sob esta influência.

Estes fenómenos são análogos aos do íman agindo à distância e sem contacto e, mesmo, através de certas substâncias materiais, sobre objectos metálicos; mas aqui o íman é substituído por um ser humano, e o corpo astral ocupa o lugar de modificador do campo magnético.

Os fenómenos do magnetismo dos modernos são produzidos pela acção do corpo astral (fluido) de um ser humano sobre o corpo astral do outro.

Esta potência de acção era descrita no século XVI por Agrippa no seu capítulo sobre a feitiçaria[1].

É ainda com a possibilidade que tem o corpo astral de se exteriorizar que se relacionam as ideias dos Antigos sobre enfeitiçamento e acção à distância, ideias confirmadas muito recentemente pelas experiências de sugestão hipnótica, de

---

[1] A feitiçaria é uma ligação ou um encantamento que, do espírito do feiticeiro, passa pelos olhos daquele que se enfeitiça no seu coração, e o sortilégio é o instrumento do espírito.

Quer dizer, um vapor puro, rutilante, subtil, proveniente do mais puro sangue engendrado pelo calor do coração, o qual reenvia continuamente pelos olhos raios que são semelhantes, e estes raios levam consigo um vapor; este vapor traz o sangue como nós o vemos nos olhos remelosos e vermelhos, cujo raio enviado aos olhos daqueles que olham para ele atrai, com o vapor, sangue corrompido e faz-lhes contrair a mesma doença.

Deste modo, um olho grande ou aberto que deita os seus raios sobre alguém com uma forte imaginação com a ponta desses raios que são os carreiros ou as carretas ou os portadores do espírito, este espírito lento batendo nos olhos do enfeitiçado, sendo excitado pelo coração daquele que o bate, havendo entrado no interior daquele a quem atinge e havendo-se dele tornado senhor como de um país que lhe pertence, este espírito estranho fere o seu coração e infecta-o. — AGRIPPA (século XVI).

telepsiquia e pelos últimos trabalhos de De Rochas (*Initiation*, Abril de 1892).

A psicurgia estudava a evocação das almas e a sua acção sobre o microcosmos.

A evocação podia ser sobre «imagens astrais» ou sobre «elementários».

No primeiro caso, um treino particular punha o evocador em estado de sonambulismo semiconsciente, quer dizer, abria aos seus olhos o mundo astral, mas respeitando o resto do seu organismo. (Quase todos os fenómenos modernos de telepatia entram neste caso.)

No segundo caso, o evocador era isolado electricamente (pelos seus vestuários ou pelo solo) e psiquicamente (pelo círculo) do mundo astral donde ele atraía os seres por meio da evocação mental ajudado por substâncias capazes de aumentar o dinamismo dos seres evocados[1].

Neste caso, a alma evocada rodeava-se de fluido astral (rodeava-se de um pequeno corpo de ar, dizem os Antigos), que lhe permitia tornar-se visível e materializar-se.

A substância que constitui estes fluidos que rodeiam o ser evocado tem bastante analogia com a electricidade. Daí, as pontas metálicas que se empregava nesta espécie de evocações.

Hoje, o empirismo mais completo substitui estes ritos do ocultismo, baseados num aprofundado conhecimento da questão.

As sessões de materialização espiritistas são muito raras, não podem ser produzidas a bel-prazer, e a maior parte das vezes são entidades astrais que dirigem os fenómenos, aliás muito verdadeiros, que se verificam.

Outro processo de evocação consistia em substituir pela personalidade evocada o *Eu* de um sujeito treinado.

---

[1] E, portanto, esta imagem da alma, tomando às vezes um corpo de ar, cobre-se de uma sombra e, envolvendo-se nela, ora dá conselhos aos amigos, ora trabalha os seus inimigos; porque as paixões, a relembrança, as sensações, continuam com a alma depois de ela se separar do corpo. — AGRIPPA (século XVI).

Daí, as sibilas da antiguidade, cujo «furor» correspondia às nossas modernas manifestações de crise histérica, daí os médiuns de incarnações, sujeitos sonambúlicos que receberam um treino particular.

O ocultismo ensinou sempre a possibilidade que as entidades astrais possuem de utilizar os seres humanos para as suas comunicações[1].

A evocação das «imagens astrais», cuja existência é afirmada pelo ocultismo desde longo tempo, acaba de ser actualizada experimentalmente no mundo profano pela descoberta da psicometria[2].

Várias experiências, feitas sob os nossos olhos em Paris, puderam convencer-nos da realidade dos factos observados na América e na Alemanha.

Em resumo:

Todos esses fenómenos de deslocação de objectos sem contacto, de aparições de pessoas defuntas, de materializações ou de incarnações de telepsiquia e de telepatia relacionam-se quase todos com a psicurgia dos Antigos. Baseiam-se no facto de que os aparelhos físicos, geradores das forças estudadas até agora, são substituídos por um ser humano que sofreu certa perturbação ou abalo nervoso, quer

---

[1] Além disso, também se diz que o humor melancólico é tão imperioso que, pelo seu fogo, a sua violência e a sua impetuosidade, faz descer os espíritos celestes aos corpos humanos, por cuja presença e instinto ou inspiração todos os Antigos afirmaram que os homens eram transportados e diziam as mais admiráveis coisas.

Eles afirmam pois que a alma, sendo impulsionada pelo humor melancólico, nada a detém, e havendo rompido a brida e os laços dos membros do seu corpo, é por completo transportada em imaginação e torna-se também a morada de demónios infernais, de quem aprende muitas vezes essas maravilhosas maneiras das artes manuais; é por isso que um homem bastante ignorante e grosseiro se torna, de repente, num hábil pintor, ou num famoso arquitecto, ou num hábil mestre em qualquer outra arte. — AGRIPPA (século XVI).

[2] Um capítulo completo do *Crocodile,* de Louis-Claude de Saint-Martin, é consagrado à descrição destas imagens astrais.

dizer, por um aparelho psíquico, gerador de forças ainda por definir.

Daí as condições tão difíceis de experimentação, daí a fraude, a mentira, o orgulho dos médiuns e dos sujeitos ou pacientes. Mas, repetimos, nada é sobrenatural em tudo isto, não há aí mais do que «natural», um pouco mais elevado do que aquele que conhecemos, eis tudo.

Nalgumas aldeias, encontram-se ainda «feiticeiros» ou «bruxos» produzindo fenómenos sérios. O feiticeiro conservou melhor ou pior restos de antigas práticas do ocultismo, e, servido por uma vontade exercitada pela solidão, ele maneja os fluidos magnéticos e psíquicos com bastante pujança.

O feiticeiro é para o ocultismo o que o operário é para o engenheiro.

O operário sabe fazer a «sua peça» segundo as regras que aprendeu na oficina; mas não sabe as discussões matemáticas respeitantes às curvas que o seu torno produz.

Pelo seu lado, o engenheiro, capaz de estabelecer as regras que devem guiar o operário, ver-se-ia bastante embaraçado se precisasse de fazer ele mesmo e ajustar uma peça completa.

Assim o feiticeiro produz de certo modo mecanicamente fenómenos ocultos, dos quais o ocultista conhece a razão de ser e a teoria[1].

O ocultista praticante, de que se encontram alguns representantes na África e nas Índias, é comparável ao engenheiro que conhece praticamente vários ofícios e que deles fez uma séria aprendizagem.

Assim se vê a inanidada daqueles que se intitulam «magos» ou «hierofantas» na nossa época e que são incapazes de produzir fenómenos psíquicos de última ordem.

Isto nos leva a dizer algumas palavras acerca das operações práticas do ocultismo.

---

[1] Ver a este propósito a importante e sapiente obra de Stanislas de Guaita: *Le Serpent de la Génèse*. É sem dúvida o mais belo estudo contemporâneo sobre a feitiçaria e a história do Diabo.

Regra geral, o princípio director em toda a operação é a vontade humana; o meio de acção, o utensílio empregado, é o fluido astral humano ou natural; e o fim a atingir é a realização (no plano físico geralmente) da operação empreendida.

As cerimónias, as dificuldades acumuladas pelo ritual, os símbolos, constituem os processos mais elementares de treino da vontade humana.

As higienes física (alimentos, vegetarianismo, jejum), anímica (ritmo respiratório) e psíquica (espiritualização das sensações) destinam-se ao treino do corpo astral, assim como os perfumes.

Em compensação, o emprego da espada, da taça, do ceptro, do círculo e dos talismãs assim como as palavras proferidas com força destinam-se à acção sobre o astral da natureza e sobre os seres que a povoam.

O problema mágico está em obter conscientemente e sem médium todos os fenómenos realizados pelos modernos espiritualistas nas suas obscuras sessões, e ainda noutras.

É, pois, necessários que uma parte do corpo astral do operador seja projectado para fora e encontre um apoio nas substâncias dispostas anteriormente para esse efeito. E o operador não deve perder jamais a consciência, porque senão deixaria de ser um ocultista praticante, e seria apenas um paciente ou um médium inconsciente. Este resultado de acção consciente sobre o astral é diariamente obtido na Índia. O emprego dos pacientes magnéticos facilita bastante as operações mágicas, permitindo a supressão da vítima, cujo corpo astral era utilizado, e fazendo obter fenómenos muito importantes; nós mesmo conseguimos verificá-lo.

O agrupamento de estudantes sérios é pois muito importante, e eis o que peocupa particularmente aquele que exorta os seus discípulos a egoizar-se na solidão e no orgulho. Um estudante de ocultismo que trabalhe há um ano apenas já compreende suficientemente a razão de ser de tais exortações, pelo que se torna inútil insistirmos nisso.

Em resumo, o ocultismo prático requer uma série de esforços muito sérios, fundados num conhecimento bastante aprofundado das forças ocultas da natureza e do homem

para merecer a atenção de todos os pesquisadores conscienciosos.

E, quanto mais se estuda, mais se pode dar conta de que nada aí existe que vá contra os ensinamentos positivos das nossas ciências actuais. As forças estudadas são análogas ao magnetismo e à electricidade, com a inteligência animal por acréscimo; os geradores dessas forças são seres vivos, em vez de máquinas ou de aparelhos físicos; daí novas propriedades e novos métodos de experimentação, mas, voltamos a repeti-lo, nada disso é sobrenatural, porque o sobrenatural não existe[1].

O feiticeiro que colhe à meia-noite plantas na montanha, pronunciando palavras estranhas e fazendo gestos bizarros, não é mais alienado em si mesmo do que a locomotiva que silva e que deita chamas na via férrea. A locomotiva é uma máquina geradora consciente de força física e que se arrebata. Quando resolvermos reconduzir realmente o problema aos seus justos limites, as experiências espiritistas poderão tornar-se a base de um ensino verdadeiramente científico. Os místicos perderão com isso; mas a ciência ganhará.

Voltamos a dizer: todas estas práticas, tão estranhas e tão novas para nós, eram perfeitamente conhecidas da Antiguidade.

Ensinava-se, nos mistérios, que o homem que se exercitava nas práticas psicológicas e que chegava ao êxtase mergulhava na fonte directa de todos os conhecimentos[2].

Elevando-se apenas até ao plano astral pelo furor (transe dos nossos dias), o ser tornava-se capaz de exercer os poderes do profeta. Este dom de profecia só era desenvolvido ao longo de práticas demoradas e muito sérias.

---

[1] Deste modo, tudo o que pensa o espírito de um homem que ama ardentemente tem eficácia para o amor; e tudo o que pensa o espírito de um homem que odeia muito tem eficácia para destruir. — AGRIPPA (século XVI).

[2] O conhecimento por excelência tem lugar, sem auxílio da inteligência, pelo êxtase, análogo à visão que temos no sono.

Tudo isso foi perdido, ou quase perdido, para os nossos contemporâneos de Ocidente[1].

3 — OS ESPÍRITOS

O homem tem faculdades ocultas, completadas pelas forças ocultas do Universo que acabámos de estudar em parte. Resta-nos, para terminar este capítulo, falar da classificação dos «Espíritos».

Podemos terminar aqui o que diz respeito à magia humana e vamos agora falar da *magia natural*, verdadeira metafísica astral e aquela que bastantes hermetistas antigos

---

[1] A profecia é um estado de perfeição que a providência não concede a todos os homens, mas que, no entanto, só pode existir com certas faculdades e certas condições naturais, umas físicas, outras morais, outras intelectuais.

Na primeira fila destas condições, temos de colocar a imaginação; porque só ela pode explicar as visões, os sonhos proféticos, e o que existe muitas vezes de bizarro e de «chocante» para nós nas narrações proféticas.

À imaginação deve juntar-se uma razão pronta e de tal modo exercitada que possa abranger as coisas num golpe de vista e passar de uma a outra, sem ter consciência da jornada.

Existe, com efeito, em cada um de nós, uma certa faculdade de julgar o futuro pelo presente, e que se muda, pelo exercício, numa verdadeira intuição; esta faculdade, conduzida ao seu mais alto aperfeiçoamento, torna-se um dos elementos da profecia.

Mas de nada serve ver prontamente as coisas afastadas e vê-las com o espírito como se poderia fazê-lo com os olhos; é preciso mais, ainda, ter o desejo de fazê-las conhecer aos outros quando elas lhes podem ser úteis e a coragem de proclamá-las, mesmo em face da morte; em resumo, o carácter deve estar ao nível da inteligência.

Enfim, a primeira condição que o profeta deve preencher é que o seu temperamento e a sua constituição física não tragam obstáculo a esse nobre impulso da alma; porque existe uma íntima relação entre certas faculdades do espírito e certos órgãos do corpo, especialmente entre a imaginação e o cérebro. — MAIMONIDAS (século XII) (parte 2, caps. XXXVI a XLVIII).

estudavam de preferência. Ela tinha por fim levar a vontade humana dinamizada a agir sobre as forças vivas da natureza. A sua chave é a luz astral, agindo na natureza, como o corpo astral age no homem; o estudo deste género de magia é, em grande parte, baseado na astrologia (ver esta palavra), no septenário planetário e no duodenário zodiacal. Todas as operações mágicas estão, com efeito, subordinadas ao estado astrológico do céu. Estabelecido este primeiro ponto, o operador esforçava-se por agir sobre as inteligências ou «espíritos» de diferentes ordens que accionam os diversos planos da natureza. Porque, para o ocultista adiantado, tudo, na natureza, é obra de espíritos de graus mais ou menos elevados. A classificação desses espíritos representa um papel muito grande na magia natural, e por conseguinte devemos insistir um pouco neste assunto tão importante e tão obscuro.

Os espíritos dividem-se, para os ocultistas, em duas primeiras grandes secções:

1.ª Os espíritos inferiores à natureza humana, chamados pelos Antigos: espíritos dos elementos, e, pelos modernos, desde Paracelso: *elementais*. Estes espíritos são mortais, mas podem adquirir a imortalidade elevando-se até à natureza humana.

A esta categoria se ligam os Silfos, ou espíritos do ar, as Salamandras, ou espíritos do fogo, as Ondinas ou espíritos das águas, e os Gnomos ou espíritos da terra, em que falavam os Antigos e os rosas-cruzes. Os elementais agem na natureza, como as células embrionárias agem no homem; presidem à constituição, à destruição e à defesa das secções à sua guarda. Louis Michel de Figanières é o autor contemporâneo que melhor os descreveu, sob o nome de «humanimais» e de hominículos. São esses espíritos que, não sendo maus nem bons, por si mesmos, e agindo bem ou mal conforme o impulso que lhes é dado, que, nas sessões espiritistas, se divertem à custa dos assistentes e dos médiuns, apresentando-se como Carlos Magno ou Vítor Hugo, à escolha de quem queira.

2.ª A segunda secção é a dos espíritos iguais ou superiores à natureza humana. Aí é que teremos de classificar os «espíritos planetários» da Cabala e os espíritos dos

defuntos, chamados por certos ocultistas modernos: *elementários*. Teremos ainda de meter nesta secção os espíritos superiores ao homem, aqueles que a Igreja designa sob o nome de anjos e de demónios, e uma terceira categoria, conhecida só dos práticos e desginada sob o nome de «espíritos astrais». Estes últimos são os que Valentino designava sob os termos de recebedores pacíficos, recebedores de arcontes e mesmo arcontes, na sua *Pistis Sophia*. A Igreja só quer ver aí demónios, porque ela perdeu todas as chaves do plano astral. Todos estes espíritos da segunda secção, tendo a sua vontade própria, só vêem, quando se fazem evocações e conjurações, se eles quiserem ou se forem obrigados a isso. Só se consegue forçá-los pela conjuração e, se algum pormenor da cerimónia for omitido, eles possuem todo o poder sobre o imprudente que conseguiu fazer-se obedecer, sem ser digno de tal. A cerimónia mágica tem, pois, uma grande importância, e vamos resumir as suas principais fases.

A preparação para a cerimónia mágica ou, melhor, para a experiência de magia cerimonial consiste em jejuns, mais ou menos prolongados, em purificações físicas e morais diversas. Além disso, o operador e os auxiliares (precisam de ser em número ímpar) devem ter preparado vestes especiais e um gabinete de operação de cor correspondente ao dia escolhido. Neste gabinete é traçado o círculo mágico, formado de três círculos concêntricos contendo os nomes divinos e os nomes dos anjos do dia e da hora. O círculo é a verdadeira fortaleza do operador, porque, logo que fique encerrado no círculo, está ao abrigo das influências perniciosas. Além do círculo, o operador possui, como meio de defesa, uma espada e, como meio de comando, uma varinha mágica, cuja preparação exige um ritual especial. Em certas cerimónias, que se ligam mais à goecia do que à magia, faz-se uso de uma vítima e de sangue. Desde que entrou no seu círculo, o operador começa em alta voz o apelo aos Espíritos; este apelo toma o nome de evocação quando se roga aos Espíritos humildemente, e de conjuração quando se força o Espírito por ameaças e por nomes divinos a manifestar-se mesmo contravontade. Após obter-se a aparição, é indispensável pronunciar a devolução das influências

que se apresentaram. Só depois desta devolução o operador pode sair impunemente do círculo.

Acabámos de resumir um tipo geral de cerimónia mágica. Compreende-se que este tipo se modifique segundo os rituais e as circunstâncias. Mas o que devemos, especialmente, reter é que os ocultistas negam com energia evocar alguma vez os espíritos demoníacos, e combatem mesmo os feiticeiros que se dedicam a tal prática. De resto, a magia cerimonial é geralmente proibida nas altas fraternidades, onde a teurgia lhe é, com razão bastante preferida. Os rituais de magia cerimonial são, a maior parte das vezes, manuscritos. A Biblioteca Nacional possui um muito belo intitulado: *Les Clavicules de Salomon*. A Biblioteca do Arsenal possui especialmente rituais de feitiçaria. Entre os impressos, o melhor é a adaptação do quarto livro de Agrippa por Pierre d'Aban. Tentaram-se traduções modernas, mas contêm tais erros de sentido que mais vale recorrer aos originais. Outra grande variedade de magia cerimonial era a prática da grande obra hermética, processando-se entre o laboratório e o oratório. As cores da obra reproduziam os mistérios da criação, e as narrações simbólicas dos antigos templos eram, as mais das vezes, uma adaptação, apenas.

CAPÍTULO IV

TEODICEIA

O Arquétipo e a Unidade Divina
Deus Pessoal e Existindo individualmente fora da Sua Criação
A Queda e a Origem do Mal
A Triunidade
A Estética e os Símbolos
A Esfinge e os Evangelistas

Para o materialista não há teodiceia fora da matéria. Também não a há para o teólogo. Impossibilitado de refutar as afirmações do ocultismo, ele preferiu desnaturá-las e caluniar os seus propagadores. Certos filósofos, ao pegarem nos textos desses propagadores, fizeram-no apenas nos textos em segunda mão, e seguiram os teólogos; ora aí está como se chegou ao ponto de considerar os ocultistas como *panteístas*. É um grande erro, que a exposição sobre o arquétipo, que vamos fazer, bastará, supomos nós, para destruir completamente.

«O ARQUEÓMETRO» de SAINT-YVES D'ALVEYDRE

Quando pretendemos representar o homem, é sempre a imagem do seu corpo físico que se apresenta ao nosso espírito.

E, no entanto, basta um pouco de reflexão, para nos levar a compreender que este corpo físico nada mais faz do que suportar e manifestar o homem verdadeiro, o Espírito que o governa.

Podem-se tirar milhões de células deste corpo físico, cortando-lhe um membro, sem a unidade da consciência sofrer o menor dano. O homem intelectual que existe em nós é independente em si mesmo dos órgãos, que não passam de suportes e de meios de comunicação.

Nem por isso deixa de ser verdade que, no nosso estado actual, estes órgãos físicos são mais úteis, são até indispensáveis para nos permitir subir à acção do Espírito e compreendê-la.

Sem esta base completamente física, as nossas deduções tomarão o carácter vago e místico dos dados exclusivamente metafísicos.

Mas uma análise completamente superficial só pode conduzir-nos a confundir o homem intelectual com o homem orgânico, ou a considerar a vontade inteiramente solidária com a marcha dos órgãos.

Ora, quando se trata da questão de Deus, vai-se cair, a maior parte das vezes, nem dos excessos que acabámos de assinalar a propósito do homem.

O conjunto dos seres e das coisas existentes suporta e manifesta a divindade como o corpo físico do homem suporta e manifesta o Espírito.

Querer tratar de Deus, sem se apoiar sobre todas estas manifestações físicas, é arriscar-se a perder-se nas nuvens da metafísica, é ficar incompreensível para a maior parte das inteligências. Por isso, apoiando-nos sobre a constituição do Homem, por um lado, e sobre a do Universo, por outro, é que vamos esforçar-nos por fazer uma ideia de Deus.

No homem, vimos um ser físico, ou antes: orgânico, funcionando de um modo maquinal tanto durante a vigília como durante o sono. Acima deste ser orgânico, determinámos outro: o ser intelectual entrando em acção desde o despertar e manifestando-se quase exclusivamente durante o estado de vigília.

A parte orgânica do ser humano corresponde à ideia que formámos acerca da Natureza. É a mesma fé fatal e regular que tanto dirige a marcha do homem orgânico como a do Universo, sendo este último formado de órgãos cósmicos em vez de ser formado de órgãos humanos.

O ser intelectual no homem corresponderá, por conseguinte, mas de maneira bastante elementar, à ideia que podemos fazer de Deus. As relações entre o homem físico e o homem intelectual podem esclarecer-nos sobre as relações entre a Natureza e Deus, assim como as relações entre o ser físico e o Espírito no homem podem esclarecer-nos analogicamente sobre as relações entre o homem e Deus.

Por isso, podemos agora dizer em princípio que, se a nossa analogia é verdadeira, Deus, embora manifestado pela

Humanidade e pela Natureza, embora agindo sobre este dois grandes princípios cósmicos, tem, no entanto, uma existência própria e independente.

Mas a Unidade Primeira assim concebida não tem de intervir na marcha das leis naturais senão como o Espírito consciente do homem intervém, no estado normal, no funcionamento do coração e no da fé.

O homem é o único criador e único juiz do seu destino. É livre de agir à sua escolha no círculo da sua fatalidade, tal como o viajante de um comboio ou de um navio pode agir como lhe apetece no seu compartimento ou na sua cabina. Deus não pode ser considerado cúmplice dos erros humanos, tal como o chefe do comboio ou o capitão do navio não são responsáveis pelas fantasias dos viajantes que conduzem.

Precisamos, portanto, para evitar qualquer erro doravante, de distinguir bem que Deus, tal como aparece à primeira vista, é o conjunto de tudo o que existe, assim como o homem é o conjunto de todos os órgãos e todas as faculdades que aparecem em primeiro lugar. Mas o homem verdadeiro, o Espírito, é distinto do corpo físico, do corpo astral e do ser psíquico, que ele apercebe e domina. De igual modo, Deus--Unidade é distinto da Natureza e da Humanidade, que ele percebe e domina. Falando grosseiramene, a natureza é o corpo de Deus, e a Humanidade é a vida de Deus, mas tal como o corpo material é o corpo do homem, e o corpo astral e o ser psíquico são os princípios vitais do homem; trata-se do homem orgânico e não do homem Espírito, que, repetimos, só usa estes princípios como meio de manifestação[1].

---

[1] Em primeiro lugar, Deus só existe em potência na unidade inefável; é a primeira pessoa da Trindade ou Deus Pai; depois, ele revela-se a si próprio e cria-se todo um mundo inteligível; opõe-se como o pensamento, como a razão universal: é a segunda pessoa da Trindade ou Deus Filho; enfim, ele age e produz, a sua vontade exerce-se e o seu pensamento realiza-se fora dele: é a terceira pessoa da Trindade ou o Espírito. Deus, passando eternamente por estes três estados, oferece-nos a imagem de um círculo cujo centro é por toda a parte e a circunferência em parte nenhuma. *(Philooph. Mor. Sect.* I, liv. II, cap. IV). ROBERT FLUDD (século XVI).

Não é menos verdade, no entanto, que o Espírito do homem está em relação pelo sentido interno com a menor parcela do seu organismo, parcela sobre a qual ele não pode agir, podendo ela, porém, manifestar-se ao Espírito pelo sofrimento. De igual modo, Deus está presente mediatamente ou imediatamente na menor das parcelas da sua criação, está em cada um de nós como a consciência humana está presente a título de receptora ou de motora consciente em cada uma das nossas células corporais.

A natureza e o homem agem, pois, livremente, rodeados por todos os lados pela acção divina circunferencial, que conduz o Universo para o progresso, sem intervir despoticamente nas leis naturais ou nas acções humanas. Assim, o capitão do navio que age sobre o leme do seu barco voga para o destino da viagem sem intervir no pormenor da maquinaria motora (imagem da natureza), ou nas ocupações dos passageiros. O capitão governa circunferencialmente o sistema geral; nada tem que intervir no que se passa no interior das cabinas.

No entanto, a acção do capitão exerce-se, senão imediatamente, pelo menos mediatamente:

1.º Sobre a maquinaria pelo porta-voz;

2.º Sobre os viajantes pelos regulamentos de bordo, elaborados pelo capitão[1].

Na Cabala, chama-se Pai ao princípio divino que age sobre a marcha geral do Universo (acção sobre a barra). Filho ao princípio em acção na humanidade, e Espírito Santo ao princípio em acção na natureza. Estes termos místicos indicam as diversas aplicações da força criadora universal.

O Universo, concebido como um todo animado, é composto de três princípios, que são: a Natureza, o Homem e Deus, ou, para empregar a linguagem dos hermetistas, o macrocosmos, o microcosmos e o arquétipo[2].

---

[1] O princípio do Universo é o pai da Tríade inteligível. — PÓRFIRO (século III).

[2] Há três mundos, o mundo arquétipo, o macrocosmos e o microcosmos, quer dizer, Deus, a Natureza e o Homem. — R. FLUDD (século XVI).

O homem é chamado microcosmos ou pequeno mundo porque contém em si analogicamente as leis que regem o Universo[1].

A natureza forma o ponto de apoio e o centro de manifestação geral dos outros princípios. O homem agindo sobre a natureza pela acção, sobre os outros homens pelo verbo, e elevando-se até Deus pela prece e pelo êxtase, constitui o laço que une a criação ao Criador. Deus envolvendo, pela sua acção providencial, os domínios nos quais agem livremente os outros princípios, domina o Universo, do qual ele reconduz todos os elementos à unidade de direcção e de acção.

Deus manifesta-se no Universo pela acção da Providência, que vem iluminar o homem na sua marcha e no seu funcionamento; mas que não pode opor-se dinamicamente a nenhuma das duas forças primordiais[2].

O homem manifesta-se no Universo pela acção da vontade, que lhe permite lutar contra o destino e fazer dele o

---

[1] O homem forma só por si um mundo completo chamado microcosmos porque oferece em resumo todas as partes do Universo. Assim, a cabeça corresponde ao empíreo, o peito ao céu etéreo ou médio, o ventre à região elementar. — R. FLUDD (século XVI).

[2] É a natureza que preside ao nosso nascimento, que nos dá um pai, uma mãe, irmãos, irmãs, relações de parentesco, uma posição neste Mundo, um estado na sociedade; tudo isto não depende de nós; tudo isto, para o vulgo, é obra do acaso; mas, para o filósofo pitagórico, são as consequências de uma ordem anterior, severa, irresistível, chamada Fortuna ou Necessidade.

Pitágoras opunha a esta natureza forçosa uma natureza livre que, agindo sobre as coisas forçadas como sobre matéria bruta, as modifica e delas tira, à sua escolha, resultados bons ou maus. Esta segunda natureza era chamada potência ou vontade; é ela que regula a vida do homem e que dirige a sua conduta conforme os elementos que a primeira lhe fornece.

A Necessidade e a Potência, eis, segundo Pitágoras, os dois móbeis opostos do mundo sublunar onde o homem é relegado; os dois móbeis obtêm a sua força de uma causa superior, que os antigos chamavam Nemésis, o decreto fundamental, e que nós chamamos Providência. — FABRE D'OLIVET.

servidor das suas concepções. Na aplicação destas volições ao mundo exterior, o homem tem toda a liberdade de fazer apelo às luzes da providência ou de desprezar-lhe a acção.

A natureza manifesta-se no Universo pela acção do destino, que perpetua de maneira imutável e numa ordem estritamente determinada os tipos fundamentais que constituem a sua base de acção. Os factos pertencem ao domínio da natureza, as leis ao domínio do homem, os princípios ao domínio de Deus.

Deus só cria em princípio, a natureza desenvolve os princípios, criados para constituir os factos; e o homem, estabelecendo, pelo emprego que a sua vontade faz das faculdades que ele possui, as relações que unem os factos aos princípios, transforma e aperfeiçoa estes factos pela criação das leis.

Mas um facto, por simples que seja, não passa da tradução pela natureza de um princípio emanado de Deus, e o homem pode sempre restabelecer o laço que liga o facto visível ao princípio invisível, e isto pela enunciação de uma lei (fundamento do método analógico).

Um navio é lançado no imenso oceano e voga para o destino assinalado como termo da viagem.

Tudo o que o navio contém é levado para diante. E, no entanto, cada qual é livre de organizar a sua cabina conforme lhe apetecer. Cada qual é livre de subir sobre a ponte para contemplar o infinito ou de descer ao fundo do porão. O progresso para a frente efectua-se todos os dias para a massa total; mas cada indivíduo é livre de agir à sua vontade no círculo de acção que lhe foi entregue em partilha.

Todas as classes sociais ali estão nesse navio, desde o pobre emigrante, que dorme vestido dentro de um saco, até ao rico *yankee*, que ocupa uma bela cabina.

E a velocidade é igual para todos, ricos, pobres, grandes e pequenos: todos chegarão ao mesmo tempo ao termo da viagem.

Uma máquina inconsciente, funcionando conforme as leis estritas, move todo o sistema. Uma força cega (o vapor), canalizada em tubos e órgãos de metal, gerada por um factor especial (o calor), anima a máquina inteira.

Uma vontade dominando não só a máquina orgânica como o conjunto dos passageiros governa tudo: o capitão.

Indiferente à acção particular de cada passageiro, o capitão, de olhos fixos no fim a atingir, de mão na barra, conduz o imenso organismo para o termo da viagem, dando ordens ao exército de inteligências que lhe obedecem. O capitão não comanda directamente a hélice que move o navio, ele só tem acção imediata sobre o leme. Assim, o Universo pode ser comparado a um navio imenso cujo leme pertence ao que nós chamamos Deus; a Natureza é a maquinaria sintetizada na hélice que faz andar todo o sistema cegamente segundo leis estritas, e os humanos são os passageiros.

O progresso existe, geral para todo o sistema; cada ser humano é, porém, absolutamente livre no círculo da sua totalidade. Eis a imagem que pinta com suficiente clareza os ensinamentos do ocultismo sobre esta questão.

Não podemos abandonar a teodiceia, sem falar da maneira como o ocultismo dá a solução da origem do mal na Humanidade.

Os problemas do mal, da sua origem e do seu fim, da queda e da reintegração da alma humana, da distinção dos atributos divinos e das relações de Deus e da Natureza, foram, com efeito, objecto quase exclusivo das pesquisas dos grandes místicos da escola ocultista, os mais conhecidos dos quais são: Jacob Boheme, Martinez de Pasqually, Louis-Claude de Saint-Martin (o filósofo desconhecido) e, na transição das ideias de Moisés a este respeito, Fabre d'Olivet. São as ideias destes mestres que vamos resumir o melhor que soubermos nesta secção.

Quanto ao problema do mal, podemos resumi-lo nestas linhas: a origem do mal deve ser procurada dentro do ser humano e não alhures. Hoené Wronski, no seu *Messianismo* dá abundantes pormenores sobre este ponto; a causa do mal é a queda, e o fim do mal será a reintegração do homem em Deus, sem que o primeiro perca a sua personalidade. Tais são os pontos que vamos esforçar-nos por desenvolver.

Para os ocultistas, Adão não representa um homem individual, mas sim o conjunto de todos os homens e de todas as mulheres ulteriormente diferenciados.

Este homem universal ocupava todo o espaço intra ou melhor interzodiacal, sobe o qual reina como soberano. Isto passava-se depois da queda e da punição do anjo rebelde, tornado princípio animador da matéria, que só existia em gérmen como o fruto na semente ou a criança no ovo materno. A imaginação de Adão, que Moisés chama *Aisha*, incitada pelo anjo rebelde, apresentou ao Espírito do homem universal uma argumentação que provocou quase sempre as quedas, não só universais, mas até individuais, em todas as épocas. Segundo esta argumentação o que resiste e o que se vê imediatamente e materialmente é mais poderoso do que o que é ideal, invisível e perceptível só pelo Espírito. Adão, seduzido por esta ideia da sua imaginação, cuidou que, fornecendo ao princípio da matéria o meio de passar do estado de gérmen ao estado de realidade, uniria o poder espiritual de Deus ao poder material, ainda desconhecido nas suas consequências, e que ele, Adão, seria assim o senhor do seu criador. Concebida esta ideia, foi posta em execução pela vontade livre de Adão, e este veio dar à matéria, pela sua aliança com ela, o tal princípio de existência que lhe faltava. Desde logo Adão foi envolvido, em todos os seus órgãos espirituais, por esta matéria que ele supunha poder dirigir à vontade, e o princípio de egoísmo, de revolta e de ódio que constituía a essência material esforçou-se por fazer descer até ele todas as altas aspirações de Adão. A Bíblia, traduzida exotericamente, diz a este propósito que o ser adâmico foi coberto e uma pele de animal, alegoria simbólica da história real da queda. A materialização do homem universal consumou-se, pois, pelo exercício da sua livre vontade, e, sobre este ponto, são unânimes todos os místicos. Deus não tinha que intervir, a não ser para atenuar as consequências desta catástrofe, que materializara, ao mesmo tempo que Adão, a natureza inteira que constituía o seu domínio e que devia participar na sua reabilitação. Para atenuar o acto da sua criatura, o Criador, unindo o tempo e o espaço que eram corolários do plano físico, criou a diferenciação do Ser colectivo, cada célula de Adão tornou-se um ser humano individual, e Aisha tornou-se o princípio da vida universal e da forma plástica: Eva. O homem teve, desde então, de depurar os princípios inferiores que acrescentara à

sua natureza, pelo sofrimento, pela resignação às provações e pelo abandono da sua vontade entre as mãos do ser criador. As reencarnações foram o principal instrumento de salvação, e, como todos os homens são as células de um mesmo ser, a salvação individual só será total quando a salvação colectiva se cumprir. Para ajudar esta salvação, o Verbo divino veio participar na encarnação e nas suas consequências e dominar a morte física e os seus terrores no seu próprio domínio. Assim se vê que os ocultistas, nas suas concepções místicas, são essencialmente cristãos, e os teósofos, como Jacob Boheme e Louis-Martin, são característicos neste aspecto.

O homem deve, pois, trabalhar, não só para a sua própria salvação, para a sua reintegração, como diz Martinez, mas também para a reintegração dos outros seres criados. Para chegar a essa finalidade, os místicos formaram associações, várias das quais ainda subsistem nos nossos dias.

Esta história da queda e da reintegração, sobre a qual nos alongámos um pouco, porque ela é característica e permite abordar a leitura de toda uma literatura geralmente inacessível, é permanente e repete-se, nas suas linhas gerais, em cada alma humana. A encarnação no corpo físico representa, com efeito, a primeira queda, e a resistência ou a submissão da alma encarnada as atracções passionais do plano físico destruirá ou constituirá a segunda queda.

Sobre os outros pontos da teodiceia, o ocultismo liga-se em geral às doutrinas cabalísticas. Assim, a constituição de Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo foi objecto de importantes desenvolvimentos feitos por Guillaume Postel e cabalistas cristãos, cujas obras foram reunidas por Pistorius. As provas da existência de Deus derivam, para o ocultista um pouco avançado, da visão directa do plano invisível e, para o principiante, da adesão absoluta à palavra do Mestre; assim, uma discussão dessas parece ociosa aos iniciados. Deus foi concebido como absolutamente pessoal e distinto da criação na qual está presente, como o espírito do homem está presente no seu corpo, sem nada perder da sua unidade.

De igual modo, Deus está em nós, e é aí e não numa região situada acima das nuvens que devemos primeiro procurá-lo e encontrá-lo.

As emanações divinas, em acção por toda a parte na natureza, determinam três planos fundamentais de acção: o plano de emanação, o plano de formação e o plano de materialização. Basta conhecer os três mundos da cabala, para nos darmos conta de todas essas divisões.

A *estética* é, talvez, a parte da filosofia onde a influência do ocultismo foi mais considerável. O simbolismo é, realmente, uma das secções mais desenvolvidas do oculto, e guiou, não só os escultores e os pintores iniciados na tradição secreta, mas também os poetas e os historiadores, desde a mais alta antiguidade até ao século XVI da nossa era. Assinalemos, de passagem, este traço bem característico dos historiadores instruídos segundo o método ocultista: eles nunca se detêm na história dos indivíduos e só se interessam pela história dos princípios que os referidos indivíduos encarnam. Era o exclusivo método dos Antigos, retomado pelos profetas: escreviam o desenvolvimento da ciência iniciática de todos os tempos sob o nome de Hermes. Quando os escritores modernos quiseram aplicar os seus processos individualistas actuais a esta simbólica histórica, ficaram surpreendidos ao verificar que Hermes teria sido autor de vinte volumes, o que era demasiado para um homem só, mas que era muito normal para a Universidade Central do Egipto (de que Hermes era o nome colectivo). O mesmo se passa quanto a Zoroastro ou quanto a Buda, que designam os princípios encarnados numa série de homens e não em simples indivíduos. Quando os contemporâneos deram conta do seu erro, dizem os ocultistas, cometeram outro ao negar qualquer existência pessoal aos indivíduos que tinham manifestado o mesmo princípio em diversas épocas e ao atribuir à colectividade de homens do mesmo tempo as obras de Homero ou de Moisés. A verdade, para o ocultista, esta entre estas duas teorias extremas, e eis um ponto que era útil lembrar de passagem. *A Ilíada*, *a Eneida*, *o Burro de Oiro*, *a Divina Comédia*, são histórias escritas segundo as chaves do ocultismo e descrevendo os mistérios da Iniciação física ou astral.

Todas as catedrais góticas são também símbolos de pedra, palavras de granito, tal como todos os templos antigos e modernos da Índia e da China.

Para não nos alongarmos mais do que o devido sobre este ponto especial, damos um exemplo bem nítido da aplicação do oculto à estética, o qual ajudará a entender o resto. Escolhemos o símbolo da Esfinge. A Esfinge, segundo a tradição oculta, estava colocada a fraca distância das pirâmides e servia de entrada secreta, graças a uma porta situada entre as suas patas. Se analisarmos este símbolo do ponto de vista da sua forma, verificaremos que a Esfinge, tal como veio da Caldeia, se compunha dos elementos seguintes:

Uma cabeça humana, asas de águia, garras de leão, flancos de touro. Que significa então este curioso símbolo? Para que o seu sentido nunca fosse perdido, uma história simbólica, a de Édipo, comentava a imagem de pedra. Esta história dizia que o herói adivinhara o enigma da Esfinge e que a palavra deste enigma era o homem. Todos estes sinais, que parecem tirados da animalidade: boi, leão, águia, são na realidade características do homem, e as analogias herméticas vão iluminar a questão.

O Boi é o símbolo do temperamento linfático e da força material que reside em cada um de nós. É a chave da psicologia abdominal ou dos instintos, cuja fórmula é calar-se.

O Leão é o símbolo do temperamento sanguíneo e da força anímica, da coragem e da cólera. É a chave da psicologia torácica ou das paixões e dos sentimentos, cuja fórmula é ousar.

A Águia é o símbolo do temperamento nervoso e da força intelectual irreflectida, do entusiasmo e da imaginação. É a chave da psicologia cerebral inferior, da ciência dos livros, cuja fórmula, no entanto elevada, é saber.

A cabeça humana é o símbolo do temperamento bilioso e da vontade reflectida, da razão, que domina e que susta os impulsos instintivos do Boi, anímicos do Leão, entusiásticos da Águia, e que conduz o conjunto à unidade da consciência iluminada pelo espírito. A fórmula desta psicologia, não já intelectual, é querer, no sentido de querer amando, como se indica no espanhol «querer».

Os elementos componentes da esfinge, levados, segundo as chaves analógicas, da forma à ideia correspondente,

resumiam-se numa fórmula de conduta intelectual e moral: *saber*, *ousar*, *querer*, *calar-se*, que guiou os iniciados de todas as escolas desde a mais alta antiguidade. A esfinge, porta da iniciação, é o verbo petrificado da ciência oculta e da sua tradição misteriosa. E, como as leis do simbolismo são universais, abram os Evangelhos e notem, à cabeça de cada um deles, e como símbolo de cada evangelista, uma das quatro formas da Esfinge. Eis porque existe uma cabala cristã, com o Apocalipse como simbólica especial. Assim, todas as manifestações estéticas utilizadas pela Antiguidade eram imediatamente traduzíveis em ideias, e isto graças à simbólica do ocultismo.

Podíamos multiplicar os exemplos destas aplicações hoje pouco conhecidas e que, no entanto, serviram de modelo às associações de construtores que edificaram a maior parte das catedrais góticas. Todas as artes receberam a vida sob a influência do ocultismo e, desde que esta influência foi negligenciada, a via da inspiração nas fontes vivas foi cortada em grande parte, afirmam os adeptos da ciência oculta.

Mas este «obscurecimento» não terá longa duração. Um dos maiores mestres contemporâneos, o marquês de Saint-Yves d'Alveydre, acaba de reconstituir o *Livro da Palavra*, o livro das *Guerras de Ioah*, este *Alfabeto de Adão* aqui foi o guia secreto de todos os antigos colégios de iniciados. Graças ao ARCHÉOMÈTRE, de Saint-Yves d'Alveydre, o cânone das artes da Antiguidade foi reconstituído e a chave dos «estilos» do futuro foi sinteticamente estabelecida. O artista e o sábio vão enfim poder comungar sob as mesmas espécies: as do Verbo, do Cristo falando livremente no Universo enquanto os cérebros humanos registam, com o respeito que lhe é devido, as vibrações da vida divina a revelarem-se à Humanidade.

CAPÍTULO V

MORAL

A Reencarnação e a Lei Moral
As Fases da Morte e as Suas Consequências Morais
Criação do Corpo Espiritual
pelo Corpo Físico e do Corpo Astral
pelo Corpo Espiritual,
e depois do Novo Corpo Físico
pelo Novo Corpo Astral

A base da moral difere bastante conforme os sistemas filosóficos ou religiosos que regem uma época ou um indivíduo. Desde o medo da polícia disfarçado sob nomes mais ou menos pomposos pelo materialismo, até à «cólera do Deus zeloso» do clero autoritário, há uma bela gama de afirmações e de hipóteses destinadas a fazer do homem um aliado, e não um lobo, para os seus semelhantes.

Quando a moral é um sistema metafísico puro, tem pequeno alcance sobre o espírito humano, e a revelação religiosa, mesmo a do negro, é-lhe preferível. Para que o homem saiba, verdadeiramente, que cada um dos seus actos é um impulso lançado ao Universo e subordinado às leis físicas do ir e vir, preciso é uma demonstração mais sólida do que as afirmações dos mestres de retórica e as pretensões dos clérigos. Esta demonstração constituía a própria base dos mistérios iniciáticos da Antiguidade, e ainda é possível em certos meios de alta espiritualidade funcionando na Europa sob modo teúrgico.

Qualquer acção provoca uma reacção igual e de sentido contrário, e o ângulo de incidência é igual ao ângulo de reflexão. Estas são as leis que sempre formaram a base da moral dos ocultistas.

A noção da existência, em volta de cada ser, de uma atmosfera secreta onde se inscrevem os pensamentos evoluídos em actos, a certeza de que se voltará a passar pelo caminho que hoje negligenciamos, reencontrando nele, aumentadas pelo tempo, todas as pedras que aí deixamos por cansaço e por preguiça, são dados certos que a intuição procura provar ao ocultista experimentalmente.

Se a ciência obtém a certeza da existência no homem de outro princípio sem ser a matéria, terá, por esse próprio facto, aberto uma via bem fecunda à verdadeira moral, aquela pela qual a responsabilidade livremente aceite de um acto é mais coercitiva que as leis e as polícias mais bem estabelecidas. Realmente, esta questão da responsabilidade, no visível e no invisível, do espírito levanta vários problemas, de que vamos passar em revista os principais segundo o ocultismo. São:

1.º Saber onde o plano de reacção vem reencontrar o plano de acção, quer dizer, onde as penas sucedem aos erros (Purgatório e Inferno);

2.º O estudo desta reacção e dos elementos que agem sobre ela para a atenuar ou precipitar;

3.º A consequência destes estudos para a vida de todos os dias.

A base do problema e da lei moral é, para o ocultista, quase unicamente colocado no estudo da reencarnação. A *reencarnação* consiste, para o espírito, em regressar várias vezes ao plano físico, sem necessidade de tempo ou de lugar, quer dizer, que o espírito pode vir dez ou duzentos anos depois da morte física e que o regresso pode ter lugar em qualquer planeta do sistema solar material. Deve-se confundir a reencarnação, *onde os espíritos humanos só podem reencarnar em corpos humanos*, com a metempsicose, que só representa o lado alegórico e exotérico daquela, e que só se aplica às células materiais do corpo físico.

Realmente, depois da morte, estas células materiais voltam à Terra, que as emprestaria ao espírito para uma existência, e cada uma destas células pode tornar-se parte integrante de uma planta ou do animal que come esta planta, ou dos minerais que moram na Terra. Não é, pois, o próprio homem, o espírito, que volta a título de árvore, ou de boi, ou de composto mineral, mas sim a sua vestimenta material, o corpo, desde então libertado da sua coesão unitária ao serviço do princípio imortal.

Há portanto a possibilidade de metempsicose para as células do corpo, de transformação evolutiva para o ser astral e de reencarnação para o espírito. Da confusão destas

possibilidades entre elas é que resulta a maior parte dos erros daqueles que criticam o ocultismo sem o conhecer.

1.º Bastantes filósofos e todos os teólogos têm horror à reencarnação, que, para o ocultismo, é uma lei viva e conhecida de todos os iniciados. Para evitar querelas inúteis, pode-se buscar e determinar, tratando-se de um católico, as condições de actividade do espírito entre a morte e o juízo final, e estas condições corresponderão, excepto quanto ao lugar, a bastantes ensinamentos dos reencarnacionistas. Se o Inferno e o Purgatório devem ser sofridos na Terra ou num lugar indefinível, são, afinal, questões de palavras mais do que de factos, e o futuro se encarregará de pôr toda a gente de acordo.

Seja como for, qualquer sobrecarga natural, qualquer involução, deve ser queimada pela angústia e a dor morais, que são os verdadeiros fogos do plano invisível; e qualquer acção má, quer dizer, retardadora da evolução do espírito, provoca uma reacção de dor reparadora imediatamente ou mais tarde, pouco importa. A lembrança de todos estes factos anteriores apresenta-se após cada morte física e apaga-se, após cada nascimento, para evitar o desencorajamento e o suicídio tornados possíveis pela liberdade do homem, em relação ao seu corpo.

2.º O presente é dado ao homem para refazer o seu futuro corrigindo os efeitos do passado. O homem é ajudado na sua acção pelos seres do plano divino que têm o poder de apagar, pela dinamização intensa do presente, os maus clichés do passado. Daí a utilidade da humildade e da prece.

Na maioria dos casos, a lembrança das existências anteriores é abolida durante a reencarnação física. Nalgumas personalidades subsiste uma vaga intuição das condições gerais de uma existência anterior, de lugares já vistos, de seres já conhecidos, mas esta intuição é vaga, porque uma lei do invisível proíbe, excepto para os eleitos reencarnados após evolução completa, que se saiba a personalidade que o espírito representava na Terra. Por isso, bastantes pessoas, que desta lei da reencarnação conhecem apenas os elementos, possuem a tendência, infantil e bem humana, para se julgarem antigos reis, antigos sábios, ou

tigos guerreiros regressados em corpos de pequenos empregados, de professores ou de guardas florestais. As pretensões sem provas são geralmente consequência de auto-sugestões provocadas por uma vaidade ou orgulho demasiadamente vincados. Elas prejudicaram tanto a doutrina como os desmiolados que exibem essas pretensões.

3.º Durante a vida física, cada pensamento, cada sentimento, cada acto, gera, nos outros planos do Universo, cadeias de forças que reagirão sobre a evolução do ser. O corpo físico é, no plano material, para gerar, átomo por átomo, o lugar de reacção do seu espírito depois da morte, o corpo espiritual, que Pitágoras chamava o *carro da alma* e que é o aposento segundo a vida física. Este corpo espiritual é tanto mais activo quanto mais o espírito encarnado se despendeu moralmente e fisicamente pelos outros. Não há aposento pronto do outro lado para o espírito que só viveu para o seu corpo, para a sua riqueza e para o seu bem-estar cá em baixo. *O milionário sem coração aqui da Terra torna-se um vagabundo do Astral.* A reciprocidade é verdadeira, ainda mais frequentemente.

O corpo espiritual, gerado pelo corpo físico, gera, por sua vez, o corpo astral da existência futura e marca, por isso, a reacção da vida presente sobre a vida futura.

Inútil será dizer que as reencarnações estão destinadas a ter fim quando o homem, sem perder jamais a sua personalidade, for reintegrado no estado adâmico primitivo.

A moral, como os ocultistas a entendem, é das mais rigorosas e das mais elevadas. Fundamenta-se, para a maior parte das escolas, na submissão a todos os encargos e cargas, impostos, quer pela condição social, quer pelas provações da vida, cuja aceitação é tanto mais indispensável quanto são as consequências de culpas anteriores. O ocultismo ensina, realmente, como já vimos, que o espírito reencarna sucessivamente em vários corpos físicos e que nós pagamos numa existência seguinte as culpas não reparadas numa vida presente. Entre cada encarnação a alma dá-se conta de todas as existências anteriores e das suas consequências do ponto de vista da evolução. No começo da sua descida ao plano físico, pelo contrário, o espírito perde a lembrança do passado, o que

é necessário para evitar os suicídios, que se tornariam quase inevitáveis para quem tivesse a consciência das culpas que vem expiar.

Esta doutrina constituía, muito mais do que a da Unidade divina, um dos mais tremendos mistérios das antigas iniciações e era ensinado sob o véu da fábula. A água do rio Lethes que a alma bebia ao sair dos rios inferiores (*Infera*) é uma recordação deste mistério. A posse do poder ou das riquezas é considerada, pelo ocultista, uma das mais perigosas e uma das mais difíceis provas que podem assaltar um homem. Se o poderoso ou o rico, esquecendo que é simples depositário da força vital da Sociedade, se faz centro e dispõe exclusivamente para si e para os seus daquilo que lhe foi confiado, então a punição será ainda mais terrível. Quando um jovem estudante, todo emocionado pelas aparentes iniquidades do destino, vinha protestar junto do mestre contra a persistente infelicidade que oprimia este ou aquele homem, então o mestre invocava, por momentos, as imagens inscritas na luz secreta que rodeia o indivíduo, e o estudante, reconhecendo o homem actualmente infeliz neste rico de outrora que só socorria alguns pobres por vaidade, compreendia e abençoava o mestre. Os ensinamentos morais e o ocultismo foram sempre quase exclusivamente práticos; e afasta-se os alunos do suicídio não fazendo-lhes discursos filosóficos sobre o nada desse actor, mas sim colocando-os face a face, no plano astral, com o espírito de um suicida, e mostrando-lhes as aflições indescritíveis da dissolução do desgraçado. O mesmo acontece com a morte, cujas fases são todas estudadas experimentalmente. O ocultista, iniciado sem ser pelos livros, ostenta um soberano desprezo por esse fenómeno da passagem de um plano a outro que ele viu realizar ou, se for suficientemente avançado, que ele próprio realizou, várias vezes, experimentalmente. Uma moral fundada sobre tais práticas é forçosamente muito poderosa, em especial quando as pesquisas pessoais conduziram o postulante a verificar o carácter exacto e a veracidade da maior parte das tradições religiosas, e especialmente das tradições cristãs. É curioso verificar que os rosas-cruzes iluminados se mostraram sempre ardorosos apologistas do cristianismo, sendo embora de

grande severidade para o clero, que eles acusam de haver entregado Cristo a César, participando na partilha do poder temporal do ouro. Pelo seu lado, a igreja, em todas as épocas, despendeu os maiores esforços para entravar o movimento ocultista, que faz homens de tal fé e de tal independência de carácter que ela não quer ver neles senão partidários do Inferno. Pode-se resumir as regras da moral ocultista nalgumas proposições, cujo desenvolvimento se encontrará nas obras de Eliphas Lévi: o ocultista deve saber abster-se, sofrer, rezar, morrer e perdoar. Repetimos, o que nos interessa nesta moral, não são tanto as regras que encontraremos mais ou menos em todos os moralistas quanto a via prática de demonstração por visão directa. Esta via exige mestres dignos desse nome, e esses fogem do ruído e do renome e só são conhecidos por alguns raros. Aqueles que o público toma por chefes são, geralmente, os que foram delegados para as obras de propaganda: são realizadores, os homens de acção, os braços dos organismos iniciáticos. Certas pessoas acreditaram ou quiseram fazer acreditar em que só existem tais mestres no Oriente: é um erro. As nossas informações permitem-nos afirmar que existem, não em Paris, mas nalgumas cidades de França, mestres de diferentes graus, que vivem longe do ruído e da publicidade, e que são ignorados, sob o seu verdadeiro carácter, mesmo do vizinho mais próximo.

Esta é a base que o ocultismo dá ao problema do destino humano. Resumamo-la, pela última vez:

Que somos nós, aonde vamos, e donde vimos? A vida tem uma finalidade? Somos livres ou determinados? Existe uma sanção para as nossas boas ou más acções? Existem mesmo acções que sejam boas e outras que sejam más?

A isto o materialismo responde: somos o produto de uma evolução material, e o agregado de células que constituem o nosso eu desaparecerá com a morte e irá constituir outros organismos. Viemos por acaso e iremos para o nada. As nossas faculdades como as nossas acções dependem da hereditariedade, do meio e dos nossos órgãos. Não conseguiríamos ser mais responsáveis do que a roda do comboio que esmaga um imprudente ou a telha caindo do tecto que mata alguém que vai a passar; o bem e o mal são palavras inventadas pelo nosso

orgulho para satisfazer a nossa vaidade. A polícia ainda é a sanção moral mais elevada. O homem, assim concebido, é composto de um vil princípio: o corpo físico.

O catolicismo ensina-nos que somos compostos de um corpo, mortal e vil, e de uma alma imortal. Um vem do pó, é o corpo, e a ele voltará; a outra vem de Deus, é a alma, e irá, depois da morte, para o paraíso ouvir os anjos nos seus cânticos e contemplar um Deus antropomorfo, se ela foi sapiente; ou, se foi má, irá para o Inferno por toda a eternidade. Se foi neutra e praticou alguns pecados veniais, o Purgatório estende-lhe os seus tormentos por alguns milhares de anos apenas. O resto está em conformidade e capaz de satisfazer plenamente as inteligências médias. Mas o anatomista e o fisiologista continuam a interrogar como é que este princípio tão puro pode afinal accionar o recto ou entregar-se às doçuras da quilificação.

Entre estes dois extremos, a filosofia dita espiritualista faz história e crítica. É o que há de mais prudente.

Ora, o ocultismo entende que traz uma série de hipóteses susceptíveis de explicar racionalmente a constituição do homem tanto ao fisiologista como o filósofo[1].

A existência, não como entidade metafísica, mas sim a título de realidade fisiológica, de um princípio de acção intermediário entre os órgãos físicos e as faculdades intelectuais, permite resolver simplesmente a maior parte dos problemas postos. O materialista tem perfeitamente razão nas suas afirmações, mas fica-se pelo estudo do corpo físico; o espiritualista também está na verdade, mas só estuda o pólo

---

[1] Finalidade da vida. Devemos ocupar-nos dos nossos interesses e exercer uma profissão honesta, não para juntar riquezas, mas para buscar as coisas necessárias à vida.

Deve-se buscar as coisas necessárias à vida e mesmo o bem-estar, se pudermos, não com vista aos prazeres que ela pede, mas para afastar de si as preocupações e a dor, para conservar um espírito livre num corpo são.

Enfim, devemos empregar esta dupla vantagem: a liberdade de espírito e a saúde do corpo para desenvolver a inteligência e conduzi-la, pelo caminho da ciência, ao conhecimento de Deus. — MAIMONIDAS (século XII).

oposto da balança: o espírito consciente. O ocultista procura, não destruir, mas sim unificar os esforços da filosofia e os da ciência[1].

A finalidade da vida, diz ele, é cada um fabricar por si mesmo o seu futuro destino, porque o homem é livre no círculo da fatalidade que o conduz, como o passageiro do navio é livre na sua cabina.

Tudo o que existe tem direito ao nosso respeito: tanto o corpo físico como o espírito. O misticismo é uma perda de equilíbrio moral, tão grande como o sensualismo. Somos nós próprios que criamos a sanção dos nossos actos, nós próprios que suportamos os erros das nossas más acções, quer nesta vida, sobre os nossos bens materiais, quer numa existência futura, quando reencarnarmos.

A doutrina da reencarnação, quer nesta terra, quer noutro lugar do espaço, dada como sanção moral das nossas acções e como origem da nossa situação na sociedade, foi sempre ensinada pelo ocultismo[2].

Certos pontos do ensinamento do ocultismo sobre este assunto continuariam obscuros se nós não precisássemos, desde já, o problema da morte tal é posto pelo espiritualismo tradicional. Isso nos permitirá diferenciar logo o ocultismo do espiritismo, com que algumas vezes o confundem.

Cada um dos princípios que constituem o homem vem de um plano de acção diferente. O corpo físico vem do mundo físico, e para ele volta. O corpo astral vem do plano astral. O ser psíquico é uma resultante da combinação do corpo astral com o espírito; é a centelha do eu actual que já não será o eu da próxima existência[3].

---

[1] Adquirir a Verdade por meio das suas faculdades inteligíveis, a Virtude por meio das suas faculdades anímicas, a Pureza por meio das suas faculdades instintivas. — FABRE D'OLIVET (1820).

[2] Sobre esta terra, as almas passam por vários corpos; mas, desde que atingiram um corpo humano, não voltam a descer ao dos animais. — PÓRFIRO (século III).

[3] A alma do homem, vindo imediatamente de Deus, junta-se por meios convenientes ao corpo material; e, para esse efeito,

Com a morte, o homem muda de estado e não de lugar. Ele realiza o ideal que forjou na sua última existência, e esse ideal subsiste tanto mais longamente quanto maior a intensidade com que foi concebido.

Depois, a entidade espiritual reencarna e prossegue assim na sua individual evolução, sobe e desce na escala social, mas progride apesar dela mesma; porque o sistema inteiro evoliu para a reintegração final. O progresso existe para a generalidade, embora pareça não existir para o indivíduo[1].

Mas a evolução, para ser real, deve ser colectiva. As colectividades têm as mesmas leis de existência, de doença e de morte que os indivíduos; o homem é para a humanidade o que uma célula do corpo humano é para o Ser inteiro. Existe pois uma ciência do social, uma anatomia e uma fisiologia da natureza, ignoradas dos nossos políticos contemporâneos e para cuja reedificação trabalha grande número de ocultistas.

A sociedade é um ser completo tendo os seus órgãos, económicos ou abdominais, jurídicos ou torácicos, e docentes ou cefálicos.

A ciência da sociedade, da sua evolução e da sua transformação normal ou patológica, eis a verdadeira chave da história, que deve ser refeita por aquele que souber aplicar a este ramo do saber humano os ensinamentos do ocultismo.

Mas insistamos a respeito do homem.

Dos três elementos de que se compõe o homem encarnado, o primeiro, *o cadáver*, volta à terra ou a outra qualquer modalidade do plano físico, que emprestou os elementos ao espírito, durante uma existência; o segundo,

---

primeiramente mesmo na sua descida e nas primeiras aproximações, ela encontra-se revestida de um pequeno corpo de ar, que chamam o veículo etéreo da alma, e que outros chamam a carreta da alma.

Quando junta a sua carreta ao calor, ela junta-se ao espírito proveniente do coração, e, por este espírito, mergulha nos humores, agarra-se aos membros e igualmente se aproxima de tudo o mais perto que pode. — AGRIPPA (século XVI).

[1] Não é a nossa alma que sofre e que morre, é a personagem. — PLOTINO (século III).

o corpo astral, decompõe-se em duas partes: uma inferior, que se espalha na vida universal e, se necessário, ajuda a decompor o cadáver; a outra, superior, torna-se naquilo que Pitágoras chamava «o carro da alma» e envolve o espírito na sua evolução astral; o terceiro, *o espírito*, é o único destinado a substituir com a integralidade da sua consciência, e é ele requer, enfim, mais detido interesse. A teoria ocultista, a seu respeito, não mudou desde o Antigo Egipto, e é ainda a história da «viagem da alma» do *Livro dos Mortos*, mas compreendida na sua verdadeira simbólica, que nos será contada pelo ocultista do século XVIII da nossa era e mesmo pelo do século XX, chamando a visão directa em apoio dos seus dizeres[1]. Retomemos pois em pormenor a partida do espírito e comecemos no momento da agonia. Neste instante, o laço entre o corpo físico e o espírito acaba de ser cortado, como no desmaio, e o corpo astral tende a dividir-se em duas partes: uma inferior, que restará no plano físico, e uma superior, que evoluirá até ao plano astral superior. Esta luta manifesta-se no exterior, nos casos normais, pela agonia. A quantidade de astral que acompanhará o espírito depende justamente das aspirações elevadas do ser humano durante a sua encarnação, e, no momento da partida, o espírito procura atrair para o seu lado o mais possível de astralidade. É ajudado nesta tarefa pelos «antepassados», termo sob o qual se incluem todos os seres invisíveis que vêm assistir à alma na sua partida; porque a morte terreste é o nascimento astral, e reciprocamente. Os antepassados estão além para receber a alma que a eles regressa, como os pais estão aqui para receber a criança que nasce na Terra. Antes de ir mais longe, lembremos que empregamos a expressão plano para indicar bem que não se trata de locais determinados, porque o tempo e o espaço desaparecem desde o plano astral, e tudo é ali ao mesmo tempo, no mesmo plano. Voltemos ao espírito. A agonia acaba de terminar: cada célula física, até aí tonalizada pela acção

---

1 A este propósito, será lido com grande proveito o excelente livro de Ch. BYSE sobre Swedenborg, publicado com o título: *Le Prophète du Nord,* Paris, 1 vol., in-8.°, Fischbacher.

preponderante do corpo astral, retoma a sua autonomia; a decomposição do cadáver começa, e cada um dos pequenos seres celulares que o constituíam dirige-se para as suas afinidades especiais. Pelo seu lado, o espírito atravessa um período de perturbação, durante o qual a consciência procura com esforço passar sem os órgãos físicos desaparecidos. Esse estado de perturbação dura mais ou menos tempo, conforme o auxílio prestado, não só deste lado como do outro, ao espírito, para a sua evolução. Enfim, ele sai do seu pesadelo e apercebe-se de que está realmente mais vivo do que na Terra, mas que nasceram novos órgãos, sinais de faculdades também novas, e que a comunicação física com o plano material se torna rapidamente cada vez mais difícil, só com os sentimentos a servirem de laços entre os dois planos. Mas o espírito dá-se conta de que não está ainda no seu verdadeiro centro, e vai tender o melhor que pode para a segunda morte, a morte no plano astral, que acelerará a sua evolução. Esta depende da evolução moral do espírito, e este deve travar autênticas lutas com os seres do plano astral que querem arrancar-lhe a sua astralidade inferior. Progressivamente, o despojamento faz-se, o corpo glorioso ou espiritual vem, átomo por átomo, substituir o corpo astral superior, e a evolução para o plano divino prossegue. Todo este trajecto é sulcado de julgamentos, provações e interrogatórios diversos, que Valentino resumiu muito bem na sua *Pistis Sophia* (traduzida por Amelineau, para francês). Reentramos então no ciclo do *Livro dos Mortos* e podemos deter-nos aqui. Lembremos apenas que uma nova encarnação física virá muitas vezes acelerar uma evolução tardia, e digamos algumas palavras acerca dos casos especiais, como o dos suicidas. A seguir, trataremos da evocação do espírito dos defuntos.

Tomámos como exemplo a evolução de um espírito médio, porque os homens que, durante a via terrestre, penetraram até ao limiar da segunda morte não precisam de fazer paragem no caminho e só voltam a encarnar por seu expresso e formal desejo e como «missionários» conservando a lembrança do passado e o poder de conversar directamente com os seres do plano espiritual. Estes homens são os únicos e legítimos mestres, e reconhecemo-los pelas suas curas

miraculosas e também pela sua humildade. A certeza da aquisição desses mistérios tem mais atractivo para uma inteligência elevada do que a saída em astral na Terra ou os outros processos puramente mágicos, que escondem sempre grandes perigos. Mas estas evoluções excepcionais são, segundo a opinião dos ocultistas, muito raras, e os casos de queda são, pelo contrário, muito frequentes. Entre estes casos, vamos tomar como exemplo o dos suicidas, porque basta esse para esclarecer os restantes. Já Dante nos mostra aquele infeliz que se matou por amor seguidamente à morte da sua bem-amada e que todos os dias vinha à porta do céu ouvir dizer: «Só a verás amanhã.» Ora, todas as escolas que se ocupam da constituição do plano invisível, mesmo as mais recentes, que não possuem tradição alguma, como a dos espíritas, estão de acordo em descrever identicamente os sofrimentos dos suicidas, que só têm análogos nos dos criminosos assassinos. Ao despertar da angústia, o suicida verifica com pavor que está estreitamente ligado, embora invisivelmente, a esse corpo, torturado pela sede e pela fome físicas e assistindo à decomposição dos órgãos que eram os únicos a poder servi-lo e que ele mesmo destruiu. A estes sofrimentos quase materiais juntam-se as angústias morais e os terrores da incessante luta contra as larvas do astral inferior que vêm reclamar o seu quinhão. Estreitamente agarrados à Terra, que não abandonaram apesar do seu desejo contrário, esse género de espíritos obsidia os cérebros fracos e os médiuns, e não é outra a causa de bastantes casos de loucura súbita, segundo os ocultistas. Quando chega a época da morte normal, o espírito do suicida reencontra os seus ancestrais e, muito rapidamente, reencarna num corpo disforme ou estropiado para recomeçar a luta à qual fugira da primeira vez. Aqueles que conscientemente praticaram os ritos inversivos da magia negra são punidos com penas ainda mais fortes, até acima das dos criminosos.

Já nos referimos à possível evocação dos espíritos, e são indispensáveis alguns novos pormenores a tal respeito. Os ocultistas diferenciam-se precisamente dos espíritas pela dificuldade com que admitem as comunicações reais entre os vivos e os próprios espíritos dos defuntos. Para nos darmos perfeitamente conta das objecções levantadas pelos ocultis-

tas a tal respeito, devemos lembrar-nos da teoria das imagens astrais de que falámos longamente.

Todos os factos terrestres são graficados, pode dizer-se fotografados na luz astral, e esta regra é verdadeira tanto para as ideias como para os indivíduos. Assim é que uma ideia humana é uma força tão dinâmica e tão material como o calor e a luz; daí o arrebatamento da vontade no principiante. Uma ideia deixa no plano astral o traço das suas actividades boas ou más, e esse traço pode ser reencontrado muito tempo depois. O mesmo acontece com o indivíduo inteiro, que deixa, no plano astral, uma imagem da sua passagem terrestre. É esta imagem que, a maior parte das vezes, os espíritas tomam pela aparição real de quem eles evocam. Nos outros casos, quando não há fraude do médium, os factos atribuídos pelos espíritas aos espíritos são, para os ocultistas, somente o resultado das forças emanadas do médium e, algumas vezes, acrescidas com o auxílio dos elementais.

Não é menos certo que, quando os ocultistas afirmam a realidade das comunicações entre os dois planos e admitem que uma comunicação é realmente de um espírito humano defunto, só fazem isso por eliminação e munidos de todas as provas necessárias. A magia pretende poder pôr os seus adeptos em estado de praticar a evocação dos mortos; mas os ritos de necromancia são considerados muito perigosos, tanto para o evocador como para o espírito evocado. Uma única via excepcional permite pôr-se em relação com o plano invisível, sem perigo: é a *teurgia*. Só os mestres, geralmente escondidos sob os aspectos do teurgo, têm o poder de agir conscientemente sobre os espíritos em todos os planos da Natureza visível ou invisível.

Para sermos completos, devemos enfim mencionar a teoria da alma-irmã, segundo a qual os seres evoluídos no plano astral são formados pela fusão de duas almas terrestres que se encontraram após séculos de procura, cada calma conservando de resto integralmente a sua personalidade. Esta concepção presta-se a encantadores desenvolvimentos filosóficos, e foi muito utilizada pelos poetas.

Tais são as principais afirmações que os ocultistas baseiam na dupla autoridade da tradição e da visão directa do plano

invisível. Pode agora entender-se a resposta de um Brâmane interrogado por um padre jesuíta sobre a origem das suas ideias a respeito das transformações da alma após a morte e que respondeu ao bom missionário: «Mas eu vi o que acontece depois da morte, e nenhuma revelação vale tanto como esta certeza, especialmente quando se fez várias vezes a verificação, para nos darmos conta dos pormenores.»

CAPÍTULO VI

A SINARQUIA

A Sinarquia
Concepção dos Governos Actuais
República
Monarquia
Teocracia
Instituições Representativas
Impérios
Os Continuadores da Sinarquia
Anatomia
Fisiologia
Patologia
A Economia Política e o Método Sintético

«Acusados de ser diabos por uns, de ser clericais, por outros, e de ser mágicos negros ou alienados pela galeria, nós continuaremos simplesmente cavaleiros fervorosos do CRISTO, inimigos da violência e da vingança, sinarquistas[1] *decididos, opostos a qualquer anarquia de cima ou de baixo, em resumo: Martinistas.»*

PAPUS

Não podíamos terminar a exposição filosófica do ocultismo sem falar da sociologia, que foi, sempre, objecto de aturados estudos nesses Templos que enviavam legisladores, como Licurgo, Sólon, Pitágoras, Numa, etc.

Desde a mais alta antiguidade, a sociedade foi considerada pelos ocultistas como um organismo vivo. Um escritor contemporâneo que se dedicou especialmente a esta questão: R.-Ch. Barlet, determinou mesmo esta lei estritamente, mostrando que a sociedade é um ser vivo com o poder de criar e de modificar os seus órgãos mais essenciais.

A sociedade verdadeiramente normal, para o ocultista, é pois aquela que mais se aproxima da constituição trinitária de todos os organismos superiores e que compreende uma cabeça, um tórax e um abdómen sociais.

A economia política é a representação do abdómen social, as forças jurídicas e militares representam a dupla polarização

---

[1] Trata-se da Sinarquia de SAINT-YVES D'ALVEYDRES, um dos Mestres de PAPUS, e não da Sinarquia chamada «Império» (Ph. ENCAUSSE).

torácica, e, as Universidades e as religiões, a parte intelectual de uma sociedade. Um Estado moderno, organizado segundo esta concepção, intitulado SINARQUIA, de Saint-Yves d'Alveydre, teria três câmaras: uma câmara económica, delegada pelos sindicatos; uma câmara jurídica, e uma câmara universitária e religiosa. O sufrágio é estritamente profissional, cada qual votando segundo a sua situação social num dos três planos. Esta organização tem o mérito de não ser uma concepção puramente teórica, porque funcionou durante vários séculos e ela sozinha durou mais do que todas as formas ulteriores reunidas. Saint-Yves d'Alveydre consagrou a esta demonstração uma erudição e um realíssimo talento nas suas *Missions*.

Também nos parece útil desenvolver particularmente esta concepção da sinarquia, à qual se ligam quase todos os ocultistas contemporâneos[1]. Isto permitir-nos-á também desenvolver uma nova adaptação da analogia ao estudo da sociedade.

A Sinarquia

Após vinte anos passados no estudo aprofundado da história, um investigador contemporâneo[1], o *marquês de Saint-Yves d'Alveydre*, estabeleceu a existência de uma lei de organização das sociedades tal que os povos que tinham posto esta lei em aplicação haviam visto o seu governo durar séculos, enquanto que, pelo contrário, aqueles que tinham perdido a noção desta lei não tardavam a conturbar-se mais ou menos profundamente. Daí o nome de síntese do governo ou *Sinarquia* dado a esta lei de organização social.

Antes de tudo, seja-nos permitido diferenciar as investigações de Saint-Yves d'Alveydre das concepções mais ou menos utópicas dos socialistas contemporâneos. A Sinarquia *foi aplicada* durante séculos à humanidade e funciona ainda com poucas modificações na China. Não é, portanto, um sonho,

---

1 Da época de Papus (Ph. ENCAUSSE).

nem invenção destinada a obter prova; é uma realidade de que podemos dar mais ou menos conta, mas que nem por isso existe menos.

A Sinarquia é a lei da vitalidade existente tanto no organismo social como no organismo humano, e, em rigor, qualquer investigador pode descobrir esta lei aplicando à sociedade os princípios de fisiologia que dirigem o organismo humano, considerado como o mais evoluído dos organismo animais.

Após haver consagrado várias obras à verificação desta lei na história: a *Missão dos Judeus* expondo a história universal, a *Missão dos Soberanos* expondo a história da Europa, a *Missão dos Franceses* expondo a história de França, Saint-Yves fez todos os esforços para mostrar como, por simples decreto, se podia aplicar esta lei à nossa sociedade actual. Isto é, portanto muito distante da revolução pacífica ou violenta pregada pelos socialistas e da destruição dos maquinismos sociais pregada pelos anarquistas.

O que impressiona em primeiro lugar o investigador nas obras deste autor é a generalidade destes princípios que são aplicados unicamente ao social. Podemos afirmar sem medo de ser contradito que Saint-Yves d'Alveydre encontrou a fisiologia da Humanidade; mais ainda, que ele determinou a lei de relação dos diversos grupos da humanidade entre eles.

Tudo é análogo no Universo; a lei que dirige uma célula do homem deve cientificamente dirigir este homem; a lei que dirige um homem deve cientificamente dirigir uma colectividade humana, uma nação, uma raça.

Estudemos pois rapidamente a constituição fisiológica de um homem. Não há necessidade alguma, para isso, de entrar em grandes pormenores, e as nossas deduções serão mais verdadeiras exactamente porque se apoiarão em dados mais gealmente admitidos.

O homem come, o homem vive, o homem pensa.

Come e alimenta-se graças ao estômago, vive graças ao coração, pensa graças ao cérebro.

Os seus órgãos digestivos são encarregados de dirigir a *economia* da máquina, de substituir as perdas pelo alimento e de pôr de reserva os excedentes se preciso for.

Os seus órgãos circulatórios são encarregados de levar por toda a parte a força necessária de funcionamento à máquina, assim como os órgãos digestivos fornecem a matéria. O que tem a força, é um *poder*; os órgãos circulatórios exercem pois o poder da máquina humana.

Enfim os órgãos nervosos do homem dirigem tudo isto. Por intermédio do grande simpático inconsciente funcionam os órgãos digestivos e circulatórios; por intermédio do sistema nervoso consciente, os órgãos locomotores. Os órgãos nervosos representam a *autoridade.*

Economia, Poder, Autoridade: eis o resumo das três grandes funções contidas no homem fisiológico.

Qual é a relação destes três grandes princípios entre si?

Enquanto o ventre recebe o alimento necessário, a economia funciona bem. Se o cérebro, deliberadamente, quer restringir o alimento, o estômago grita: «Tenho fome, ordeno aos membros que me dêem o alimento necessário.» Se o cérebro resiste, o estômago causa a ruína de todo o organismo e, por conseguinte, a do cérebro; o homem morre de fome.

Enquanto os pulmões respiram à vontade, um sangue vivificador, quer dizer *poderoso*, pujante, circula no organismo. Se o cérebro se recusa a fazer funcionar os pulmões ou os leva a um meio doentio, estes previnem o cérebro da sua necessidade pela angústia que se pode traduzir: «Dá-nos ar puro, se queres que façamos funcionar a máquina.» Se o cérebro já não tem autoridade suficiente para o fazer, as pernas deixam de obedecer-lhe, são demasiado fracas, tudo se abate, e o homem morre por asfixia.

Poderíamos estender até mais longe este estudo, mas pensamos que basta mostrar ao leitor o jogo das três grandes potências: Economia, Poder, Autoridade, no organismo humano.

Reencontramos agora estas grandes divisões na sociedade.

Reúnam num grupo toda a riqueza de um país com todos os seus meios de açção, agricultura, comércio, indústria, e obterão o ventre desse país, constituindo a fonte da sua ECONOMIA.

Reúnam num grupo todo o exército, todos os magistrados de um país, e obterão o peito desse país, constituindo a fonte do seu PODER.

Reúnam num grupo todos os professores, todos os sábios, todos os membros de todos os cultos, todos os escritores de um país, e obterão o cérebro desse país, constituindo a fonte da sua AUTORIDADE.

Agora descubram a relação científica entre esses grupos, e digam:

VENTRE	= ECONOMIA	= ECONÓMICO
PEITO	= PODER	= JURÍDICO
CABEÇA	= AUTORIDADE	= ENSINO

e estabeleçam as relações fisiológicas.

Que acontecerá se, num Estado, a autoridade se recusar a satisfazer as justas reclamações dos governados?

Estabeleçam isso analogicamente, e digam:

Que acontecerá se, num organismo, o cérebro se recusar a dar satisfação às justas reclamações do estômago?

A resposta é fácil de prever. O estômago fará sofrer o cérebro e finalmente o homem morrerá.

Os governados farão sofrer os governantes, e finalmente a nação perecerá.

A lei é fatal.

Tanto na fisiologia da sociedade como na do homem individual, existe uma dupla corrente:

1.º Corrente dos governantes para os governados, análoga à corrente do sistema nervoso ganglionário para os órgãos viscerais;

2.º Corrente reaccional dos governados para os governantes, análoga à corrente das funções viscerais para as funções nervosas.

Os poderes *Docente*, *Jurídico*, *Económico*, constituem a segunda corrente.

A primeira é formada pelos poderes *Legislativo*, *Judicial*, *Executivo*.

Tais são os dois pólos, os dois pratos da balança sinárquica.

Escolhemos este modo de expor o sistema de Saint-Yves d'Alveydre para melhor fazer sentir a todos o seu carácter dominante: uma analogia sempre estritamente observada com as manifestações sempre estritamente observada com as manifestações da vida na natureza.

É este e sempre será o cunho de uma criação ligada ao verdadeiro esoterismo; qualquer sistema social que não siga analogicamente as evoluções naturais é um sonho e nada mais.

Vemos pois que, acima de tudo, a descoberta trazida a lume nas *Missões* é a da lei dos governados *Docente, Jurídico, Económico;* porque a lei dos governantes *Legislativo, Judicial, Executivo* já é conhecida desde há muito, transmitida pelo mundo pagão.

Determinar cientificamente a existência e a lei da vida orgânica de um povo; determinar igualmente a vida de relação de povo a povo e de raça a raça: tais são os problemas estudados nas obras de Saint-Yves d'Alveydre. Por toda a parte, a vida deve seguir leis análogas; assim, para só falar de passagem na vida de relação dos povos europeus entre eles, não se precisa de ser grande intelectual para ver a sua organização antinatural. Imaginam, realmente, indivíduos agindo entre eles como as grandes potências fazem? Quanto tempo continuariam eles sem ir a Mazas?[1] A lei que regula hoje as relações de povo a povo é a dos salteadores, sempre armados, sempre prontos a aliar-se para cair sobre o mais fraco e repartir entre eles a fortuna deste. Que exemplo para os cidadãos!

Eis porque o investigador pode cientificamente falar a todos os povos e dizer-lhes:

«Mudem de reis, de governos, nada conseguireis senão agravar os vossos males. Estes provêm não da forma de governo, mas sim da lei que a constitui. Apliquem a lei da natureza e o futuro há-de abrir-se radioso para nós e para os vossos filhos!»

---

[1] Prisão.

A sinarquia, funcionando não já como sistema, sim como lei científica, permite pois ver a situação exacta que ocupam as diversas formas de governo na hierarquia das ciências sociais. Assim, vamos dar a palavra a Saint-Yves d'Alveydre, para melhor fazer conhecer os seus trabalhos e expor a definição das diversas formas de governo. O extracto seguinte é tirado da *Mission des Souverains* (cap. 1.º):

«Nas investigações sobre a origem do direito comum e do governo-geral da Europa, teremos frequentemente de pronunciar os nomes de república, de monarquia, de teocracia.

Interessa determinar a exacta e rigorosa significação destes nomes, sem proceder por abstracção ideológica, como por de mais se tem feito, desde Platão a Montesquieu, mas sim pela observação e pela experiência traditivas, de que a história é o processo verbal.

Como o nosso fim está completamente fora de nos enganarmos a nós mesmos, sacrificando à misticidade política dos outros, não recuaremos perante a científica verdade. As formas de governos que temos de definir pelos caracteres históricos são puras ou mistas, radicais ou compostas, conforme o seu título nominal é ou não é a expressão do seu princípio próprio e do meio pelo qual deve tender a realizar o seu fim.

República

O princípio da república pura é a vontade popular.

O fim que esta vontade se propõe é a liberdade ilimitada dos seus cidadãos.

O meio pelo qual este princípio tende a realizar este fim é a igualdade jurídica, sem distinção de planos, sem hierarquia de funções.

A condição radical, o organismo típico correspondente ao emprego deste meio, é a nomeação directa dos magistrados pelo povo reunido em massa, sem representantes nem delegados, numa palavra, sem intermediários.

A garantia desta forma de governo é a escravidão doméstica, a servidão civil, agrícola ou militar do maior número, o exílio ou o ostracismo político.

Atenas realizou este tipo real da República; mas o fulgor com que ela brilhou não nos deve causar ilusões, porque é emprestado por instituições teocráticas importadas da Grécia, da Fenícia e especialmente do Egipto: mistérios de Orfeu, ritos de Delfos e de Elêusis, Anfictiões, etc.

A liberdade dos cidadãos tinha, nesta República, a escravidão como garantia, e ninguém estava ao abrigo desta terrível e perpétua ameaça.

Assim é que, se Nicetas não tivesse pago a liberdade de Platão, este vulgarizador de Pitágoras, apesar da sua metafísica fantasista sobre a República, haveria tido de limitar as suas virtudes republicanas à estrita prática dos deveres de escravo, sob pena de chicote, de tortura e de pala.

Cartago terá sido igualmente uma República pura, com o terror como recurso, na estatua de Moloch, e a escravidão dos Numidas, como base e pedestral, como suporte e garantia da liberdade.

Fundada por salteadores, antigo burgo da Etrúria teocrática, Roma, mais grosseira do que Atenas, mais brutal ainda do que Cartago, conformou-se igualmente ao dado da república radical, embora com certas moderações, que lhe impuseram os restos da realeza e da teocracia, de que ela tentou em vão apagar a influência e a lembrança.

Assim é que o Soberano Pontífice romano, com o seu colégio de doze grandes sacerdotes, estava armado de poder suficientemente considerável para suspender e dissolver as assembleias populares, e, quando a opinião trabalhada pelo pirronismo deixou de conceder à religião a fé, ao Soberano Pontífice o crédito necessário à sua função, a pátria de Cincinato tornara-se na de Sila, e Júlio César ia pôr na cabeça a tiara e a coroa imperial.

Na cristandade, nunca existiu república real.

O governo das cidades de Itália, da Flandres, da Holanda, só foi republicano de nome.

Na realidade representativo, o sistema destas cidades foi municipal ou emporocrático, às vezes os dois em conjunto,

como são hoje mais ou menos a Inglaterra, os Estados Unidos, a Suíça e como queria ser a democracia burguesa de França, sem poder lá chegar, por causas que seria ocioso explicar aqui.

Monarquia

Quando Montesquieu, após haver dito que o princípio das repúblicas era a virtude, pretendeu que o das monarquias era a honra, pensou como cortesão dos reis e dos povos, ou como hoje o faria o Sr. Prudhomme, mas não como Montesquieu.

O princípio da monarquia pura é a energia do seu fundador, isto é, do mais forte e do mais venturoso, se por esta palavra entendermos o mais favorecido pelo destino.

O fim que se propõe a monarquia pura é a autocracia.

O meio pelo qual este princípio tende para o seu fim é a centralização de todos os poderes na pessoa do monarca.

A condição jurídica indispensável ao emprego deste meio é a que a lei emana directamente do déspota, sem representantes nem delegados reais, além dos escrivães, dos juízes e dos seus executores.

A garantia desta forma de governo é o assassínio legal, porque, nas condições de anarquia pública que tornam necessária e permitem a fundação da monarquia pura, para salvar a unidade da vida nacional, tem de se ser senhor da morte.

A monarquia pura reinou entre os Assírios; os Ciro, os Átila, os Gengis-Cão, os Timur, ostentam esse carácter real.

Na cristandade, nunca existiu monarquia real, no sentido absoluto do termo.

Em cada país cristão tendendo para a unidade, a autocracia é que foi a finalidade dos dinastas, porque nesta finalidade eles não teriam tido móbil de energia suficientemente poderoso para criar e conservar a unidade nacional.

Mas, embora a maior parte deles não tivessem ignorado as garantias do despotismo, tanto como os seus predecessores asiáticos, não puderam fazer delas uso radical e de modo continuado.

O princípio da teocracia é a religião.

O fim que ela se propõe é a cultura universal das consciências e das inteligências, a sua união e a sua paz social.

O meio pelo qual este princípio tende para o seu fim é a tolerância de todos os cultos e o seu apelo ao princípio comum.

A condição necessária ao emprego deste meio é o assentimento livre dos legisladores e dos povos para a eficácia prática da ciência e da virtude do sacerdócio e do seu fundador.

A garantia desta forma de governo é a realização incessante da perfeição divina pelo desenvolvimento da perfectibilidade humana: educação, instrução, iniciação, selecção dos melhores.

Antes do cisma de Yrshu, a Ásia, a África, a Europa inteira foram governadas por uma teocracia, de que todas as religiões do Egipto, da Palestina, da Grécia, da Etrúria, da Gália, da Espanha, da Grã-Bretanha, foram apenas o desmembramento e a dissolução.

Esta teocracia, nitidamente indicada nos anais sagrados dos Hindus, dos Persas, dos Chineses, dos Egípcios, dos Hebreus, dos Fenícios, dos Etruscos, dos Druidas e dos Bardos célticos, e até nos cânticos da extrema Escandinávia e da Islândia, esta teocracia, foi fundada pelo conquistador celebrado no Ramayana de Walmiki e nas Dionisíacas de Nonus.

É graças a esta unidade primeira de que se reencontram por toda a parte os traços positivos, e de que os antigos templos conservavam a tradição, é graças a ela que vemos ainda, em Damis e em Filostrato, Apollonius de Tyane, contemporâneo de Jesus Cristo, ir conversar sucessivamente em todos os centros religiosos do mundo e com todos os padres e todos os cultos, desde a Gália até ao fundo das Índias e da Etiópia.

Nos nossos dias, a franco-maçonaria, armação e esqueleto de uma teocracia, é a única instituição que apresenta este carácter de universalidade, e que, a partir do trigéssimo terceiro grau, lembra um pouco, quanto aos quadros, a antiga aliança intelectual e religiosa.

Moisés, iniciado na ciência do sacerdócio do Egipto, onde, depois do cisma de Irshu, reinava uma teocracia mista, quis salvar da dissolução religiosa e intelectual alguns livros sagrados encerrando de um modo extremamente coberto a ciência fundamental desta antiga unidade.

Eis porque esse grande homem fundou esta teocracia de Israel de que a cristandade e o Islão são as colónias religiosas.

A cristandade nunca teve teocracia, quer pura, quer mista, porque a religião cristã, representada por igrejas rivais, desde o século v, e subordinada pelas suas instituições democráticas a uma fórmula política oscilante entre a república e o império, nunca pôde, como culto, atingir a unidade intelectual, o ensino científico, a educação, a selecção e a iniciação que são a garantia da teocracia.

Os meios necessários desta forma de governo: *tolerância de todos os cultos, o seu chamamento ao princípio comum*, nunca puderam ser empregues, nem nos concílios gerais dos primeiros séculos, nem nos concílios parciais que se seguiram à separação da igreja grega e da igreja católica, nem pelo papado, que, atendendo à sua situação partitiva e política na cristandade, não conseguiu, apesar de todos os seus esforços, fazer obra senão de poder clerical e sectário, o que é absolutamente o contrário da autoridade teocrática.

No entanto, a potência intelectual e moral de Jesus Cristo é tamanha, de tal modo teocrática, que mesmo reduzida à purificação do espírito e da consciência individuais, sem poder agir religiosamente sobre os sacerdotes divididos e, através deles, sobre as instituições gerais da Europa, determinou, apesar de tudo, no mundo cristão, a força universal de opinião que repele as cadeias do demagogo, os instrumentos de morte do déspota, torna impossível o estabelecimento quer da república absoluta, quer da monarquia radical, e paralisa todo o governo real.

Honra e glória eternas a Cristo Jesus!

Mesmo assim, apressemo-nos a dizê-lo, aquilo que é impossível na Cristandade é possível por toda a parte.

As raças de África, as da Ásia especialmente, se bem que contidas pelo Islão, enquanto os Turcos possuírem Constan-

tinopla, estão em condições que permitem o estabelecimento da monarquia pura.

E não se cuide que as armas materiais da nossa civilização, que os nossos modernos sistemas de guerra, são exclusivamente adquiridos para nós: eles prestam-se, o melhor possível, tanto ao temperamento disciplinar dessas raças como às invasões de massas profundas em que elas são costumeiras, desde que um déspota suficientemente enérgico as reúna e as amotine.

Não é um milhão, mas sim vinte milhões de homens armados e treinados à Europeia, que os esforços reunidos dos povos de África e da Ásia, apoiados pelo Islão e pelo império chinês, podem lançar, em dado momento, sobre a Europa dividida contra si mesma.

Retomando a sua rota habitual das costas de África, na Itália e na Espanha, da Itália e da Espanha para o coração do Ocidente, do Cáucaso até ao Atlântico, este dilúvio humano pode de novo jorrar e correr, varrendo tudo na sua passagem.

O governo-geral da Europa, predispõe-na mais que nunca a todas as consequências desse regresso de movimentos periódicos que é possível prever por certos indícios, quer aparentes, quer secretos.

Divididos entre si, sem laços religiosos nem jurídicos reais, os Estados europeus seriam, uns contra os outros, os primeiros auxiliares dos invasores.

O mercantilismo está pronto a fornecer as armas, desde que lhas paguem, e pagam, e ele sabe muito bem fazer chegar ao destino canhões, espingardas, granadas, balas e pólvora.

A competição colonial, a rivalidade dos Estados, o ciúme dos povos cristãos, darão cada vez mais todos os instrutores, todas as instruções militares necessárias.

Cada nação europeia, contanto que o mal fique dela afastado, nem bulirá certamente para salvaguardar aquela para a qual esse mal estiver imediato ou próximo: rejubilará, pelo contrário, na sua segurança, sem prever a catástrofe final, porque, na política internacional dos governos ditos cristãos, todos os sentimentos imorais e, por consequência, anti-intelectuais são os únicos autorizados a produzir-se.

Quanto à mola capaz de propulsar, dos dois outros continentes sobre o nosso, esta formidável balística de dilúvios humanos, há-de encontrar-se, de certeza, como outrora, na indomável energia de um asiático ou de um africano capaz de uma monarquia absoluta e de um gigantesco e sombrio desígnio próprio a transportar a alma fatídica das suas raças.

Tais reis não hesitarão, como não hesitaram no passado, perante as consequências do seu princípio político.

A monarquia simples e firme mostrar-se-á neles, de novo, executora radical dos mandatos do destino, ceifando as cabeças das famílias imperiais e reais destronadas, arrasando pelo fogo países inteiros, estrangulando os grandes, forçando os pequenos a marchar nos seus exércitos, empanturrando-se dos nossos bens, e, para vingar os seus povos da imoralidade da Europa colonial, transformando as nossas grandes cidades num lúgubre montão de pedras e de ornamentos calcinados, afogando em sangue as nossas nações, ou dispersando-as pelos quatro cantos da Ásia e da África.

A Europa cristã já não tem força política a opor a estas calamidades, sendo nelas impossíveis igualmente a república pura e a monarquia simples por causa da imoralidade necessária das suas garantias.

Por tais motivos, como por muitos outros, devemos procurar, fora da política, o laço possível das nações europeias.

Devemos falar agora do carácter pelo qual se tenta, desde há longo tempo, substituir na Europa as garantias da monarquia e da república reais; o leitor já adivinhou que se trata das instituições representativas.

Instituições representativas

Tem-se dito que a ideia dos representantes era moderna; eis um erro do nosso tempo.

Assim como cada camponês supõe que a sua aldeia é mais bela do que todas as outras e lisonjeia o seu orgulho local atribuindo ao seu campanário uma supremacia sobre todos os campanários vizinhos, de igual modo aqueles de nós que se encarregam de ensinar os outros são muitas vezes camponeses

a este respeito e repugna-lhes sair, do seu tempo e do seu meio, sair pelo pensamento, para observar e julgar saudavelmente o que condenam de antemão.

A política é velha como o Mundo, e, por todos os lados como em todos os tempos, os seus meios têm sido conformes às suas necessidades.

As instituições representativas, renovadas das formas governamentais dos antigos Celtas autóctones, da primitiva igreja, e antes dela do neoceltismo de Odin, que determinou o grande sistema feudal dos Godos, parecem adaptar-se tanto à república como à monarquia.

No antanto, elas só temperam esses governos políticos paralisando-os ao mesmo tempo nos seus princípios, nos seus meios, e afastando-os incessantemente dos seus fins.

Efectivamente, a vontade demagógica não pode ser representada sem estar privada dos dois poderes, legislativo e executivo.

Igualmente, a energia do déspota não pode delegar-se sem se relegar atrás de um parlamento ou de um tribunal superior de justiça.

No primeiro caso, já não há república pura, porque a oligarquia representativa, e não o povo unicamente, legisla e governa, nomeia os magistrados e limita a liberdade de todos e de cada qual. No segundo caso, já não há monarquia pura, porque a oligarquia representativa, e não o monarca simplesmente, legisla, partilha o governo e, quer sob o impulso da sua própria ambição, quer sob o das facções, pode abater com a lei e a morte até o rei, despojado do uso exclusivo do meio e da garantia da sua função.

Nas monarquias bastardas, ou representativas, estas duas forças, a vontade do demagogo, a energia do monarca, combatem entre si perpetuamente de modo latente ou declarado.

Nas repúblicas bastardas, ou constitucionais, o duelo passa-se entre a demagogia e a oligarquia representativa; mas o dualismo está lá sempre declarado.

É preciso, de duas coisas uma, que o rei e a oligarquia representativa, na sua monarquia constitucional, ou a oligarquia e a sua cabeça, se houver uma, presidente,

«Stathouder», protector, na república bastarda, possam, caso a situação geográfica do seu país se preste a isso, largar a sua demagogia sobre colónias marítimas ou lançá-la nas conquistas militares.

No primeiro caso, a república como a monarquia tendem para a Emporocracia, quer dizer, para a predominância dos interesses económicos considerados como móbeis do governo.

No segundo caso, a república como a monarquia inclinam-se para o Império, se a conquista militar dos povos estrangeiros durar, e mudar-se, consequentemente, em dominação política.

Tyr, Cartago, Veneza, Génova, Milão, Florença, Espanha, Portugal, Holanda e Inglaterra foram emporocracias quaisquer que fossem aliás as bases republicanas ou monárquicas destas potências.

Roma e, depois dela, a maior parte das potências continentais que ditaram na Europa cristã os tratados gerais, depois de haver fundado as unidades nacionais, tenderam igualmente para o Império: a Inglaterra, durante a guerra dos Cem Anos; a Espanha e a França, durante a guerra de Itália; a Espanha, a França, a Áustria, a Suécia, durante a Guerra dos Trinta Anos; a França chamada republicana durante as guerras da Revolução.

Na Emporocracia como no Império, o problema político da aliança impossível dos dois princípios da monarquia e da república, ou da oligarquia constitucional e da vontade popular, é adiado, mas não resolvido, até ao momento em que as colónias escapam à Emporocracia, as conquistas ao Império, e onde o governo fica reduzido ao dualismo da sua vida interior, sem poder beneficiar de uma diversificação dando para fora um livre exercício às vontades, uma satisfação às energias.

Definimos, por agora, os termos teocracia, monarquia, república, assim como instituições representativas e emporocracia: só nos resta definir Império.

O seu carácter monárquico especial é dominar ao mesmo tempo vários governos, repúblicas ou realezas, vários povos e várias raças.

Assim é que Walmik, o poeta épico indiano, nos representa Ram servindo-se da forma política imperial, a fim de realizar, por consequência, a teocracia.

Assim é, igualmente, que Homero, em medida bem mais restrita, nos representa o seu agamenão como imperador de todos os reis e de todos os povos da Grécia.

Assim é que, enfim, Alexandre, Júlio César, Carlos Magno, Carlos V e Napoleão I reinaram sobre os povos, sobre as raças que eles conquistaram e sobre os seus governos que eles submeteram.

Assim é que, hoje, o governo emporocrático da Inglaterra reina imperialmente sobre várias raças e sobre vários Estados da Europa, da América, da Ásia, da África e da Oceânia.

Conforme se vê pelo precedente, o império real presta-se, como a emporocracia e as instituições constitucionais, a formas políticas extremamente variadas; porque, tendo de reger múltiplos domínios e raças, não os une sob o seu poder senão sob condição, quer de lhes respeitar até certo ponto as instituições próprias, quer de empregar uma força militar que exclui os benefícios que o Estado imperial tem direito de esperar das suas colónias.

Na Europa actual, os outros governos que ostentam o título de Império fazem-no de um modo por assim dizer honorífico, mas sem carácter imperial real, excepto a Sublime Porta e o Império da Rússia.

Todas as formas de governo que acabámos de caracterizar dizem respeito a uma das três grandes divisões da vida social: *Religião*, *Política*, *Economia*.

Com a religião, relaciona-se a teocracia; à política corresponde a república e a monarquia puras ou mistas; à Economia corresponde, enfim, a emporocracia.

Nos anais do género humano, é a teocracia pura que surge mais raramente, porque exige, da parte do seu fundador,

um génio, uma sabedoria, uma ciência excepcionais, circunstâncias favoráveis muito pouco comuns e povos bastante esclarecidos para suportá-la.

A longevidade dos governantes teocráticos é extrema.

O Egipto, as Índias, a China de Fo-Hi, mesmo Israel, apesar do pesado cargo que Moisés lhe fez suportar através dos séculos, fazendo dos Hebreus os guardiões das ciências secretas da antiga unidade, todos estes governos viveram vários milhares de anos e deram ao Mundo todos os ensinamentos que são hoje o património comum da civilização.

Embora tendo na História uma longevidade menos longa, as realezas e os impérios duram mais tempo do que as repúblicas, que raramente ultrapassam alguns séculos.

Esta diferença na duração dos Estados liga-se à maior ou menor força que está encerrada no seu princípio de vida.

A sabedoria e a ciência não tomam verdadeiramente parte no governo das sociedades, a não ser na teocracia, apenas.

Na monarquia, a energia intelectual e moral do fundador deixa sempre a sua obra entregue aos diversos acasos, quando ele já não existe para a dirigir: ela está à mercê da fraqueza e da imbecilidade dos sucessores e, por conseguinte, das facções e da entrada em cena do princípio republicano.

Na república, o princípio de vida é mais fraco ainda, se bem que a vontade popular, tão ruidosa e tão movimentada, possa dar a ilusão da força.

O carácter desta vontade é dividir-se incessantemente contra si mesma, engendrar facções e mais facções e pôr incessantemente o Estado em perigo.

Assim, toda a arte dos legisladores de Atenas, de Roma, de Cartago e de Tyr consistiu, para dar à sua obra alguns séculos de vida, em dotá-la, em rodeá-la de instituições emprestadas por outros regimes sem ser a república, e cuja grandeza suprisse, durante algum tempo, a incurável mediocridade política das massas.» *(Fim de citação.)*

Os nossos leitores podem agora avaliar a importância da obra realizada por Saint-Yves d'Alveydre. A ignorância do grande público e mesmo do público intelectual a respeito das *Missions* e do seu autor prova suficientemente a modéstia deste

último e mostra que ele não buscou na propaganda uma passageira confirmação da sua autoridade. É pois um dever de justiça, que pensamos cumprir, dar a conhecer o melhor que pudermos um verdadeiro sábio, prosseguindo laboriosamente nas suas investigações e que será o primeiro a ficar espantado ao ver os seus trabalhos analisados e patrocinados por uma publicação[1].

Sabe-se agora o partido que se pode tirar da sinarquia. Veremos ao prosseguir como é que os investigadores contemporâneos, continuando pela via indicada por Saint--Yves, puderam anunciar a reacção demagógica cujos primeiros efeitos se fazem actualmente sentir sob o nome de anarquia.

Na sequência dos trabalhos de Saint-Yves sobre a sinarquia, um grupo de investigadores prosseguiu resolutamente na via traçada pelo mestre e, após quatro anos de esforços, os resultados obtidos são suficientemente importantes para que se possa dar a público as primeiras conclusões.

Lembremos uma vez mais que se trata aqui de investigações de carácter completamente científico, que o fim a atingir é primeiro estabelecer uma anatomia social e abordar enfim a psicologia social. Este trabalho requeria pois, antes de tudo, uma análise séria dos órgãos da sociedade, depois uma síntese das funções criadas por esses órgãos, e enfim a procura das leis gerais que presidem a essas funções. Tudo isto explica o tempo necessário a tal estudo, que foi prosseguido por F.-Ch. Barlet, Julien Lejay e este vosso servidor e que só ficará terminado daqui a uns anos.

Os Antigos Egípcios pretendiam possuir a lei de organização e de funcinamento das sociedades. Provaram-no enviando os seus iniciados, Orfeu, Licurgo, Sólon e Pitágoras,

---

[1] Papus teve três Mestres: Eliphas LÉVI; posteriormente à morte deste, o marquês de SAINT-YVES D'ALVEYDRE, que ele chamava o seu «Mestre intelectual», e, nos últimos anos de existência, o Mestre PHILIPPE, de Lyon, taumaturgo e «Homem de Deus» que ele considerava como seu «Mestre Espiritual», que fez dele um discípulo fiel de CRISTO JESUS, isto fora de qualquer igreja. (Doutor Philippe ENCAUSSE.)

para organizar a Grécia ou as suas colónias. Igualmente Moisés tirou do Egipto a organização do povo judeu, organização que permitiu ao espírito de raça resistir a tudo através dos mais espantosos cataclismos. Hoje, os sedentos de reformas sociais reclamam, quase todos, quer uma humanidade nova para aplicar os seus projectos, quer uma total destruição das maquinarias sociais actualmente existentes. Estão de acordo para destruir; mas, quando se trata de edificar, tacteia-se, pronunciam-se grandes frases ocas. O problema a resolver não consiste em matar o doente para educar os seus filhos de maneira nova; consiste em curar este doente, respeitando os seus órgãos e restabelecendo-lhe a saúde social, onde a putrefacção já começou a fazer as suas devastações. Que a nossa sociedade esteja de má saúde, eis um facto que a permanência das nossas sessões legislativas bastava para provar. Vários investigadores, entre os quais Quaerens[1], quiseram até caracterizar o diagnóstico. Num magistral estudo, Jules Lermina[2] esforçou-se bem para trazer à luz o ponto de partida dos nossos males actuais. Todos os esforços feitos neste sentido merecem pois atrair a atenção do filósofo. Vejamos rapidamente as grandes linhas das conclusões analíticas a que chegam os continuadores da sinarquia.

O quadro deste estudo só nos permite infelizmente resumir rapidamente o método empregado, sem poder abordar as vias de realização imediata e prática fornecidas por este método.

Os construtores de sistemas sociais tiram as suas deduções, ou da sua imaginação, ou dos ensinamentos da História, muitas vezes até da simples rotina. Os investigadores de que neste momento nos ocupamos pretendem não haver inventado nada. Esforçaram-se por estudar bem os processos empregados pela natureza na construção de todo e qualquer organismo e, considerando a sociedade como um organismo especial, esforçaram-se por aplicar as leis da vida a este organismo especial; o primeiro resultado dos seus esforços foi verificar que

---

1 *Cachexie stercorale* (Paris, *L'Initiation,* 1893).
2 *Ventre et cerveau* (Paris, 1894, Chamuel).

todos os sistemas de governo *que funcionam* correspondem estritamente a um organismo vegetal ou animal mais ou menos aperfeiçoado.

Encorajados por esta primeira prova da realidade das suas investigações, eles analisaram o organismo humano e esforçaram-se por aplicar à sociedade as leis gerais em acção neste organismo humano. Não vamos voltar às três grandes divisões gerais: Ventre social ou Economia Política; Peito social ou Poder; Cabeça social ou Autoridade, que constituem a base de todos estes estudos e que iremos sempre reencontrar.

Eis em primeiro lugar as grandes divisões estabelecidas neste estudo por F.-Ch. Barlet[1].

«A sociedade é um *ser vivo* composto de seres voluntários e responsáveis.»

«Ela está sujeita às leis biológicas, mas a sua vontade é mais senhora do funcionamento fisiológico do que o ser humano; ela tem a faculdade de dispor mesmo *dos órgãos* sob a sua responsabilidade.»[2]

O seu estudo é, pois, o de toda a biologia.

ANATOMIA	FISIOLOGIA OU BIONOMIA SUBJECTIVA		BIOLOGIA GERAL BIONOMIA OBJECTIVA
—	—		—
Estudo dos órgãos dum grupo social	Funcionamento dos órgãos do grupo social		Funcionamento da humanidade social
	CONSIDERADO ISOLADAMENTE	CONSIDERADO NO SEU MEIO	(História e filosofia da História)
	—	—	
	Política interior	Política exterior	

1 Quanto aos pormenores, consulte-se F.-Ch. BARLET, *Principes de Sociologie Synthétique,* Paris, 1894, Chamuel.

2 Sabe-se que, no homem, a marcha do sistema da vida orgânica (coração e circulação; fígado e digestão; grande simpático e inervação) escapa à influência da vontade. (P).

Para fazer entender melhor estas divisões, vamos dar alguns extractos respeitantes à anatomia, à fisiologia, à psicologia e até à patologia sociais. Indicamos assim claramente o carácter destes estudos.

Anatomia

Qualquer grupo social compreende, pois:

1.º *Indivíduos* (os seus elementos constituintes): o corpo;

2.º Uma unidade que faz desses elementos um ser: o *Estado;*

3.º Unidades intermediárias: famílias e corporações;

4.º E um laço entre os indivíduos e as unidades: o *Governo*, cuja função é dupla:

A) Satisfazer os indivíduos enquanto indivíduos;

B) Ligá-los ao Estado enquanto elementos.

Portanto, reciprocamente, a função dos indivíduos é dupla:

A) Satisfazer o Estado enquanto unidade;

B) Ligá-lo às necessidades do elemento individual.

O sistema Governo é que é deixado à liberdade e à responsabilidade humana (ele tem no entanto princípios fixos que podem e devem guiar).

É como no corpo humano. Os indivíduos são células. O estado é o corpo inteiro. A saúde depende do Governo que a alma dá aos indivíduos pelo estado, às células pelo regulamento higiénico.

A Sociedade, como todo o organismo superior, tem *Corpo*, *Alma* (espiritual e intelectual), *Espírito* e *Vontade* livre para regular a relação de vida destes três sistemas ou conduta que, em sociologia, se chama *Governo*.

O seu espírito, são os princípios que a determinam (o *espírito público*, a *consciência pública*, conforme a expressão vulgar).

A sua alma espiritual é a *autoridade*, a potência espiritual.

A sua alma intelectual é o *poder*, ou, mais nitidamente, o poder temporal (ao qual correspondem as constituições *a priori*).

O seu corpo são os agrupamentos sociais de diversos géneros (família, tribo, comuna, etc.), que são os órgãos ou os sistemas anatómicos, o organismo social.

O espírito e a alma espiritual que pertencem ao mundo do abstracto não têm forma. Pelo contrário, o poder e os grupos sociais são essencialmente formais.

Fisiologia

Como é que o Governo realiza as suas funções?

Como a vontade.

1.º *Ele recebe as impressões* (as quais vêm dos quatro elementos: indivíduo, família, corporação, ou de si próprio, da sua própria iniciativa):

ADVERTÊNCIAS; CADERNOS; PETIÇÕES; INICIATIVA.

2.º *Ele delibera* segundo a consciência (grandes homens), ou a inteligência, ou o sentimento (conquistadores) ou a sensação (tiranos):

DAÍ OS DIVERSOS CONSELHOS.

3.º *Ele ordena:*

LEIS, DECRETOS, ORDENANÇAS, ETC.

Por execução activa (REALIZAÇÃO POR ADMINISTRAÇÃO);

Por execução passiva (COACÇÃO);

— intermediária (MAGISTRATURA);

que decide se existe ou não motivo para a execução.

Deve pois haver:

Faculdade de sensibilidade e órgãos correspondentes;

— de deliberação —

— de ordenança (autoridade) —

— de executar (poder) —

A fisiologia normal, a lei suprema do Governo, é:

1.º Inspiração da autoridade pelo espírito;

2.º Consagração do poder pela autoridade;

3.º Direcção do corpo pelo poder;

de modo que o corpo exprima o espírito.

Mas esta via é um ideal para que a sociedade caminha aplicando sucessivamente uma importância exagerada a um dos elementos: eis o que faz a evolução social.

Patologia

A perturbação é trazida à Sociedade:

1.º Pela *individualidade* (a doença vem da célula), indivíduo isolado ou social.

É a anarquia, a conspiração, a usurpação, etc.

MODIFICAÇÃO DO PODER.

2.º *Pela mudança do espírito público* (a doença vem do moral).

MODIFICAÇÃO DA AUTORIDADE.

É a Revolução.

3.º Por um *ataque do exterior* (a doença vem do meio ambiente).

É a *guerra internacional* (que será, segundo o grupo, entre famílias, tribos, nações, povos ou raças).

É claro que estas notas só têm por fim indicar ao espírito do leitor o método empregado, sem qualquer juízo prévio quanto a resultados adquiridos. Mas este método permitira ao autor de que falamos, *F.-Ch. Barlet*, dar, já há dois anos, num estudo sobre a *Evolução da Ideia* (1 vol., in-18.º), indicações bastante curiosas sobre o período demagógico e de manifestação anárquica em que nós entramos. Eis um extracto desta obra:

«Tal como é a vida total, assim é também a vida de pormenor no santuário, na escola ou no povo, através dos séculos como nos períodos que vêem viver e morrer um sistema económico, filosófico ou religioso. Em toda a parte vereis a princípio um homem ou um grupo de homens inspirador; com ele forma-se o período de infância, de fé, ao qual

sucederão o de análise e o de síntese final, excepto nos acidentes mórbidos ou mortais.»[1]

«Não temos, pois, que nos preocupar com flutuações, agitações, mesmo as mais terríveis, da escola ou da sociedade, como não temos de nos preocupar por causa do sacrifício de vidas individuais pedidas pela vida universal; isso é apenas obra do Destino. Um pensamento único merece os nossos cuidados; a realização do ideal cuja involução produziu o movimento a que somos livres de assentir ou não pelo esforço das nossas vontades e da nossa inteligência.»

«Mas como poderemos realizar esse ideal; que podemos nós particularmente na nossa época a favor e para a evolução dessa ideia?»

«Para o entender, basta considerar que momento da evolução o nosso século representa. É o tempo, particularmente crítico, como já vimos, da análise extrema, de extrema divisão, mitigada por uma tendência para a Federação. Para a sociedade, é a infância da democracia, ameaçada pela doença demagógica. Para o pensamento público é o positivismo materialista que ameça dissolver-se pelo epicurismo ou pelo cepticismo.»

«No entanto, parece-nos haver já dobrado a ponta perigosa deste cabo, porque, na escola como no público, em todas as coisas tendemos para a síntese, e é ela que constitui a nossa salvação, com o fim do movimento que atravessamos.»

«Não temos, pois, que nos aterrorizar, nem pelas ameaças de anarquia social, nem pelos sombrios desesperos do niilismo; são produtos necessários da obscuridade que o Destino nos condena a atravessar, subterrâneos que nos conduzem, se soubermos percorrê-los, aos esplendores de uma ciência e

---

[1] O filósofo V. COUSIN não deixou de assinalar estes fenómenos. «Por todo o lado — diz ele — onde reina uma grande religião está posta a base duma filosofia[...] não nos cansamos de repetir, a religião é o fundo de toda a civilização; é a religião que faz as crenças gerais[...] ela contém também a filosofia[...] a religião aparece sozinha primeiro; depois, da religião sai a teologia, e da teologia sai enfim a filosofia, etc.» (*História Geral da Filosofia,* pp. 35 e 43).

de uma organização social desconhecidas desde há longos séculos.»

«Todos os nossos esforços devem incidir na concentração das nossas forças de todos os géneros; fora da escola pelo altruísmo ou fraternidade, que consiste para cada um no esquecimento da sua individualidade em proveito da universalidade; na escola pela síntese dos nossos conhecimentos, o acabamento na região dos princípios do edifício que começámos a assentar na base do positivismo, e pelo qual reunimos um inapreciável tesouro de materiais.»

«E como, segundo a bela expressão de Carlos Magno, se *é melhor bem fazer do que saber, devemos no entanto saber antes de fazer;* como, em última análise, é a ideia que conduz o Mundo, nada existe que mais peça atenção, mais esforços da nossa parte, do que o órgão social da ideia, da escola. Ali temos de reconstruir, de ressuscitar pelos nossos esforços, de reconduzir ao lar de origem a unidade agora oculta, rebaixada, disseminada nas sombras do mundo sensível.»

«Ali, como no Mundo, a primeira condição deste movimento laborioso e grandioso é o esquecimento da individualidade para a unidade. Só assim se podem realizar as duas condições primeiras da ciência sintética: a união dos três princípios no pensamento, a fim de evitar o escolho mortal da especialização, e a organização hierárquica de todas as forças da escola, a fim de que a divisão do trabalho secunde a síntese pela concentração harmoniosa das vontades.»[1]

É por causa desta divisão em extremo, deste período de anarquia tanto moral como física, que temos de atravessar, que os investigadores que se ocupam de sociologia, quer dizer, do estudo do ventre, da parte mais material da sociedade. *Julien Lejay* trouxe bem a claro estas tendências nalguns artigos notáveis, de que damos aqui um extracto. O leitor encontrará aí indicadas as leis gerais que conduzem, sem eles saberem, a maior parte dos grandes «reformadores» contemporâneos.

---

[1] F.-Ch. BARLET, *L'Evolution de l'Idée,* pp. 160 a 162.

O carácter dominante de todos os pensadores que se ocupam, quer de economia política, quer de sociologia, é querer ligar-se exclusivamente a um princípio de acção negando *a priori* qualquer valor às investigações daqueles que se colocam noutro ponto de vista diferente do deles.

Ora, o manejo da analogia permite considerar sinteticamente os esforços de todos quantos abordaram a questão e, por conseguinte, descobrir o estado exacto da evolução dos espíritos, estado tal que cada um desses reformadores exclusivistas, julgando transformar a sua época, nada mais faz do que traduzir passivamente as aspirações actuais desta época.

O primeiro dever do sintetista é pois procurar a *lei geral* que guiou e que guia ainda nas suas investigações e nas suas conclusões os economistas e os escritores socialistas de qualquer época, e partir dessa *lei geral* para tratar largamente da questão.

O homem individual é incitado por três espécies de aspirações: as aspirações sensuais, as aspirações passionais e as aspirações intelectuais. Partilhando equitativamente as suas forças entre três incitações, ele realiza a saúde física e moral.

O homem que se abandona por completo aos prazeres sensuais não tarda a ver diminuir as suas faculdades intelectuais, e depois a cair doente se continuar. O excesso contrário, o trabalho excessivo e exclusivo das faculdades intelectuais, produz resultados análogos. É no equilíbrio que se encontra a verdadeira solução do problema.

Ora, o homem colectivo, a sociedade, tem as mesmas leis de saúde e de doença que o homem individual, analogicamente falando, e é curioso verificar que todos os sistemas de reforma social propostos são exclusivos e tendem a subordinar tudo à satisfação de apenas uma das aspirações da sociedade.

Eu podia mostrar-vos como existe uma sociologia espiritualista onde tudo está subordinado à felicidade da aristocracia, uma sociologia racionalista onde tudo, pelo contrário, está subordinado à felicidade da burguesia, enfim uma sociologia sensualista, onde o povo deve esmagar todas as

outras classes e ser satisfeito à custa delas. E cada sistema pretende impor-se como único, esquecendo que não há homem composto só de cabeça, só de tórax e só de ventre, e que é, pelo contrário, por uma troca equilibrada entre as funções do cérebro, do coração e do estômago que o ser humano subsiste.

Mas, mais ainda, em cada um destes sistemas sociológicos exclusivos existem subdivisões que dão nascimento a escolas diversas, conforme a moral, a política ou a economia são consideradas como mais importantes para praticar, sempre exclusivamente.

Assim, na hora actual, estamos na economia depois de haver passado pelos outros lugares, e a economia política é considerada como a única digna de interesse. Deixem-me pois insistir um pouco neste ponto, e consideremos em conjunto as conclusões que cada sectarismo apresenta segundo o modo pelo qual considera a economia política, abdómen da sociedade.

Não era bastante querer inventar os seres humanos compostos unicamente de um ventre subordinando tudo à economia; foi-se mais longe e quis-se subordinar todos os órgãos a um deles, de tal sorte que cada escola de economistas pretende que um único órgão deve fazer tudo e que os outros para nada servem, supondo mesmo que existem.

Encontramos, realmente, uma economia política espiritualista, outra racionalista, outra sensualista, e cada uma pretende possuir a verdade em exclusivo. — Naturalmente. — Vejamos um pouco os pormenores.

A riqueza emana do Estado, o Estado é o criador da riqueza, o valor reside na abstracção, quer dizer, na moeda. Todas as funções económicas devem, pois, estar subordinadas ao Estado, criador da moeda.

Eis o que dizem os partidários da economia política espiritualista, de que Law foi um dos famosos representantes.

Estais enganados: *a riqueza emana do trabalho*, o homem é criador da riqueza, o valor reside no trabalho, quer dizer, no homem, dizem os economistas nacionalistas, de que Adam Smith, Say, Simon foram e são os brilhantes representantes.

Que erro o vosso, clamam por seu lado os economistas sensualistas, *a riqueza emana da natureza*, o valor reside nos produtos da natureza e não noutra parte. Daí a ideia do imposto único sobre a propriedade imobiliária, daí todas as teorias dos agrários e o êxito colossal de Henry Georges, que formulou as aspirações daqueles.

E o que é notável é que, à chegada de cada escola de economistas ao poder, as escolas futuras já se manifestavam, mas sob a forma de protesto. Assim, Turgot e os *fisiocratas* defendiam há longo tempo que a riqueza emana da natureza na época dos economistas espiritualistas, enquanto que os comunistas de 1848, Babeuf, Fourier, Cabet, etc., defendiam uma tese análoga em oposição aos economistas racionalistas.

Perguntam-se decerto o que faz o sintetista, o ocultista de acção, em presença desta multidão de sistemas convencidos? Ele busca agrupar esses diversos princípios para formar com eles um organismo social compostos de uma cabeça, de um tórax e de um abdómen, como o próprio homem. E, no caso actual, visto que se trata de economia política, o sintetista esforça-se por precisar o papel de cada um dos órgãos abdominais da sociedade, cada qual representado por uma escola especial.

Sinteticamente, pois, tudo é verdadeiro; basta aprofundar a questão e, especialmente, evitar o eclectismo, o maior erro possível.

No abdómen do homem há qualquer coisa que serve de *suporte* a tudo o que o ventre contém, é a matéria orgânica constituindo todas as células. Mas estas células breve cessariam a sua função e morreriam se outra coisa, o sangue e especialmente o oxigénio que ele conduz, não viesse *animá-las*. Enfim, estas células poderiam mesmo viver, que nada se produziria se outra coisa ainda, a incitação nervosa, não viesse pôr tudo isto *em movimento*.

E estes três princípios de acção, a matéria-prima, a força animadora e a força motriz, são de tal modo ligados e de tal modo necessários uns aos outros que não se pode concebê-los a agir separadamente.

No abdómen social (economia política) a *matéria-prima* produzida pela natureza suporta tudo e forma a base sobre a

qual se apoiam as outras acções; mas o *trabalho* produzido pelo homem vem dar o valor a esta matéria-prima, e, enfim, a *especulação* de que este valor é objecto vem dar a mais-valia e o movimento aos outros princípios.

É da reacção harmónica destes princípios: Especulação, Trabalho e Realização física que resulta a saúde do abdómen social.

CONCLUSÃO

Entregámo-nos a expor a filosofia do ocultismo tão largamente quanto o nosso quadro permitia. Esforçámo-nos por dar ao menos um bosquejo rápido de todas estas teorias sobre o astral, sobre o mediador plástico e sobre a evolução do espírito, que bastantes críticos só conhecem pelas deformações que delas foram feitas pelos autores dos tratados clássicos e das enciclopédias. Mas não devemos perder de vista que as ideias que talvez tenhamos resumido mal deram lugar a desenvolvimentos bastante grandes, que o investigador ávido de dados certos deve consultar de preferência, em vez deste estudo apressado.

Note-se também que fizemos o possível por não sacrificar as ideias da moda.

Não dissimulamos, realmente, o espanto que as exposições sobre a Terra considerada como ser vivo, sobre Cristo e a Redenção, sobre as faculdades místicas do ser humano e sobre a prece vão causar nos críticos imbuídos das ideias científicas contemporâneas, se eles condescenderem em lançar uma vista de olhos a estas páginas.

Nós próprios percorremos os diversos estádios desta evolução intelectual que conduz do materialismo ateu ao panteísmo filosófico e daí ao cristianismo racional, livre de todas as algas e de todas as mossas clericais.

A nossa convicção tornou-se ainda mais firme. Bem podem querer inventar palavras novas ou negar os factos psíquicos mais evidentes; ver-se-ão obrigados, em último recurso, a voltar às teorias do ocultismo e aos seus métodos para explicar claramente e racionalmente os fenómenos de telepatia, de visão profética, de acções psíquicas a distância e

Esta é a nossa esperança.

pela compreensão da Justiça do Verbo em todos os planos.

DO CORAÇÃO pela certeza científica da sobrevivência e conduz ao único ideal que se deve buscar na Terra: A PAZ encontrem algumas almas que descobrirão aí o caminho que as páginas precedentes não deixarão de provocar, talvez se

Esperamos também que, ao lado das críticas violentas que

da Ordem martinista.

listas[1], quer na nossa Escola hermética, quer nas formações

maior número, quer na Sociedade das conferências espiritua-

estas ideias, dão-nos a honra de vir inscrever-se, cada dia em

sobre *L'Inconnu*; os estudantes desejosos de melhor conhecer

dos fatos consignados por Camille Flamarion no seu livro

nas Sociedades psíquicas; os espíritos, perturbados pela leitura

Os investigadores, emocionados pelas experiências feitas

escolas, progridem mesmo para além das nossas esperanças.

Depois, as nossas sociedades, os nossos jornais, as nossas

no caos analítico contemporâneo.

este Arcabouço que deve lançar uma luz sintética tão viva

o marquês de Saint-Yves d'Alveydre, dá a última demão a

Ao mesmo tempo, um dos nossos mais eminentes mestres,

em provocar desde vários anos.

tem enfim a emoção que todos os espiritualistas se esforçam

fatos perturbantes. Quer dizer que os meios científicos sen-

experiências, destinados a lançar um pouco de luz sobre estes

de Estudos Psíquicos, jornais de psicologia, laboratórios de

Por todos os lados se fundam, neste momento, Sociedades

parcial das nossas ideias.

amigos e de camaradas fiéis que conseguimos assistir à vitória

graças ao apoio que estes esforços puderam achar junto de

rialismo, por um lado, e o clericalismo, por outro. E foi

desenvolvemos os nossos esforços para lutar contra o mate-

É nesta esperança que, desde há mais de quinze anos,

ver mais numerosos.

de exteriorização, que se tornarão cada vez mais certos e cada

PAPUS

---

[1] Hôtel des Sociétés Savantes, 28, rue Serpente, Paris.

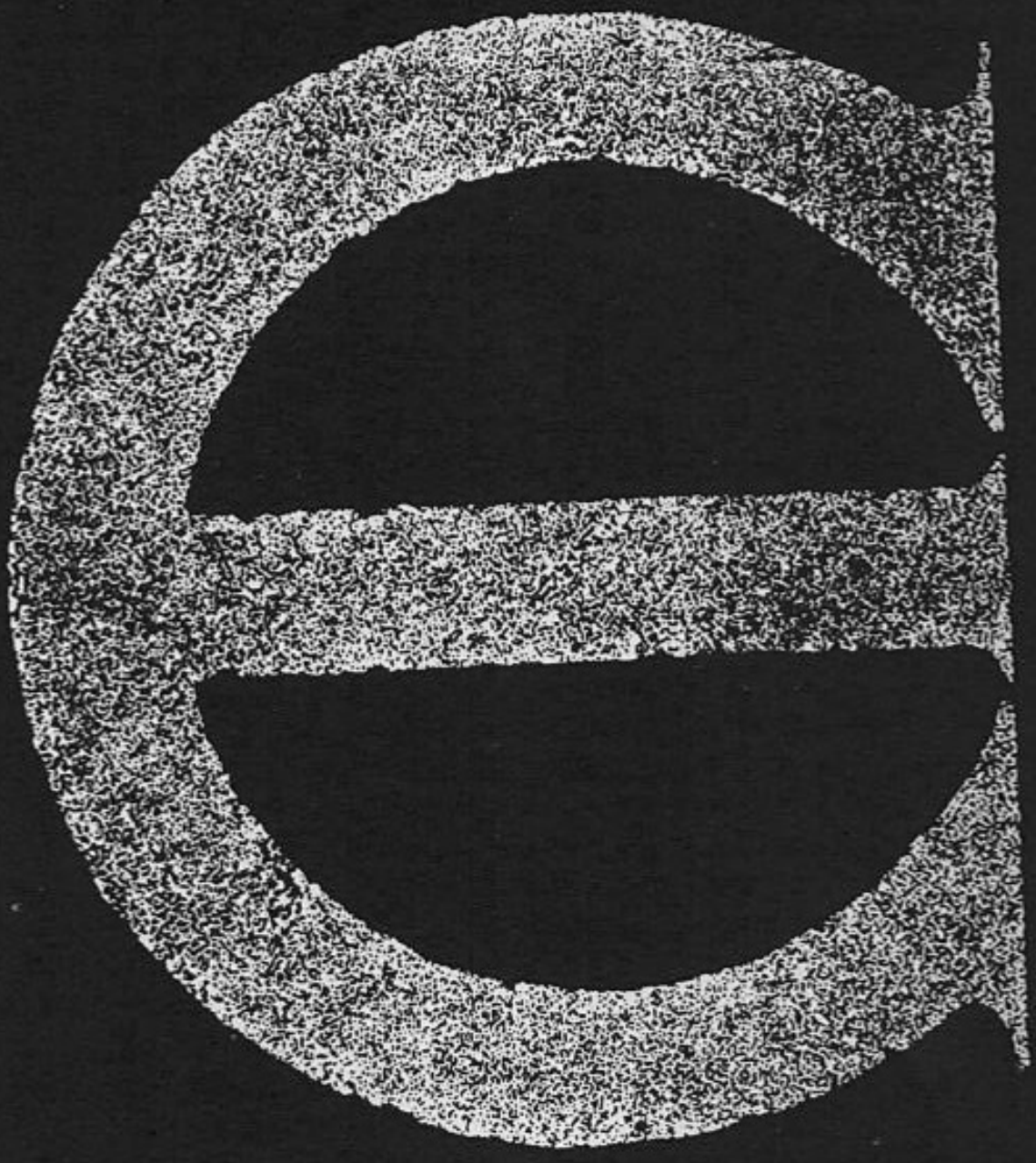
Índice

Estudo e retrato de Papus, por Anatole France 9
Introdução 17
I. PSICOLOGIA 21
II. LÓGICA 43
III. METAFÍSICA 59
IV. TEODICEIA 89
V. MORAL 103
VI. A SINARQUIA 119
Conclusão 151

Estudo e revista de Pupos, por Anatole France 9
Introdução 17
I. PSICOLOGIA 21
II. LÓGICA 45
III. METAFÍSICA 59
IV. TEODICEIA 89
V. MORAL 105
VI. A SINAROUIA 149
Conclusão 151

Composto e impresso
em Tipografia Guerra, Viseu
para EDIÇÕES 70
em Maio de 1986

Depósito legal n.º 8349



O químico Gerard Encausse. «Papus», é considerado, no mundo inteiro, como um dos mais reputados vulgarizadores do Ocultismo. Composta de cerca de cento e sessenta títulos, a sua obra permitiu a um grande número de investigadores encontrar finalmente uma das vias que levam à VIA. O presente livro tem por objectivo pôr em evidência, num reduzido número de páginas, as noções caras aos ocultistas da grande «época papusiana», aqueles a quem Victor-Emile Michelet chamou «Os Companheiros da Hierofania».